

®

REVISTA SOBRE MERCADO E TECNOLOGIA PARA CELULOSE E PAPEL / MONTHLY MARKET AND TECHNOLOGY MAGAZINE FOR PULP AND PAPER

# Opapel



ANO LXXX Nº 04, ABRIL 2019

MONTHLY JOURNAL OF PULP AND PAPER TECHNOLOGIES - YEAR LXXX, Nº 4, APRIL 2019

## EDIÇÃO ESPECIAL



## SPECIAL EDITION





## POR PATRÍCIA CAPO,

Coordenadora de Publicações da ABTCP e Editora responsável da *O Papel*  
Tel.: (11) 3874-2725 • E-mail: patriciacapo@abtcp.org.br

ABTCP's editorial Coordinator and Editor-in-chief for the *O Papel*  
Tel.: (11) 3874-2725 • E-mail: patriciacapo@abtcp.org.br

PARABÉNS, REVISTA *O PAPEL*, PELOS 80 ANOS!

**A**bril, 1939, o Departamento da Imprensa e Propaganda, sob o número 11127, no Brasil, registra o lançamento da *O Papel*, que traz em sua capa a referência de ser uma "Revista Técnica das Indústrias de Papel, Celulose Química, Celofan, Cartonagem, Artes Gráficas, Indústria em geral e Propaganda, para todos os países da América do Sul".

A redação desse título está na ortografia dos anos 1930, e, de lá para cá, a nossa Língua Portuguesa e o mundo mudaram muito! Mudanças estas que também se refletiram na Revista *O Papel* como reestruturações gráficas e editoriais. De lá para cá, "Nesses 80 anos da revista *O Papel* só uma coisa não mudou: a qualidade da informação", assim como disse nossa chamada de pauta de abril, 2019. E este critério editorial é o grande responsável pela permanência de um veículo jornalístico no mercado, impresso e mensal, por longas oito décadas!

Um tempo em que o Brasil e o mundo atravessaram guerras; teve racionamento de papel; o País passou de importador para as primeiras posições do ranking de exportadores de celulose, com a fibra de eucalipto sendo a grande estrela a brilhar entre outras fibras utilizadas naqueles períodos para fabricar celulose; surgiram diversas empresas, produtoras da commodity e de papel; entre tantos outros fatos registrados pela *O Papel* em 80 anos de circulação, contando a história de muitas histórias do setor...

Portanto, esta edição de aniversário, com novo projeto gráfico e recursos interativos de leitura, traz um caderno especial, dividido em oito capítulos, passando pelos 80 fatos em 80 anos de publicação de notícias divulgadas pela *O Papel*, que teve entre seus diretores responsáveis pela redação na década de 1950 o jornalista, poeta e pintor, Menotti Del Picchia, dono da cadeira 28 da Academia Brasileira de Letras (ABL).

Nas páginas da *O Papel*, que passaram pelas aprovações desse ilustre profissional, estiveram empresas e profissionais que fizeram a diferença na história do setor de celulose e papel.

Todos os leitores poderão reviver essas histórias, em que muitas organizações do passado se transformaram em grandes companhias atualmente, sendo que algumas foram incorporadas nos períodos de consolidação, e o desenvolvimento tecnológico marcou território no País, contando com a chegada de empresas multinacionais de diversos países para construir as bases da autossuficiência do Brasil na produção de celulose e papel durante os 80 anos desta indústria, acompanhados pelos repórteres e redatores da *O Papel*.

Dentre essas indústrias vitoriosas do setor de celulose e papel como produtores estão nossas apoiadoras da Campanha Revista *O Papel 80 Anos*, Klabin e Suzano, a quem muito agradecemos pela confiança e comprometimento com o futuro da Revista *O Papel*. Também agradecemos o apoio dos fornecedores Kemira, Solenis e Voith. De mãos dadas com vocês e novos apoiadores, a *O Papel* deixa aqui registrados seus grandes marcos históricos: lançamento de novo projeto gráfico, circulação de quase 1 mil edições impressas; aproximadamente 4 milhões de leitores no Brasil e no mundo; presença nas redes sociais Instagram e LinkedIn; versão digital em [www.revistaopapeldigital.org.br](http://www.revistaopapeldigital.org.br) com aplicativo "Revista *O Papel*" para leitura nos smartphones e tablets. Futuramente, construiremos com nossos apoiadores uma plataforma integrada de notícias e serviços de pesquisa e esperamos que a tradição do papel e a modernidade da comunicação digital caminhem juntas nesta história rumo ao centenário, fazendo jus aos fundadores desta publicação. ■

CONGRATULATIONS, *O PAPEL* MAGAZINE,  
FOR YOUR 80TH ANNIVERSARY!

**A**pril, 1939, the Press and Advertising Department in Brazil, under number 11127, registers the launching of *O Papel*, which on its cover states it's a "Technical Magazine for Paper, Chemical Pulp, Cellophane, Cardboard, Graphic Arts, Industry in General and Advertising, for all countries in South America".

The writing of this title is in accordance with the spelling from the 1930s and, from then to now, our Portuguese language and the world have changed immensely! Changes that were also seen in *O Papel* magazine, such as printing and editorial restructurings. From back then to now, "In these 80 years of *O Papel* magazine only one thing did not change: the quality of information," as mentioned in the title for the April 2019 edition. And this editorial criterion is the main factor responsible for the continuity of a news vehicle in the monthly print market for eight decades!

This was a period of time in which Brazil and the world experienced wars; paper rationing; the country went from being an importer to occupying one of the top positions in the ranking of pulp exporters, with eucalyptus fiber being the main star to shine among the other fibers used in those days to produce pulp; several companies were opened to produce the commodity and paper; among many other facts registered by *O Papel* in its 80 years of circulation, telling the story of many stories about the sector...

Therefore, this special anniversary edition includes a special section, broken down into eight chapters covering the 80 facts in 80 years of news coverage by *O Papel* magazine which had as one of its directors in the 1950s the journalist, poet and painter, Menotti Del Picchia, member of seat 28 of the Brazilian Academy of Letters. In the pages of *O Papel*, which were approved by this illustrious professional, were companies and professionals that made a difference in the history of the pulp and paper sector.

All readers will be able to relive these stories, in which many organizations from the past became large companies today, some of which were incorporated during periods of consolidation, and technological development marked its presence in the country with the arrival of multinationals from various countries to build the foundations of self-sufficiency for pulp and paper in Brazil during the 80 years of this industry, witnessed by reporters and writers of *O Papel*.

Among these successful industries in the pulp and paper sector are our supporters of the *O Papel* 80 Years Campaign, Klabin and Suzano, who we thank for their trust and commitment to the future of *O Papel* magazine. We also thank the support of the suppliers Kemira, Solenis and Voith. Holding hands, *O Papel* presents its readers the main milestones of its history: circulation of almost 1,000 print editions; roughly 4 million readers in Brazil and worldwide; present in social networks like Instagram and LinkedIn; a digital version in [www.revistaopapeldigital.org.br](http://www.revistaopapeldigital.org.br) with the "Revista *O Papel*" app for reading on smartphones and tablets. Down the road, we will be building with our supporters an integrated platform of news and research services and hope that the tradition of paper and the modernity of digital communication walk hand-in-hand in this history towards the magazine's 100<sup>th</sup> anniversary, honoring its founders. ■

Ano LXXX N.º 4 Abril/2019 - Órgão oficial de divulgação da ABTCP - Associação Brasileira Técnica de Celulose e Papel, registrada no 4.º Cartório de Registro de Títulos e Documentos, com a matrícula número 270.158/93, Livro A. • Year LXXX # 4 April/2019 • ABTCP - Brazilian Technical Association of Pulp and Paper - official divulge organ, registered in the 4<sup>th</sup> Registry of Registration of Titles and Documents, with the registration number 270.158/93, I liberate A. Revista mensal de tecnologia em celulose e papel, ISSN 0031-1057 / Monthly Journal of Pulp and Paper Technology

Redação e endereço para correspondência / Address for contact: Rua Zequinha de Abreu, 27 • Pacaembu, São Paulo/SP • CEP 01250-050 • Telefone (11) 3874-2725 • e-mail: patriciacapo@abtcp.org.br

Conselho Editorial / Editorial Council: André Magnabosco, Carime Kanbour, Joice Santos, Luciana Souto, Milena Serro, Sidnei Ramos e Tamara Natale. (Em definição dos demais conselheiros)

Comitê de Trabalhos Técnicos ABTCP / The ABTCP's Committee of Technical Papers: Editora Técnica Designada/Technical Paper Editor in Charge: Deusanilde de Jesus Silva (Universidade Federal de Viçosa);

Jornalista e Editora Responsável / Journalist and Responsible Editor: Patrícia Capó - MTb 26.351-SP • Reportagens: Caroline Martin e Thais Santi • Revisão / Revision: Mônica Reis -

Tradução para o inglês / English Translation: Okidokie Traduções • Projeto Gráfico / Graphic Design: Fmais Design e Comunicação | [www.fmais.com.br](http://www.fmais.com.br) • Editor de Arte / Art Editor: Fernando Emilio Lenci.

Produção / Production: Fmais Design e Comunicação • Impressão / Printing: BMF Gráfica e Editora • Papel / Paper: Suzano • Distribuição: Distribuição Nacional pelos Correios e TREELOG S.A.

Logística e distribuição • Publicidade e Assinatura / Publicity and Subscription: Tel.: (11) 3874-2733/2708 • Aline L. Marcelino • e-mail: relacionamento@abtcp.org.br

Representative in Europe: Nicolas Pelletier - RNP Tel.: + 33 682 25 12 06 • e-mail: rep.nicolas.pelletier@gmail.com • Representante no Brasil: Go.va - Tel.: (11) 2218-0005 - e-mail: selma@gova.com.br

Publicação indexada/Indexed Journal: \*A Revista *O Papel* está totalmente indexada pelo/ The *O Papel* Journal is totally indexed by: Periodica - Índice de Revistas Latinoamericanas em Ciências /

Universidad Nacional Autónoma de México, periodica.unam.mx; e parcialmente indexada pelo/ and partially indexed by: Chemical Abstracts Service (CAS), [www.cas.org](http://www.cas.org); no Elsevier, [www.elsevier.com](http://www.elsevier.com); e no Scopus, [www.info.scopus.com](http://www.info.scopus.com) • Classificações da *O Papel* no Sistema Qualis pelo ISSN 0031-1057: B2 para Administração, Ciências Contábeis e Turismo; e B3 para Engenharias II; B4 para

Engenharias I; e B5 para Ciências Agrárias I. • Os artigos assinados e os conceitos emitidos por entrevistados são de responsabilidade exclusiva dos signatários ou dos emittentes. É proibida a reprodução

total ou parcial dos artigos sem a devida autorização / Signed articles and concepts emitted by interviewees are exclusively responsibility of the signatories or people who have emitted the opinions. It is

prohibited the total or partial reproduction of the articles without the due authorization.

---

# o papel<sup>®</sup>

# 80 ANOS

NESSES 80 ANOS DA REVISTA *O PAPEL*,  
SÓ UMA COISA NÃO MUDOU:  
A QUALIDADE DA INFORMAÇÃO.



# REVISTA O PAPEL 80 ANOS: OS 80 FATOS MAIS MARCANTES PUBLICADOS SOBRE A HISTÓRIA DE MUITAS HISTÓRIAS DO SETOR...

**U**ma viagem pelo tempo é o que faremos por meio dos oito capítulos deste caderno especial da edição de aniversário dos 80 anos da Revista *O Papel*. Com novo projeto gráfico, os leitores poderão acessar os QRCodes dos 80 fatos e continuar lendo por meio digital, para vivenciar um pouco mais dos conteúdos dos arquivos históricos entre os quais pesquisamos os fatos principais em milhares de páginas já editadas da publicação em oito décadas.

Na verdade é impossível apresentar tudo que foi importante sobre o setor durante tanto tempo em tão poucas páginas deste caderno especial. Saímos de uma época, 1939, primeiro ano de circulação da *O Papel*, em que a indústria de celulose e papel sonhava em um dia ser autossuficiente até chegar aos dias de hoje, quando nem precisamos falar sobre o grau de competitividade e inovação a que ela chegou! Os desafios foram superados e hoje o Brasil ocupa as primeiras posições no *ranking* mundial de produtores de celulose e papel.

O sucesso do setor e seus movimentos em busca do crescimento sempre serviram de suporte ao conteúdo editorial da *O Papel* e levaram a publicação a conquistar 80 anos de circulação como poucas revistas segmentadas conseguiram esse feito e ainda mantendo o meio impresso como principal forma de condução da notícia. Mérito também do apoio de muitas empresas, anunciantes e patrocinadoras.

Em 80 anos isto é certo: a Revista *O Papel* cumpriu seu legado como meio de informação sobre o setor de celulose e papel do Brasil e do mundo e como veículo difusor do conhecimento técnico aos profissionais das fábricas em li-

nhas de operação. Para selecionar em 80 anos os 80 fatos mais marcantes do setor de papel e celulose, alguns critérios foram estabelecidos, como a frequência de abordagem de determinados assuntos; a relevância da notícia para a economia do setor; os investimentos significativos; os momentos de transição entre os períodos de baixa e alta do mercado, entre outros.

A evolução da capacitação técnica paralelamente ao desenvolvimento das empresas também é mostrada por meio de alguns fatos relevantes, destacando o papel da ABTCP, que em 1963 complementou, amparou e deu respaldo às necessidades técnicas da indústria, o que lhe proporcionou uma amplitude junto ao público leitor da *O Papel*, que necessitava de informações desse nível pelo meio impresso. Atualmente, a *O Papel* inicia a veiculação de suas matérias também pelos meios digitais, considerando a velocidade da comunicação, e tem seu projeto editorial em construção para trazer aos leitores a *O Papel* 4.0 a partir de 2020.

Sigamos juntos em direção a este futuro, contando com as empresas que sempre valorizaram a informação de credibilidade e apoiaram nossas ações. Páginas e páginas com mais histórias contadas pela *O Papel* ainda estão por ser escritas com a sua participação e a de sua empresa e, certamente, irão apontar os rumos da evolução do setor de celulose e papel e suas inovações muito além da Indústria 4.0 para as próximas gerações.

**A lembrança da nossa história – Revista *O Papel* e empresas do setor de base florestal – começa na página a seguir...**



## Uma Suzano **nova em folha** **para o Brasil** e para o mundo.

A Suzano é o resultado da soma de ideias, talentos e possibilidades de um futuro que promete trazer ainda mais orgulho para o Brasil. Da união entre a Suzano Papel e Celulose e a Fibria, nasce uma empresa com 11 fábricas espalhadas pelo país, que tem o desejo de ser referência no uso sustentável de recursos renováveis. Uma transformação que começa com a gente e chega à vida de bilhões de pessoas todos os dias.

Saiba mais em [suzano.com.br](https://www.suzano.com.br)  
e pelas redes sociais.



# PRIMEIRA DÉCADA: 1939 A 1949

## A REVISTA *O PAPEL* SURGE NO BRASIL NO MOMENTO EM QUE A INDUSTRIALIZAÇÃO SE FORTALECE NO PAÍS...

**E**ra abril de 1939 quando a revista *O Papel* foi fundada por Américo Kende, André Tibor, Paulo Herlinger e Carlos José Benko e trouxe como slogan de destaque a seguinte frase: “A Revista *O Papel* é, no gênero, a única na América Latina”. O começo de tudo retratou a seriedade e a vontade de ir longe no horizonte editorial.

Possuía correspondentes internacionais... Sucursais em diversos estados do Brasil... Contava com um diretor responsável que pertencia à Academia Brasileira de Letras (ABL). E vinha para contar a história de muitas histórias do setor de celulose e papel sem imaginar que ela chegaria aos 80 anos de circulação, mensal, impressa e que um dia a história do veículo editorial *O Papel* cruzaria o caminho da história da Associação Brasileira Técnica de Celulose e Papel (ABTCP) – hoje com seus 52 anos de atuação pelo desenvolvimento tecnológico e busca por inovação.

A *O Papel* então começou a preencher suas primeiras páginas de notícias internacionais, recebidas de seus correspondentes do mundo todo, com manchetes sobre a escassez de papel imprensa e o

seu impacto nos mercados mundiais. Consequências provocadas pela Segunda Guerra Mundial.

“ A NOSSA  
REVISTA TAMBÉM  
CUMPRIRÁ O DEVER  
DE APRESENTAR À  
APRECIÇÃO DE SEUS  
PRESADOS LEITORES,  
OS ARTIGOS TÉCNICOS  
NECESSÁRIOS PARA  
QUE FIQUEM A PAR DO  
DESENVOLVIMENTO  
UNIVERSAL  
DESTE RAMO ”

*André Tibor (O Papel - Em ortografia da década de 1940)*

No Brasil, enquanto isso, falava-se do crescimento da indústria de papel, fomentado pelo governo Getúlio Vargas, e quanto à necessidade do próprio abastecimento dessas indústrias pelo desenvolvimento de plantas voltadas unicamente à produção de celulose e da pasta de madeira.

**1.º FATO** – Foi em janeiro de 1940 que Getúlio Vargas assinou o decreto-lei como incentivo e auxílio ao desenvolvimento do setor de celulose e papel. A grande era das papeleiras, com a aquisição de maquinários e aumento da produção, ganhou força em território nacional.

Por sua vez, a *O Papel* crescia a cada edição com muitas notícias relevantes, tornando-se o canal de divulgação de tecnologias dos fornecedores e dos fabricantes do setor de base florestal, com inúmeras páginas de anunciantes antecipando o caderno de notícias.

Na indústria, o pinho começou a ser explorado na região Sul. Outras espécies fizeram parte da produção, como o pinheiro do Paraná, o lírio do brejo, a palha de arroz, o capim Jaraguá, o bambu etc. Na época, somavam 90 mil toneladas. A indús-

1.º FATO



**O PAPEL**

## O PRESIDENTE DA REPUBLICA E NOSSA INDUSTRIA DO PAPEL

Das varias visitas realizadas pelo Presidente Getúlio Vargas, em sua recorrida em todo Estado, devemos destacar a que particularmente interessa nossa industria, isto é, a industria do papel.

S. Lucia, o Presidente Getúlio Vargas visitou a fabrica de papel de propriedade dos Srs. Simão & Cia, desta Capital.

O Chefe da Nação estava acompanhado do Intervenitor do Estado de São Paulo, Dr. Adhemar de Barros, além de pessoas de grande destaque do cenário brasileiro, Cel. Mauricio Cardoso, comandante da 2.ª Região Militar, bem como, de altas personalidades do governo paulista. ... Podia-se notar ainda a presença de pessoas de grande destaque na industria e comércio de São Paulo, como os Srs: Dr. Roberto Simonsen, Presidente da Federação das Industrias, Sr. Argemiro Costa de Barros, Presidente da Associação Comercial de São Paulo, Dr. Eduardo Jafet, Marvan Dias de Figueiredo, Pedro Assis de Oliveira, Francisco Daljeat, Antonio de Souza Moschini, Carlos Duarte de Azevedo, Diretores da Federação das Industrias, Srs. Alvaro Ehrenthal, Guilherme Vidal Leite Ribeiro, bem como outros convidados.

Receberam as honras vindas dos Srs. Karan Simão Racy, Milton Simão Racy e dos Diretores da firma Trindades Cavallari & Filhos, fabricantes e construtores das maquinas costeiras de papel ali instaladas.



*O Presidente da Republica com sua comitiva, inspecionando a Bateria de Secadores da machina cordão nacional*

*O Papel* apresentou um texto intitulado “Os algarismos falam”, por André Tibor, diretor da publicação, com análises das exportações brasileiras de papel. Eram os indicadores da época... Ele destacava que era de suma importância para a indústria moderna e o comércio moderno desenvolver e realizar atividade estatística para ganho de competitividade.

Essencialmente, chamou-se a atenção para a gestão profissional nas empresas, que hoje é apontada de forma cada vez mais relevante. O artigo de Tibor destacava: “Ficou determinada a estatística organizada anualmente pela Federação dos Fabricantes de Papel, da produção nacional de papel. A estatística divide a produção em 32 qualidades, relatando separadamente a quantidade fabricada por qualidade (...). Este artigo somente deseja reforçar a atenção dos competentes.

“A nossa Revista, para o futuro, também cumprirá o dever de apresentar à apreciação de seus presados leitores, os artigos técnicos necessários para que fiquem a par do desenvolvimento universal deste ramo, bem como apresentar as novas qualidades de papel lançadas no mercado, e que apresentem possibilidades de aumentar o consumo em geral (...)”, pontuou Tibor na década de 1940.

Em artigos assinados discutia-se o avanço da indústria de celulose nacional e os empecilhos para tal crescimento. Na época, José Duarte de Oliveira apontou ser impraticável, por questão competitiva, o Brasil possuir suas próprias fábricas destinadas à fabricação exclusiva da celulose e como desafios havia a secagem de 50% de água existente na celulose

tria papeleira estava consideravelmente instalada nas regiões de São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Paraná, Minas Gerais, Santa Catarina e Pernambuco, totalizando 32 fábricas de papel, com produção de 130 mil toneladas anuais e 20 mil operários.

A Leme do Prado, por exemplo, era uma das principais produtoras de celulose da época. Em visita à propriedade, o repórter da *O Papel* cons-

tatou as instalações. O fornecedor de pinho para celulose e pasta mecânica empregava 150 homens no preparo do pinho, possuía 26 veículos motorizados para o transporte com cerca de 30 a 80 km de distância das estações de embarque. Além disso, transportava a madeira por água em Aiuruoca por cerca de 40 km, atuando em Minas Gerais e São Paulo.

Com matérias vanguardistas, na edição de outubro de 1940, a

após sua fabricação, a instalação de máquinas destinadas à fabricação de celulose e o custo de arame para enfiamento.

Esse assunto veio à tona no editorial da *O Papel*, devido à visita do ministro João Alberto aos Estados Unidos e Canadá para proceder aos estudos da instalação da indústria de celulose no Brasil, com promessas de construir uma grande estatal para o País. Simultaneamente, as possibilidades de desenvolvimento da produção de papel kraft eram avaliadas pelos fabricantes.

**2.º FATO** – Com 11 mil kg de papel produzidos, a indústria de cimento já absorvia 3 mil kg para a fabricação de sacos de embalagem. O restante era destinado à produção de sacos de açúcar, café, bananas, embrulhos, lixas, entre outros. Em

1941, durante a Segunda Guerra Mundial, as fabricantes nacionais ganhavam espaço no mercado interno, mas lutavam para garantir o fornecimento da celulose.

Era muito comum a visita dos nossos repórteres às instalações das fábricas a cada novidade que possibilitasse tais avanços. A exemplo, a Fábrica de Papel Petrópolis, sediada na cidade de mesmo nome, no Estado do Rio de Janeiro, que possuía uma equipe de 400 funcionários produzindo papel acetinado, papel registro, ilustração, mimeógrafo, entre outros. Um total de 10.486.960 kg por ano em 1940. Um salto de produtividade se comparado a 1930 quando produziam 3.181.634 kg.

**3.º FATO** – A história acontecia, e a *O Papel* a retratava! Nas edições de 1941 e ainda em publicações posteriores, foram destaques editoriais a preocupação com o futuro, quanto ao fornecimento de madeira – “O problema florestal com considerações em torno da silvicultura da celulose e do papel”, título esse do artigo do presidente da Junta Comercial de São Paulo, Doutor Orlando de Almeida Prado, destacando o consumo mundial de madeira

3.º FATO



destinada à fabricação mundial de pasta de celulose, que consumia 400 milhões de metros cúbicos de madeira por ano.

Os Estados Unidos gastavam 21 milhões de metros cúbicos de madeira exclusivamente para sua indústria. Sua preocupação *versus* o Brasil se dava quanto ao abastecimento e à necessidade de reflorestamento para não dependência de florestas nativas. Dizia que, a não ser as florestas de Pinheiros e Eucaliptos da companhia Melhoramentos, que eram para seu consumo próprio, essa era a única fonte de madeira que se poderia contar para suprir quaisquer necessidades.

**4.º FATO** – Nesse mesmo ano, a revista *O Papel* anunciou a fundação de uma fábrica de papel com maquinário genuinamente nacional. “Funciona nesta capital

2.º FATO







5.º FATO



**O PAPEL**

**CELULOSE PARA A INDÚSTRIA DE PAPEL NO BRASIL**

Os Estados Unidos estão fornecendo 87% do total de nossas importações

De acordo com o texto da matéria, a indústria de celulose brasileira para a fabricação de papel encontra-se em situação crítica devido à dependência das importações. O artigo discute a necessidade de desenvolver a produção nacional de celulose a partir de fontes locais, como o pinheiro brasileiro, e a importância de estabelecer um consórcio industrial para aproveitar melhor os recursos disponíveis.

**CELULOSE EM MARRA OU PASTA**

**IMPORTAÇÃO NO BRASIL EM 1942 E 1941 POR PAÍSES DO PROCEDÊNCIA**

PAÍS	1942 (100 toneladas)		1941 (100 toneladas)	
	1942	1941	1942	1941
Estados Unidos	32.040.218	42.193.438	51.737.136	73.361.927
Canadá	1.009.892	2.420.512	2.097.110	6.099.061
Portugal	34.710.202	7.748.762	21.293.227	32.000.700
Alamark	10.000	102.000	40.000	200.111
Frância	174.800	2.422.110	2.214.000	14.000.140
Países Baixos	100.000	---	800.000	---
Itália	400.000	---	212.014	---
Polónia	---	---	212.014	---
Outros	8.011.845	---	4.022.000	---
<b>TOTAL</b>			<b>16.000</b>	<b>20.500.000</b>

Nessa ocasião, a revista ofereceu todo o espaço necessário para a cobertura de cada passo sobre tal empreendimento.

**6.º FATO** – Nessa mesma época o senhor Nino Casale, superintendente da Companhia Nacional de Papel e Celulose, concedeu entrevista ao redator Paulo Herlinger. Uma matéria completa sobre como funcionava o consórcio industrial e um conjunto de valores patrimoniais. Entre fábricas e propriedades territoriais, o patrimônio foi estimado em 100 milhões de cruzeiros.

conjuntura, algumas medidas foram sugeridas, como o racionamento. Várias indústrias sentiram o impacto dessa falta de matéria-prima, mencionando a possibilidade em afetar cerca de 50 fábricas de pasta e cartão, 130 manufatureiros de papel, 460 estabelecimentos litográficos e aproximadamente 2 mil jornais, revistas e outras publicações.

Em meados de 1944, alguns temas reportados pela *O Papel* trataram de assuntos um tanto inusitados para os dias atuais. Um deles foi o tema da guerra, que ainda se fazia presente. Afinal, o papel assumiu várias funções, uma delas a do empacotamento de materiais que serviam à guerra. (...) “O material é embalado sem qualquer conhecimento definitivo do seu ulterior destino ou modo de manipulação. É absolutamente essencial que as remessas cheguem

estoques de celulose existentes não chegavam a 3% durante os dez primeiros meses de 1941.

Muito também se comentou sobre o andamento da nova máquina para a Pirahy e para as Indústrias de Papel Simão.

Já em 1943, muitos acreditavam que as importações seriam reduzidas e, como caminho, incentivavam: o racionamento de papel-jornal, o aumento da produção nacional com aproveitamento das fibras domésticas e a cooperação do público (devolução à indústria manufatureira), a transformação das necessidades decorrentes da Segunda Guerra e de impressionantes iniciativas industriais, como a instalação da Companhia de Papel e Celulose, que tinha a intenção de promover o uso das fibras nacionais, do caroá ao pinho paulista para baratear o custo do papel.

Sustentando a ideia da crise enfrentada com a importação de celulose, o texto “Pasta, Papel e a Guerra”, de julho de 1943, trouxe a informação de que o Brasil somava 45 milhões de consumidores de papel, entre outros dados, como o consumo de 180 mil toneladas de papel-jornal, papel e produtos de papel, dos quais se importava mais de dois terços, ou seja, 130 mil toneladas métricas sob forma de produto acabado ou matéria-prima para a indústria manufatureira.

Cerca de 85 mil toneladas métricas das importações anuais de celulose eram constituídas por pasta química e mecânica para a indústria de papel, e 45 mil para a produção de papel-jornal. O restante era composto de fibras de celulose brasileira, papel-velho etc. Porém, naquela

6.º FATO



O nosso redator entrevistando o Sr. Nino Casale, Superintendente da Companhia Nacional de Papel e Celulose

**OS GIGANTESCOS EMPREENDIMENTOS DO BRASIL DE HOJE**

O problema do papel será solucionado com a grandiosa iniciativa da Companhia Nacional de Papel e Celulose

A revista "O Papel", ao dar a publicidade desta entrevista, pretende chamar a atenção do leitor para o problema da indústria de papel no Brasil. O texto da matéria discute a importância de desenvolver a produção nacional de celulose a partir de fontes locais, como o pinheiro brasileiro, e a importância de estabelecer um consórcio industrial para aproveitar melhor os recursos disponíveis.

CAPÍTULO I - 1939 A 1949

ao destino salvas e prontas para o uso. De nada servem demandas de indenização aos homens combatentes, que devem receber canhões, munições e equipamentos a tempo e em boas condições, se é que se tem que ganhar as batalhas (...)."

Além de manter o seu público leitor a par do que acontecia no Brasil e no mundo, a *O Papel* buscava trazer o conteúdo técnico de outros jornais e de artigos produzidos por especialistas, como as experiências em controle bacteriológico em fábricas de papel. Discutiu-se muito também a resistência dos feltros, o tipo de alvejamento das pastas mecânicas.

**7.º FATO** – Outro fato marcante que esteve presente nas manchetes da década de 1940 foi a isenção de direitos do papel para a imprensa, até hoje em discussão pelo setor, conforme constava no artigo 11, número 35 do decreto-lei 300, de 1938. Nessa ocasião, por uma série de idas e vin-

das, foi assegurado aos jornais a retirada de papel da Alfândega.

Como destaques internacionais, as parcerias foram frequentes. A *O Papel* traduzia artigos internacionais e sempre publicava informações de técnicos e engenheiros do setor e suas percepções quando eles retornavam de suas viagens ao exterior. Em março de 1945, o senhor Carlos Reichenbach, diretor da litográfica Ypiranga, foi aos Estados Unidos e relatou em reportagem suas observações sobre a indústria gráfica americana durante seus 30 dias de viagem. Ele visitou 35 estabelecimentos gráficos, e o artigo publicado falou sobre o recondicionamento do maquinário, o alto custo da mão de obra da produção de papel na região, entre outros aspectos.

**8.º FATO** – Outro fato, em 1946, foi o destaque para a maior fábrica de branqueamento construída na Europa, na Finlândia. A importação de papel nos anos de 1942 a 1945 retratou a busca do País pela estabilidade no fornecimento e crescimento da produção. Nesse período, os países escandinavos eram referência na produção de celulose graças aos grandes estoques formados durante a Segunda Guerra. A relação da *O Papel* com a Finlândia e a Noruega, inclusive, foi tão positiva que posteriormente a revista lançou dois especiais completos com



**SURPREENDIA TAMBÉM A COMPANHIA SUECA DE CELULOSE QUE PATROCINAVA AS CAPAS DE TODAS AS EDIÇÕES DA O PAPEL DESSE PERÍODO DOS ANOS 1940, POR MEIO DE SEU REPRESENTANTE A CIA T. JANER COMÉRCIO E INDÚSTRIA, DESTACANDO A SUA PRODUÇÃO ANUAL DE 931 MIL TONELADAS – NÚMERO BASTANTE EXPRESSIVO PARA A ÉPOCA.**

**8.º FATO**



**7.º FATO**



“ A REVISTA O PAPEL É, NO GÊNERO, A ÚNICA NA AMÉRICA LATINA. ” ESTE ERA O SLOGAN DE DESTAQUE DA PUBLICAÇÃO QUANDO FOI LANÇADA, EM 1939

9.º FATO



ANILINAS PARA TODOS OS FINS  
 ÁCIDAS — BÁSICAS — DIRETAS — A CERA — AO ENXOFRE — ACRATADO, ETC., ETC.  
 L.B. HOLLIDAY & CO. LTD.  
 MANUFACTURERS OF ANILINE DYES  
 HUDDERSFIELD, ENGLAND.  
 REPRESENTANTES EXCLUSIVOS PARA O BRASIL:  
**Maurílio Araujo & Cia. Ltda.**  
 IMPORTADORES: S. Indústrias, Fiação, Químicos, etc.  
 Rua Senador Celso, 227 — TEL. 42-4124 — Caixa Postal 542  
 End. "Ting" "Mau" — 1141, Bonfim - Biliário  
 850-32 JARISEIRO

Agência em S. Paulo: S. CASTIGLIONE & CIA. LTDA. — Rua João Batista, 25 — 17º andar

**A fábrica de papel de imprensa de Monte Alegre**

A grande indústria da imprensa brasileira...  
 A fabricação do papel de imprensa constitui um...  
 A fábrica de jornal se encontra a...  


NASCIA A KLABIN; EM  
 ABRIL DE 1947  
 ANUNCIA-SE  
 UMA NOVA FÁBRICA  
 COM CAPACIDADE  
 PARA 40 MIL  
 TONELADAS DE POLPA  
 DE SULFITO PAPEL  
 JORNAL E  
 30 MIL TONELADAS  
 DE MADEIRA  
 MOÍDA POR ANO

a história dos países e das indústrias de papel e celulose de cada um deles, em edições exclusivas.

**9.º FATO** – Uma importante notícia sobre o avanço da indústria se deu em 1947: a construção de uma fábrica de polpa e papel em Monte Alegre-PR, com custos estimados de 10 milhões de dólares. Tudo a fim de abastecer o País de polpa e papel jornal. Na época, o Brasil importava 63 mil toneladas de polpa e 42 mil toneladas de papel jornal, e a construção da nova planta foi autorizada pelo então presidente da república Getúlio Vargas.

**10.º FATO** – Com capacidade produtiva de 40 mil toneladas de polpa de sulfito papel jornal e 30 mil toneladas de madeira moída por ano, o projeto de fábrica garantiu não somente o fornecimento desses materiais críticos, a região também recebeu investimentos para a construção no entorno de escolas, igrejas e habitações. A matéria-prima era a conífera do Paraná. A relação com o governo era muito próxima, e a visita de autoridades federais nos estabelecimentos era bastante comum. Em junho daquele ano, a *O Papel* registrou a visita do Presidente da República em indústrias no Paraná.

A Cartonificio Valinhos também recebeu uma nova máquina de fabricar papel destinada à fabricação de papéis finos e higiênico. Outros destaques editoriais foram registrados em “Notas Breves”, trazendo toda a movimentação do setor.

Em 1948, a companhia Melhoramentos inaugurou sua nova sede na Rua Tito, Vila Romana, São Paulo. Anos depois a empresa se tornou uma das principais editoras do Brasil.

No ano seguinte, o eucalipto como solução florestal passa a ser vislumbrado, relatando as experiências positivas da Companhia Paulista.“(...) já não existem dúvidas de que o eucalipto é uma solução para o nosso problema de reflorestamento de acordo com seus fins. Há várias espécies que atendem ao objetivo e daí o conselho que o atual diretor do Serviço Florestal da Companhia dá, dizendo: ‘para lenha há espécies de grande rapidez de crescimento em altura e diâmetro, casca fina, maior densidade e cuja anatomia facilita a rápida secagem para postes dormentes e estacas devem ser preferidas às que tenham cascas mais grossas, crescimento vertical uniforme e madeira de pequena concentração volumétrica. (...)’ O eucalipto vai assim cada vez mais se desfazendo aos técnicos e silvicultores (...)”

10.º FATO



Presidente da República visitou as indústrias de papel e celulose no Paraná

Como descreve a visita do chefe da Nação às empresas e suas instalações em Monte Alegre — Nota sobre o notável empreendimento — Contatos com uma indústria celular industrial

Monte Alegre, 23 de junho de 1947. — O Sr. Getúlio Vargas, Presidente da República, visitou as indústrias de papel e celulose de Monte Alegre, Paraná, em 23 de junho de 1947. O Sr. Vargas foi recebido pelo Sr. Maurílio Araujo, diretor da Klabin, e pelo Sr. Celso Castiglione, gerente geral da Klabin. O Sr. Vargas foi acompanhado pelo Sr. Celso Castiglione e pelo Sr. Maurílio Araujo. O Sr. Vargas foi recebido em um momento de grande atividade, com as máquinas em funcionamento e os operários trabalhando diligentemente. O Sr. Vargas foi acompanhado pelo Sr. Celso Castiglione e pelo Sr. Maurílio Araujo. O Sr. Vargas foi recebido em um momento de grande atividade, com as máquinas em funcionamento e os operários trabalhando diligentemente. O Sr. Vargas foi acompanhado pelo Sr. Celso Castiglione e pelo Sr. Maurílio Araujo. O Sr. Vargas foi recebido em um momento de grande atividade, com as máquinas em funcionamento e os operários trabalhando diligentemente. O Sr. Vargas foi acompanhado pelo Sr. Celso Castiglione e pelo Sr. Maurílio Araujo.

Nota de Klabin — A Klabin, S. A., foi fundada em 1934, com o objetivo de produzir e comercializar papel e celulose de alta qualidade. A Klabin possui uma capacidade produtiva de 40 mil toneladas de polpa de sulfito e 30 mil toneladas de madeira moída por ano. A Klabin é uma das principais indústrias de papel e celulose do Brasil. A Klabin possui uma fábrica de polpa e papel em Monte Alegre, Paraná, com custos estimados de 10 milhões de dólares. A Klabin é uma das principais indústrias de papel e celulose do Brasil. A Klabin possui uma fábrica de polpa e papel em Monte Alegre, Paraná, com custos estimados de 10 milhões de dólares.

Como descreve a visita do chefe da Nação às empresas e suas instalações em Monte Alegre — Nota sobre o notável empreendimento — Contatos com uma indústria celular industrial

Monte Alegre, 23 de junho de 1947. — O Sr. Getúlio Vargas, Presidente da República, visitou as indústrias de papel e celulose de Monte Alegre, Paraná, em 23 de junho de 1947. O Sr. Vargas foi recebido pelo Sr. Maurílio Araujo, diretor da Klabin, e pelo Sr. Celso Castiglione, gerente geral da Klabin. O Sr. Vargas foi acompanhado pelo Sr. Celso Castiglione e pelo Sr. Maurílio Araujo. O Sr. Vargas foi recebido em um momento de grande atividade, com as máquinas em funcionamento e os operários trabalhando diligentemente. O Sr. Vargas foi acompanhado pelo Sr. Celso Castiglione e pelo Sr. Maurílio Araujo. O Sr. Vargas foi recebido em um momento de grande atividade, com as máquinas em funcionamento e os operários trabalhando diligentemente. O Sr. Vargas foi acompanhado pelo Sr. Celso Castiglione e pelo Sr. Maurílio Araujo.

Nota de Klabin — A Klabin, S. A., foi fundada em 1934, com o objetivo de produzir e comercializar papel e celulose de alta qualidade. A Klabin possui uma capacidade produtiva de 40 mil toneladas de polpa de sulfito e 30 mil toneladas de madeira moída por ano. A Klabin é uma das principais indústrias de papel e celulose do Brasil. A Klabin possui uma fábrica de polpa e papel em Monte Alegre, Paraná, com custos estimados de 10 milhões de dólares. A Klabin é uma das principais indústrias de papel e celulose do Brasil. A Klabin possui uma fábrica de polpa e papel em Monte Alegre, Paraná, com custos estimados de 10 milhões de dólares.

Como descreve a visita do chefe da Nação às empresas e suas instalações em Monte Alegre — Nota sobre o notável empreendimento — Contatos com uma indústria celular industrial

Monte Alegre, 23 de junho de 1947. — O Sr. Getúlio Vargas, Presidente da República, visitou as indústrias de papel e celulose de Monte Alegre, Paraná, em 23 de junho de 1947. O Sr. Vargas foi recebido pelo Sr. Maurílio Araujo, diretor da Klabin, e pelo Sr. Celso Castiglione, gerente geral da Klabin. O Sr. Vargas foi acompanhado pelo Sr. Celso Castiglione e pelo Sr. Maurílio Araujo. O Sr. Vargas foi recebido em um momento de grande atividade, com as máquinas em funcionamento e os operários trabalhando diligentemente. O Sr. Vargas foi acompanhado pelo Sr. Celso Castiglione e pelo Sr. Maurílio Araujo. O Sr. Vargas foi recebido em um momento de grande atividade, com as máquinas em funcionamento e os operários trabalhando diligentemente. O Sr. Vargas foi acompanhado pelo Sr. Celso Castiglione e pelo Sr. Maurílio Araujo.

Nota de Klabin — A Klabin, S. A., foi fundada em 1934, com o objetivo de produzir e comercializar papel e celulose de alta qualidade. A Klabin possui uma capacidade produtiva de 40 mil toneladas de polpa de sulfito e 30 mil toneladas de madeira moída por ano. A Klabin é uma das principais indústrias de papel e celulose do Brasil. A Klabin possui uma fábrica de polpa e papel em Monte Alegre, Paraná, com custos estimados de 10 milhões de dólares. A Klabin é uma das principais indústrias de papel e celulose do Brasil. A Klabin possui uma fábrica de polpa e papel em Monte Alegre, Paraná, com custos estimados de 10 milhões de dólares.



# Uma história de transformação.

Tudo o que fazemos tem como objetivo construir um futuro melhor. É por isso que nos tornamos especialistas em transformar. Transformamos o compromisso com a sustentabilidade em nossa essência e as nossas florestas em referência mundial em produtividade.

**Tudo para inspirar as próximas gerações a nunca parar de transformar.**

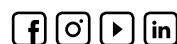
**19 de abril. Klabin 120 anos.**



Klabin

**120** anos

**Transformar o futuro é a nossa matéria-prima.**



# SEGUNDA DÉCADA: 1950 A 1959

## O SETOR CRESCE COM INCENTIVOS À INDUSTRIALIZAÇÃO COM NOVAS FÁBRICAS DE PAPEL EM CENA, NO MOMENTO EM QUE SE DISCUTE NO BRASIL A NECESSIDADE DO REFLORESTAMENTO E DA AUTOSSUFICIÊNCIA NA PRODUÇÃO DE CELULOSE

**S**e a primeira década de histórias contadas pela *O Papel* terminou com o eucalipto em pauta e suas potencialidades na produção de celulose, os anos 1950 são marcados pela preocupação estratégica de expandir as atividades da fabricação de papel e celulose e dos recursos florestais. – **11.º FATO**

Como suporte informativo aos debates, mensalmente a *O Papel* apresentou estudos, como os do Conselho Econômico e Social das Nações Unidas e da Organi-

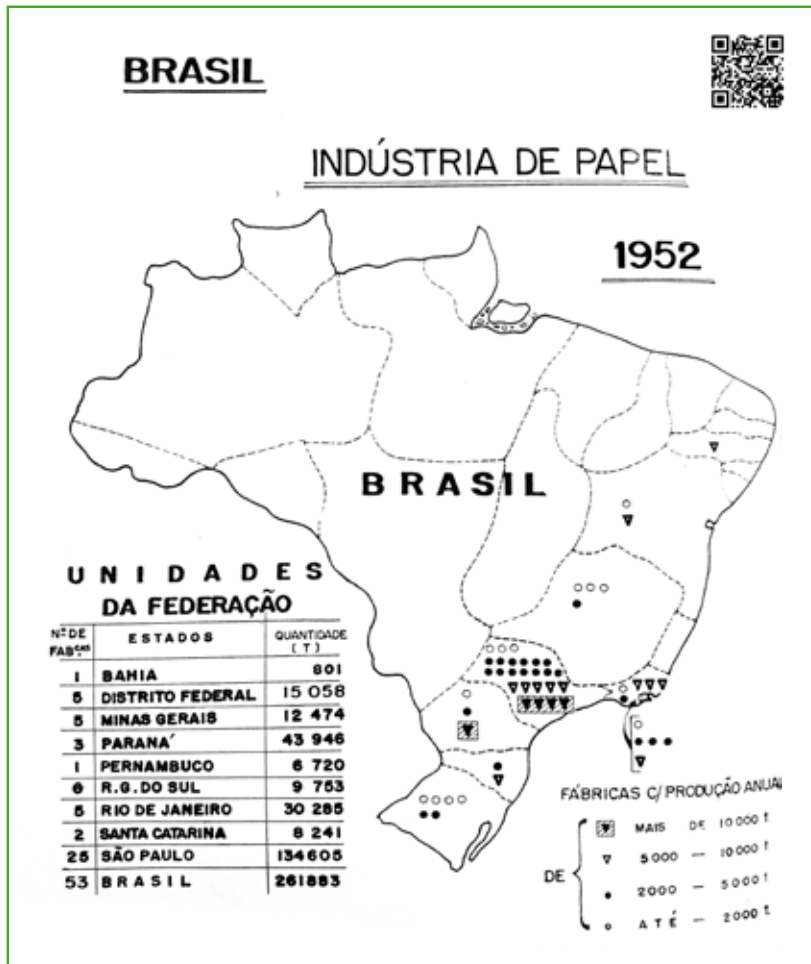
### 11.º FATO

**A Refinadora Paulista S.A. vai fabricar celulose com bagaço de cana**

Comunicado assinado por sua primeira diretora e publicado no jornal *O Estado de São Paulo*, em 1950, anuncia a criação da Refinadora Paulista S.A., com o objetivo de produzir celulose a partir do bagaço de cana-de-açúcar. O texto menciona a importância da indústria de celulose para o desenvolvimento econômico do Brasil e a necessidade de utilizar recursos locais. Também cita a participação de capital estrangeiro e a localização da fábrica em São Paulo.

**11.º FATO**

Como suporte informativo aos debates, mensalmente a *O Papel* apresentou estudos, como os do Conselho Econômico e Social das Nações Unidas e da Organi-



Mapa da CNI da Indústria de Papel no Brasil e sua produção anual, que era de 261.883 toneladas, somando 53 fábricas

zação para Alimentos e Agricultura das Nações Unidas (FAO), avaliando as possíveis matérias-primas, os custos e também o potencial do País em se tornar autossuficiente na produção de celulose, uma vez que o Brasil era um grande fabricante de papel, mas ainda importador da *commodity*.

Na época, conforme matéria sobre a palestra do então governador do Estado de São Paulo, Adhemar de Barros, publicada na edição de fevereiro de 1950, o consumo total anual de lenha era de 30 milhões de metros cúbicos. A indústria em geral e o setor consumiam deste total 6 milhões de metros cúbicos. Cogitou-se que a exportação iria aumentar em decorrência de acordos internacionais com o objetivo de fornecimento de madeira aos países devastados pela Segunda Guerra Mundial. Além disso, discutia-se a abordagem de compradores estran-

geiros interessados pelas terras e o fato de que todo o consumo até então havia gerado um déficit para as reservas do Estado de mais de dois bilhões e seiscentos milhões de árvores.

Em março de 1951 a *O Papel* noticiou que o Estado de São Paulo era responsável por produzir, anualmente, 50% de todo o papel fabricado no Brasil, especialmente os papéis de impressão. Já o Paraná sagrou-se o maior produtor de papel jornal com 85% do total usado na imprensa. Uma reportagem de Paulo Herlinger sobre as indústrias de Papel Rio Verde S/A, destacou a fábrica instalada em Pirituba-SP numa área de 200 mil metros quadrados com o estabelecimento fabril abrangendo uma extensão de 4.500 metros quadrados produzindo papel sulfite, HD, manillina e Kraft, de propriedade dos senhores Farid Racy e Aramis Salles Lima.

**12.º FATO** – No mesmo período, enquanto a indústria de papel se desenvolvia com consistência no País, a Europa vivia a crise do papel, com alta vertiginosa dos preços da celulose, do papel e cartão. A Suécia foi a maior beneficiada, pois era a maior fornecedora da matéria-prima aos mercados mundiais, atingindo diretamente países, como Suíça, Alemanha e Dinamarca. No primeiro deles, a alta chegou a 20%. No acumulado do ano, essa matéria-prima encareceu 40%, e na Alemanha Ocidental, na época, os diários alemães saíam com edições reduzidas e outros anunciavam que iriam interromper a circulação. O fechamento de empresas jornalísticas ocorreu em grande número na Dinamarca. Pode-se dizer que a importância em se ter fábricas

**13.º FATO**



**12.º FATO**



eficientes para garantir o maior aproveitamento das fibras passou a ser um grande diferencial competitivo na década de 1950, conforme as notícias levaram os leitores a concluir. Inovações e novas aplicações também se tornaram uma constante para o setor. Nessa mesma edição, março de 1951, a revista trouxe algumas novidades do mundo sobre as novas embalagens para mercadorias molhadas, como os sacos-crocodilo, desenvolvido pela Union Bag & Paper Corp, que mudariam o mercado. Os sacos de papel para leite em pó também foram apresentados pela fábrica Te Awamutu, da Nova Zelândia, entre outros, como pastas com fecho relâmpago, pergaminho lavável e passável a ferro etc.

**13.º FATO** – O setor começou a atrair o olhar de vários outros setores. Em abril de 1951, a refinadora Paulista S/A, anunciou que passaria a fabricar celulose com bagaço de

## CAPÍTULO 2 - 1950 A 1959

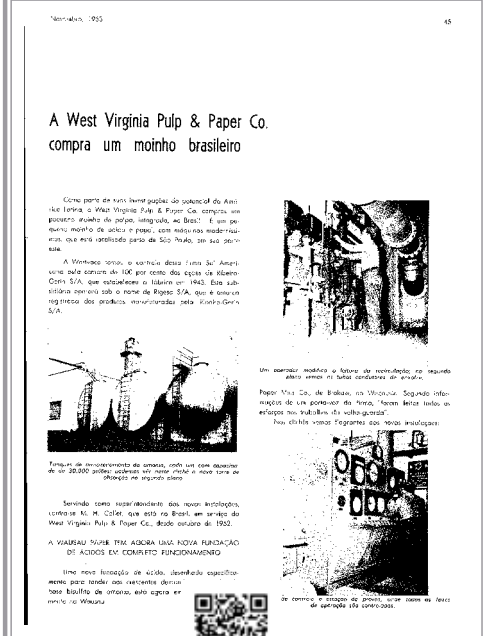
cana na cidade de Piracicaba, em São Paulo, onde, na ocasião, encontrava-se a refinadora Paulista S/A. Dizia-se que a fábrica seria autossuficiente, pois estava solidamente baseada na agricultura brasileira.

Como um indicativo do aumento da demanda e do consumo de papel no Brasil, outro dado bastante curioso publicado em matéria da edição de outubro de 1951 foi sobre a correspondência postal em vários países. Segundo estatística das Nações Unidas, por intermédio do departamento de infor-

mações públicas na comunicação por correspondência dentro das fronteiras de alguns países, o artigo demonstrava que o total em milhões de cartas no Brasil era de 1,794 milhão, enquanto esse número na Grã-Bretanha era de 7,7 milhões de cartas. Para efeito comparativo de seu crescimento, em 1932 o Brasil escreveu 618 mil cartas, ou seja, o número de cartas por habitante passou de 18 para 37.

O ano de 1952 foi marcado pela crise do enxofre, um dos insumos mais utilizados na época. Em abril

### 14.º FATO



14.º FATO

Como parte de uma ampla política de expansão do Brasil, a West Virginia Pulp & Paper Co. compra um moinho brasileiro de papel, integrando ao Brasil. É um ponto importante de saber e fazer, com maiores possibilidades que em qualquer parte do mundo, que sua produção.

A Westvaco compra o moinho brasileiro (uma das melhores unidades do mundo) de 140 por cento das águas de fibrose. Com S/A, que estabelecerá o futuro em 1943. Ela substituirá o moinho de 1943 de Rigesa S/A, que é o único moinho do produto manufaturado pela Westvaco S/A.

Este moinho moderno e eficiente de capacidade de 100.000 toneladas por ano, com o maior e mais moderno equipamento do mundo, será instalado no Brasil. Segundo informações de um governante do Brasil, "este moinho não é apenas um moinho de moinhos".

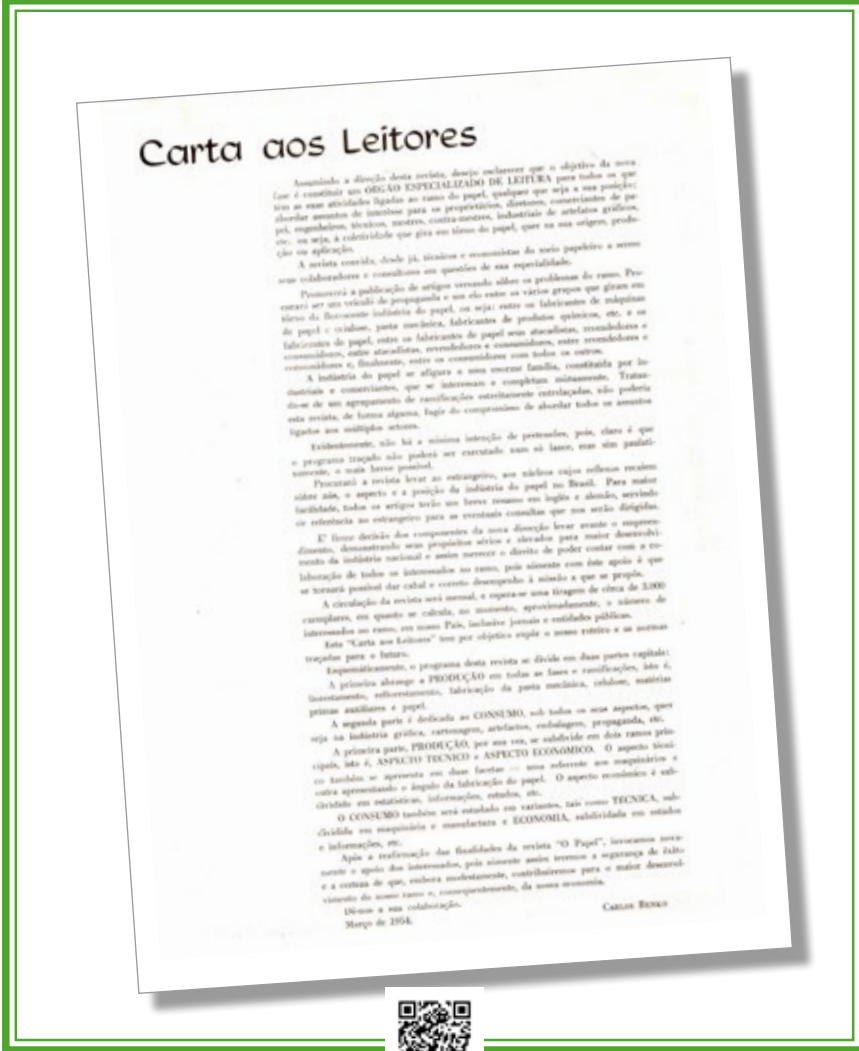
Para mais informações de papéis, com um volume de 25.000 páginas, escreva ou envie uma cópia de 25.000 páginas, escreva ou envie uma cópia de 25.000 páginas.

Formado como parte integrante do novo investimento, a West Virginia Pulp & Paper Co., desde outubro de 1952.

A VAPARAU NUNCA TEM AGORA UMA NOVA FUNDAÇÃO DE AÇÚCAR EM CONJUNTO FUNDACIONAL.

Uma nova fábrica de açúcar, instalada especificamente para atender os requisitos de qualidade e quantidade de açúcar, está agora em construção no Brasil.

### 15.º FATO



Carta aos Leitores

Assim como a direção desta revista, desejo esclarecer que o objetivo da mesma é constituir um ÓRGÃO ESPECIALIZADO DE LECTURA para todos os que têm ou têm interesse ligados ao ramo do papel, qualquer que seja a sua posição: abarcar assuntos de interesse para os proprietários, distantes, interessados de peritos, engenheiros, técnicos, mestres, contra-mestres, industriais de unidades gráficas, etc., ou seja, à realidade que gira em torno do papel, que se dá em origem, produção ou aplicação.

A revista constitui, desde já, tentativas e conscientização do setor papreiro e seus colaboradores e interessados em questões de sua especialidade.

Assim como a publicação de artigos visando ajudar os problemas do ramo. Procurarei ser um veículo de propaganda e um elo entre os vários grupos que giram em torno da fabricação industrial do papel, os vários setores de fabricação de máquinas do papel e outros, para auxiliar, fabricantes de produtos químicos, etc., e os fabricantes de papel, entre os fabricantes de papel e outros, revendedores e consumidores, entre produtores e consumidores, entre produtores e consumidores, entre produtores e consumidores e, finalmente, entre os consumidores entre todos os outros.

A indústria do papel se organiza e se desenvolve rapidamente, tornando-se industrial e comercial, que se interessam e completam mutuamente. Tratando-se de um agrupamento de especializações estreitamente relacionadas, não poderia esta revista, de forma alguma, fugir do compromisso de abarcar todos os assuntos ligados aos múltiplos setores.

Entretanto, não há a mínima intenção de pretensões, pois, claro é que o programa traçado não poderá ser executado sem o apoio, não só financeiro, mas também moral.

Porém, a revista levar ao conhecimento, aos vários grupos referidos acima não só, o aspecto e a posição da indústria do papel no Brasil. Para maior facilidade, todos os artigos terão um breve resumo em inglês e alemão, servindo de referência ao estrangeiro para se encontrar notícias que nos serão úteis.

É importante para os proprietários da revista, portanto, levar ao conhecimento, disseminando seus propósitos e objetivos para maior desenvolvimento da indústria nacional e assim fornecer o direito de poder contar com a colaboração de todos os interessados no ramo, pois somente com isso é que se poderá pensar em dar o melhor e o melhor serviço ao leitor.

A circulação da revista será mensal, e esperamos uma tiragem de cerca de 3.000 exemplares, em quatro ou cinco vezes, inclusive jornais e entidades públicas.

Esta "Carta aos Leitores" tem por objetivo expor a mesma revista e as outras revistas para o futuro.

Em consequência, o programa desta revista se divide em duas partes principais: a primeira abrange a PRODUÇÃO em todos os seus aspectos, técnicas, materiais, máquinas e papel.

A segunda parte é dedicada ao CONSUMO, sob todos os seus aspectos, que seja na indústria gráfica, cartagens, artefatos, cartagens, etc.

A primeira parte, PRODUÇÃO, por sua vez, se subdividirá em dois ramos principais, isto é, ASPECTO TÉCNICO e ASPECTO ECONÔMICO. O aspecto técnico se apresentará em duas partes — uma referente aos maquinários e outra referente ao layout da fabricação do papel. O aspecto econômico é subdividido em estatísticas, informações, estudos, etc.

O CONSUMO também será subdividido em várias partes, tais como: TÉCNICA, subdividida em máquinas e materiais e ECONOMIA, subdividida em estudos e informações, etc.

Após a realização das finalidades da revista "O Papel", iniciarei imediatamente a publicação de outros artigos, para atender aos interesses de todos os interessados e a outros de que, embora modestamente, contribuam para o maior desenvolvimento do ramo e, consequentemente, da nossa economia.

Desejo a sua colaboração.

Carlos Bruck  
Março de 1954.

daquele ano, a *O Papel* publicou uma nota sobre a escassez desse produto químico mundialmente, afetando várias indústrias. Por não ser mais obtido pelo processo fransch, como feito nos estados do Texas e de Louisiana, nos Estados Unidos, o custo do enxofre passou a ser elevado. No Brasil, o insumo era obtido da lavagem dos carvões do Sul.

14.º FATO – A expansão das fábricas em território nacional ocorria com capital estrangeiro, em alguns casos. Atraída pelo crescimento a West Virginia Pulp & Paper Co. adquiriu uma planta integrada de celulose e papel em território nacional. A Westvaco comprou a empresa da Ribeirão Gerin S/A. A fábrica recebeu então o nome de Rigesa S/A., que atualmente é conhecida por WestRock. Simultaneamente, vieram os primeiros investimentos em celulose de eucalipto. Além do Consórcio Brasileiro de Investimentos (Irmãos Mendes Caldeira), outro grupo anunciou o investimento de 150 milhões de cruzeiros. Entre os sócios estavam Conde Dino Grande, Gladstone



16.º FATO



Jafet, Assis Chateaubriand, Walter Moreira Sales e Salim Chamma.

15.º FATO – As edições de janeiro a abril de 1954 foram publicadas em um único caderno relatando a alteração de contrato social da revista O Papel quando se retirou o sócio Paulo Herlinger e passou a fazer parte da sociedade o senhor Carlos José Benko.

Benko publicou na edição uma carta aos leitores explicando sobre o papel da publicação, sendo a revista objeto para promover artigos versando sobre os problemas do ramo. Outro objetivo era levar ao estrangeiro os reflexos da posição da indústria do papel no Brasil e, como empreendimento, o desenvolvimento com objetivo de circulação mensal e tiragem de 3 mil exemplares. A primeira parte da revista seria dedicada à produção em todas as fases e ramificações, florestamento, reflorestamento, fabricação da pasta mecânica, celulose,

matérias-primas auxiliares e papel; a segunda parte dedicada ao consumo, seja na indústria gráfica, cartanagem, artefatos, embalagem, propaganda, entre outros. Nesse período, a revista era publicada em Português e tinha os seus títulos e sumários publicados em Alemão e Inglês.

16.º FATO – Em maio de 1954, a revista anunciou como sendo a maior fábrica da América do Sul e utilizando como matéria-prima o eucalipto, sendo construída em Rio Claro-SP, a Companhia Paulista de Celulose (Copase), orçada em 200 milhões de cruzeiros. Estimou-se que a empresa pudesse trazer uma economia anual para o setor de 10 milhões de dólares.

O interesse estrangeiro no setor de equipamentos e máquinas, a partir de um cenário tão positivo de crescimento do setor de celulose e papel, começou a se intensificar. Em julho de 1954, a edição da O Papel destacou a visita de Otto Dörries, dirigente da Machine in Fabric, de Duren, Alemanha, ao Brasil, com o objetivo de montar aqui uma fábrica de maquinário para fabricação de celulose e papel. Ele foi acompanhado do então Ministro João Alberto. Na ocasião, visitaram Mogi das Cruzes-SP que, segundo ele, era uma área já preparada para receber as primeiras construções.

Mais adiante, contando a história pela O Papel, o alemão, Otto Dörries, viraria sócio do industrial Oscar Miller Caravelas. A produção de papel a partir do bagaço de cana sempre foi estudada pelo setor e, na verdade, era uma realidade mais ampla que hoje, a exemplo da fábrica de papel e celulose de bagaço de cana-de-açúcar da Refinadora Paulista, justificada pela

abundância de bagaço da Usina Monte Alegre-SP, capaz de produzir 30 mil toneladas de celulose, abastecida pelas estradas de Ferro Sorocabana e Companhia Paulista. A fábrica foi projetada para uma produção anual de 5 mil toneladas de papel e celulose.

17.º FATO – Ainda assim, nas palavras de Ferruccio Cellani, vice-presidente da Associação Nacional de Fabricantes de Papel, em 1954, o ano tinha sido de grandes acontecimentos que repercutiram na indústria como desafiadores, como o racionalismo de energia elétrica, a política cambial praticada, que teve um impacto inflacionário e, como consequência, afetando o salário mínimo. Apesar desses fatores, a indústria havia avançado consideravelmente, deixando de lado o medo da escassez de matéria-prima, em especial nas fábricas da Klabin, Cambará, Morganti etc. Exaltava ainda a necessidade de planejamento do desenvolvimento florestal e das comunidades.

17.º FATO



18.º FATO

Deve o Brasil Preparar-se Para o Aumento do Consumo de Papel  
 Brazil should prepare itself against the increase of paper consume  
 Brasilien sollte fuer Erhoehung des Papierverbrauches vorsorgen


Prof. LADISLAV RYS

<p><b>SUMMARY</b></p> <p>This article brings some considerations of Prof. Ladislav Rys in a conference held in the 2nd Week of Studies of Chemical Industry of Brazil.</p> <p>The consumption of pulp and paper throughout the world is rising very fast. In 1954, the consumption per capita was 224 kg a year. The use now shows the consumption was 135 kg per capita in Brazil only in 1954. It will be 200 kg per capita and in Brazil only 125 kg. The use now shows the consumption in Brazil was 125 kg in 1954 and in 1955 it was 135 kg.</p> <p>The biggest producer of pulp and paper are USA, Sweden, Canada and Finland. The most of the kg paper made in Brazil are being mostly produced with the use of heavy import of raw material. Since 1950 ... 1955 the consumption of paper increased from 100 to 125 thousand tons in Brazil. In 1955 it rose to 140 thousand tons a year.</p>	<p><b>ANEXO</b></p> <p>Dieser Artikel bringt einige Studien aus dem Vortrag von Prof. Ladislav Rys gehalten auf der 2. Woche der Studien über Chemische Industrie Brasiliens.</p> <p>Der Zeltstoffmarkt Papierverbrauch der Welt steigt in 1954 sehr rasch. In 1954 betrug der Verbrauch pro Kopf 224 kg pro Jahr. Die heute zeigt die Konsumtion war 135 kg pro Kopf in Brasilien nur in 1954. Es wird 200 kg pro Kopf sein und in Brasilien nur 125 kg. Die heute zeigt die Konsumtion in Brasilien war 125 kg in 1954 und in 1955 war 135 kg.</p> <p>Die größten Produzenten von Zellstoff und Papier sind USA, Schweden, Kanada und Finnland. Die meisten der kg Papierproduktion Brasiliens haben aus dem Import. Seit 1950 bis 1955 hat der Verbrauch von Papier in Brasilien von 100 bis 125 Tausend Tonnen zugenommen. In 1955 betrug die Produktion 140 Tausend Tonnen pro Jahr.</p>
--	---

Proseguimos hoje na divulgação de conferências pronunciadas durante a II Semana de Estudos da Indústria Química Nacional, realizada recentemente nesta Capital. O conferencista, sr. Ladislav Rys, discorreu sobre o papel e a celulose, resultado de sua importância no desenvolvimento econômico do Brasil. Depois de fazer algumas considerações de ordem geral, passou a divulgar interessantes dados estatísticos.

**DADOS ESTADÍSTICOS**

O consumo mundial de papel no ano de 1956 atingiu o valor de 90.000.000 de toneladas. Ora, veja



Em agosto de 1955, as páginas da edição da *O Papel* abordaram a inauguração da indústria de telas metálicas para papel, e Alcides da Costa Vídgal, presidente do Banco do Brasil, foi destaque como presença nesta cerimônia ao lado de representantes da Associação dos Fabricantes de Papel. Lino Morganti, presidente da fábrica, disse que era fundamental para o desenvolvimento da indústria uma fábrica de telas metálicas para atender ao setor, devido ao alto padrão técnico requerido.

Nesse ano, quando metade da década de 1950 decorria, um levantamento do IBGE apontou que existiam 1.200 indústrias gráficas localizadas no Estado de São Paulo, empregando 20.520 pessoas.

Novos projetos eram anunciados em maio de 1957 pela *O Papel* em suas histórias. Por exemplo, 120 mil hectares foram utilizados pela Sociedade de Mineração, Comércio e Pecuária do Amapá, com o objetivo de instalar uma usina para fabricação de pasta e papel, bem como uma

serraria. Para tal, a empresa buscou financiamento junto ao BNDES. Na Bahia, a Euluz estudava o processo ISOGRAND (utilização apenas de sal e energia elétrica, descartando-se o uso de químicos no processo) para a fabricação de papel e pasta, a partir do bambu. Já a Duratex queria o mesmo processo, adaptando-o para o eucalipto. Por último, no Rio Grande do Sul, a comercial madeireira São Jorge pretendia instalar uma fábrica de papel e celulose em Triunfo-PE, a partir do eucalipto e da espécie acácia negra.

18.º FATO – Aos poucos, o setor, ia ajustando seus maquinários, como contam as notícias que a *O Papel* destacava mensalmente. Pouco citada à época, a celulose especial voltou a ser notícia. Reportagem replicada na revista, em janeiro de 1958, do jornal *O Estado de S. Paulo*, apontou que o País possuía 15 fábricas de celulose, produzindo 157 mil toneladas, com expectativa de aumento para os próximos cinco anos de 316 mil toneladas, sendo grande parte voltada à fabricação de rayon. Além disso, a celulose para fabricação de papel era insuficiente frente à demanda do mercado. Entre as matérias-primas utilizadas pelas plantas de celulose estavam o linter, o pinho, o eucalipto, o bagaço de cana, a palha de arroz, a sobra de serra, o linho de caroá e a imbaúba.

Na mesma edição do início de 1958 artigos publicados pela *O Papel* defendiam que o pinho exportado era suficiente para produzir todo o papel importado. “O Brasil exportou 1 milhão de metros cúbicos de madeira serrada por 14 milhões de dólares... Essa madeira por si daria volume para produção do papel e celulose pelo qual pagava-se 55 milhões de dólares”,

segundo Ladislav Rys, consultor técnico da indústria do papel e membro do subcomitê de Química Madeireira da ONU, na II Semana de Estudos da Indústria Química Nacional.

19.º FATO – A discussão que hoje se tem a cada novo anúncio de uma planta também já era motivo de análise no passado. Em matéria na edição de outubro de 1958, a manchete foi: “crescimento da indústria de papel provoca discussões e controvérsias”. Isso por conta da chegada da “Grace-Paulista”. Temia-se que no período de três ou quatro acontecesse uma superprodução de celulose e que a luta competitiva fosse tão forte que os mais fracos seriam eliminados. O cenário apresentava uma produção de 363 mil toneladas de papel em 1957 e a importação de 130 mil toneladas de celulose. A produção de celulose nacional era de 232 mil toneladas de eucalipto, 186 mil toneladas de pinus e 186 mil toneladas de bagaço de cana de açúcar.

19.º FATO

Crescimento da Indústria do Papel Provoca discussões e Controvérsias  
 Development of the Paper Industry rises Discussions and Controversy  
 Die Entwicklung der Papierindustrie wirft Debatten auf

<p><b>SUMMARY</b></p> <p>This article brings some considerations of Prof. Ladislav Rys in a conference held in the 2nd Week of Studies of Chemical Industry of Brazil.</p>	<p><b>ANEXO</b></p> <p>Dieser Artikel bringt einige Studien aus dem Vortrag von Prof. Ladislav Rys gehalten auf der 2. Woche der Studien über Chemische Industrie Brasiliens.</p>
--	---

1950 ..... 300  
 1954 ..... 314  
 1955 ..... 320  
 1956 ..... 325  
 1957 ..... 363

PRODUÇÃO DE PAPEL  
 Brasil  
 em mil toneladas



CAPÍTULO 2 - 1950 A 1959

A previsão de investimentos da indústria na área da celulose era de US\$ 97,8 milhões, sendo a Klabin a maior delas, com US\$ 16 milhões, seguida pela Champion Papel, com US\$ 14 milhões e a Grace Papel, com US\$ 11 milhões. As indústrias Feffer viriam logo em seguida, com US\$ 9 milhões. O artigo defendeu que em matéria de preços os futuros produtores poderiam jogar entre mercados internos e externos, mas exigia prudência, a fim de impedir que houvesse vítimas no setor. Contudo, o elemento progressista nacional confirmava-se pelas fundações de novas fábricas.

Já em nota publicada pela *O Papel* na edição de setembro de 1958 a expectativa do mercado era positiva quanto a um país autossuficiente produzindo 300 mil toneladas em 1962. Isso por conta do programa de metas do governo de Juscelino Kubitschek, que beneficiaria 30 setores prioritários.

## A PREVISÃO DE INVESTIMENTOS DA INDÚSTRIA NA ÁREA DA CELULOSE ERA DE US\$ 97,8 MILHÕES, SENDO A KLABIN A MAIOR DELAS, COM US\$ 16 MILHÕES

Enquanto isso, no mundo, a *O Papel* anunciou o início da produção da primeira fábrica mexicana de papel jornal, na edição de setembro de 1958. A partir dessa data, metade do papel jornal consumido no País passou a ser fabricado pela Tuxtepec, volume de 100 toneladas diárias de pasta mecânica de pinho.

**20.º FATO** – A China também começou a despontar como nação produtora de papel, conforme artigo publicado na edição de outubro de 1958 da *O Papel*. O bambu representava cerca de metade de toda a matéria-prima utilizada na produção do papel, com sua produção totalmente planejada e produzindo, em 1957, 237 mil toneladas, conforme previsão, representando 26% da produção total.

No Brasil, nesse mesmo ano, estavam em operação 62 fábricas, entre as plantas de celulose e de papel, sendo uma delas integrada. De fato, a indústria de celulose havia crescido no País.

A edição de julho de 1959 da *O Papel* abordou em seu conteúdo editorial uma notícia sobre a organização americana *Champion Paper and Fibre Company* e o investimento de 4 milhões de dólares na construção da fábrica da Champion Paper, em Mogi Guaçu-SP, com produção de 145 toneladas de polpa de madeira de eucalipto por dia.

No mesmo período, em Guarapuava-PR, uma nova fábrica de fibra longa instalou-se para a produção de 45 mil toneladas anuais com o nome de Lutcher S/A.

A Adamas também recebeu o devido destaque por sua contribuição ao crescimento do setor na década de 1950. Em matéria reproduzida do jornal *O Estado de S. Paulo*, a empresa, instalada no País desde 1951, informou que iria suprir 80% das necessidades do mercado nacional, fornecendo fibras, papéis e papéis especiais e sua expansão de 340 para 600 toneladas por mês, divididas entre a fábrica de Nova Iguaçu, no Rio de Janeiro, e a outra unidade em Osasco, São Paulo.

Em dezembro de 1959, destacou-se também a produção de sisal. Entre 1956 e 1958, o aumento foi de 32%, sendo 135 mil toneladas produzidas em quatro principais regiões do Brasil, como os Estados da Paraíba, Bahia, Rio Grande do Norte e Pernambuco. Seus produtores justificavam-se como vantagens suportar climas úmidos e subúmidos, além da fibra do sisal crescer em quase todos os tipos de solo. E, assim, mais uma década de notícias era consolidada pela *O Papel*, registrando a história da indústria de celulose e papel que seria muito vitoriosa até os dias atuais.

20.º FATO



**A crescente importância da China como nação produtora de papel**  
China's rising importance as a paper producing nation  
Die wachsende Bedeutung Chinas als Papier-produzierende Nation

**SUMMARY**  
China, in the form of a strong producer of paper-making machinery in the West, has in the last few years entered a substantial market in the production of paper and is being noted only in Japan among the world's producers, which Japan has dominated for the U.S.A.

**ARTIGO**  
China, segundo os dados divulgados no Relatório Anual Mundial publicado em 1958, continua a ser fonte de uma nova e substancial produção de papel e de máquinas para a fabricação de papel. O bambu representa cerca de metade de toda a matéria-prima utilizada na produção do papel, com sua produção totalmente planejada e produzindo, em 1957, 237 mil toneladas, conforme previsão, representando 26% da produção total.

**PAPEL FEITO A MÁQUINA**  
O maior de investimentos estrangeiros de papel durante a guerra veio a partir da indústria de papel e durante esse tempo houve certo desenvolvimento na indústria de papel e de máquinas para a fabricação de papel. O bambu representa cerca de metade de toda a matéria-prima utilizada na produção do papel, com sua produção totalmente planejada e produzindo, em 1957, 237 mil toneladas, conforme previsão, representando 26% da produção total.

**20.º FATO** – A China também começou a despontar como nação produtora de papel, conforme artigo publicado na edição de outubro de 1958 da *O Papel*. O bambu representava cerca de metade de toda a matéria-prima utilizada na produção do papel, com sua produção totalmente planejada e produzindo, em 1957, 237 mil toneladas, conforme previsão, representando 26% da produção total.

No Brasil, nesse mesmo ano, estavam em operação 62 fábricas, entre as plantas de celulose e de papel, sendo uma delas integrada. De fato, a indústria de celulose havia crescido no País.

# TERCEIRA DÉCADA – 1960 A 1969

## INDÚSTRIA BRASILEIRA DE CELULOSE E PAPEL ATRAI INVESTIDORES, FORNECEDORES, E VIVE DIFUSÃO DO CONHECIMENTO TÉCNICO NESSE PERÍODO

Os incentivos recebidos pelo setor de celulose e papel em prol da autossuficiência na produção da *commodity* na década de 1950 geraram os resultados esperados. Os investidores chegaram ao País e, junto, a literatura técnica sobre a fabricação dos produtos de base florestal ganhou espaço no Brasil. Além disso, em 1960, o Brasil era um dos países que mais consumiam papel, sendo responsável por cerca de metade do papel imprensa consumido na América Latina, de acordo com matéria publicada à época pela revista *O Papel*, com base em notícia do jornal *Gazeta Mercantil*.

Entre as matérias-primas utilizadas da floresta para fabricação dos produtos estavam os pinheiros, o morotó, a embaúba, o eucalipto, o bagaço de cana, o bambu e as palhas de arroz e trigo. Em números totais, em 21 anos, em notícia a revista *O Papel* destacou que o País havia quadruplicado a produção até ultrapassar, em 1962, mais de 600

mil toneladas de papel feitas em território nacional.

Mas a produção ainda não era suficiente para atender ao consumo interno de papel imprensa. Por isso, a necessidade de importarmos papel, e os nossos principais fornecedores eram a Suécia e a Finlândia. Nesse período, entre os principais produtores estavam os Estados Unidos com quase 14 milhões de toneladas, seguido pelo Canadá com mais de 6,6 milhões de toneladas, a Alemanha Ocidental com mais de 2 milhões e os demais países na faixa de um milhão de toneladas ou menos.

Além dos dados econômicos e sobre a produção, a revista também abordou o que existia de novo em ciência e tecnologia para o processo.

Falava-se sobre um aparelho para medir a penugem desenvolvida durante a impressão de papel, uso de paletas de papel em vez de madeira, o *hydrapulper* sendo desenvolvido com uma proteção, a diminuição das estilhas da pasta mecânica por separadores centrífugos etc. A fábrica de papel Pirai, no Estado do Rio de Janeiro, foi destaque com a produção de papel carbono 100% nacional. A indústria também utilizava o Sisal na produção de celulose especial.

EM 1964 A REVISTA *O PAPEL* COMPLETAVA 25 ANOS EM CIRCULAÇÃO.



CAPÍTULO 3 - 1960 A 1969

No campo da celulose, na edição de maio de 1960, uma previsão de Geraldo Banas, consultor especializado da época, apontou que no curto espaço de oito anos a produção duplicaria, enquanto o consumo triplicaria no mesmo período. Ele acreditava que a Lutchter e a Champion iriam se unir à OlinKraft nas exportações a partir de 1962, como grandes players daquela época.

Já no mercado de papel, fato mais estabelecido para a indústria, estavam instaladas em São Paulo 30 das 67 fábricas de papel no País, conforme matéria de julho de 1960. Contudo, apenas 12 delas conseguiram produzir mais de 50 toneladas diárias de papel, o que foi crucial para sua continuidade no futuro, dada a competitividade no mercado. A matéria destacou que o segmento mais expansivo da indústria nacional de papel nos últimos anos era o de papel para embalagem. Cerca de 56 fábricas se

21.º FATO

**Notícias Diversas**

**MAURÍCIO F. KLABIN FOI O PIONEIRO DA INDÚSTRIA DO PAPEL NO BRASIL**

Travessia do 30º aniversário — Destacada atuação em diversas empreendimentos — Fundos especiais que contribuem para o desenvolvimento econômico e industrial do Município — Homenagem da Municipalidade

Há 30 anos, no dia 12 de março de 1930, nasceu em Curitiba Maurício F. Klabin, que mais tarde se tornou um dos pioneiros da indústria de papel no Brasil. O fundador da família Klabin — foram seus pais o Sr. João de Azevedo e a Sra. Maria — veio para São Paulo em 1927 para trabalhar na indústria de papel. Foi em 1930 que Maurício Klabin, então com apenas 12 anos, veio para São Paulo para estudar no Colégio São Paulo, onde se interessou pela indústria de papel.

Logo se aprofundou em São Paulo, fez parte de um grupo de estudantes de Engenharia e Engenharia de Minas e trabalhou em algumas empresas de papel e celulose. Maurício F. Klabin foi um dos pioneiros da indústria de papel no Brasil. Sua atuação foi fundamental para o desenvolvimento da indústria de papel no Brasil. Foi ele quem trouxe para o Brasil a tecnologia de fabricação de papel e criou a primeira fábrica de papel no Brasil, a Companhia Paulista de Papel e Celulose, em 1934.

Atualmente, Maurício F. Klabin é um dos maiores empresários de São Paulo e possui diversas empresas em várias áreas. Ele é casado com a Sra. Maria e tem três filhos: João, Roberto e Maurício. Ele também possui uma coleção de obras de arte e é um grande colecionador de livros.

Parabéns pelo 30º aniversário, Sr. Maurício F. Klabin. Sua trajetória é uma verdadeira história de sucesso e dedicação. Sua contribuição para a indústria de papel no Brasil é inestimável. Parabéns também pela homenagem da Municipalidade.



22.º FATO

**Notícias Diversas**

**DITORES TEMEM COLAPSO NA INDÚSTRIA DO LIVRO**

No mercado editorial brasileiro, não há dúvida de que o colapso da indústria de livros é uma realidade. O setor está passando por um período de crise, com muitas editoras fechando as portas e outras reduzindo drasticamente suas atividades. Isso se deve a vários fatores, como a concorrência desleal de livros estrangeiros, a falta de políticas públicas de incentivo à leitura e a baixa qualidade de muitos títulos produzidos no Brasil.

Os editores estão preocupados com o futuro da indústria e buscam soluções para superar a crise. Algumas das medidas propostas incluem a criação de um fundo de garantia para os autores, a implementação de uma política de preços mais justa e a melhoria da distribuição de livros.

A situação é preocupante, mas não sem esperança. Com o apoio das autoridades e a colaboração de todos os envolvidos, é possível reverter a situação e garantir o futuro da indústria editorial brasileira.


**PEQUENA TIRAGEM**

Quanto editor criou o caso das tiragens de livros, sabendo que essas deverão ser as mais difíceis para realizar, pois o governo federal estava preparando a solução, e é evidente a importância de se ter uma tiragem adequada para a distribuição de livros. Isso é especialmente verdadeiro para os livros de menor circulação, que dependem de uma distribuição eficiente para alcançar o público-alvo.

Além disso, a falta de políticas públicas de incentivo à leitura e a baixa qualidade de muitos títulos produzidos no Brasil também contribuem para a crise. É necessário que o governo tome medidas para melhorar a situação e garantir o futuro da indústria editorial brasileira.

**POSICÃO DOS EDITORES**

Tal como se tem o problema, não podem sofrer apenas as consequências das medidas adotadas, tanto mais se as dificuldades vão de longe, conforme se tem a respeito. Os editores devem buscar soluções para superar a crise e garantir o futuro da indústria editorial brasileira.



dedicavam à produção desse tipo de papel. Entre elas, Klabin, Aparecida, Rigesa, Simão, IPSA, Melhoramentos, Santa Terezinha e Portella.

**21.º FATO** – Um artigo de outubro de 1960 destacou Maurício Klabin como pioneiro da indústria de papel no Brasil. Tratava-se de uma homenagem da municipalidade de São Paulo reconhecendo seus méritos no centenário de nascimento do empresário. O texto conta que arrendando o velho Moinho de papel fora de uso, em Salto de Itú, aos poucos Maurício foi desenvolvendo a ideia de uma indústria de papel que se concretizou em 1909 sob a forma de sociedade anônima: a Companhia Fabricadora de Papel situada na Ponte Grande-SP, uma das primeiras fábricas de papel instaladas no Brasil.

Na área de Notícias Diversas, em uma das editoriais da *O Papel*, o ano de 1960 foi recheado de notas sobre o sur-

gimento de novas fábricas no setor de papel e celulose, utilizando as mais diversas fibras. O setor ainda vivia um bom relacionamento com o governo e focou na expansão dessa indústria.

O tema produtividade florestal já estava em pauta e começou a ser trabalhado desde os anos 1960. Exemplo desse fato é que, em 1961, em matéria publicada pelo jornal *Folha de S.Paulo* e replicada pela *O Papel*, falou sobre os ensaios já procedidos com 10 espécies de madeiras industriais em Monte Alegre, no Paraná, afirmando que era possível aproveitar a maior parte das madeiras daquela região como matéria-prima destinada à preparação de pasta pelo processo semiquímico.

**22.º FATO** – Os avanços estavam sendo observados na área florestal, contudo, no mesmo ano, em maio de 1961, a reportagem da *O Papel* trouxe em destaque uma polêmica sobre

23.º FATO

**NOTÍCIAS DIVERSAS**

**MAURÍCIO F. KLABIN FOI O PIONEIRO DA INDÚSTRIA DO PAPEL NO BRASIL**

Travessia do 30º aniversário — Destacada atuação em diversas empreendimentos — Fundos especiais que contribuem para o desenvolvimento econômico e industrial do Município — Homenagem da Municipalidade

Há 30 anos, no dia 12 de março de 1930, nasceu em Curitiba Maurício F. Klabin, que mais tarde se tornou um dos pioneiros da indústria de papel no Brasil. O fundador da família Klabin — foram seus pais o Sr. João de Azevedo e a Sra. Maria — veio para São Paulo em 1927 para trabalhar na indústria de papel. Foi em 1930 que Maurício Klabin, então com apenas 12 anos, veio para São Paulo para estudar no Colégio São Paulo, onde se interessou pela indústria de papel.

Logo se aprofundou em São Paulo, fez parte de um grupo de estudantes de Engenharia e Engenharia de Minas e trabalhou em algumas empresas de papel e celulose. Maurício F. Klabin foi um dos pioneiros da indústria de papel no Brasil. Sua atuação foi fundamental para o desenvolvimento da indústria de papel no Brasil. Foi ele quem trouxe para o Brasil a tecnologia de fabricação de papel e criou a primeira fábrica de papel no Brasil, a Companhia Paulista de Papel e Celulose, em 1934.

Atualmente, Maurício F. Klabin é um dos maiores empresários de São Paulo e possui diversas empresas em várias áreas. Ele é casado com a Sra. Maria e tem três filhos: João, Roberto e Maurício. Ele também possui uma coleção de obras de arte e é um grande colecionador de livros.

Parabéns pelo 30º aniversário, Sr. Maurício F. Klabin. Sua trajetória é uma verdadeira história de sucesso e dedicação. Sua contribuição para a indústria de papel no Brasil é inestimável. Parabéns também pela homenagem da Municipalidade.



25.º FATO

um tema discutido até hoje: “Os editores têm um colapso na indústria do livro”. As razões para o que podemos chamar de crise daqueles tempos eram diferentes das atualmente vividas pelo mercado editorial. Envolviam os editores, as gráficas e até mesmo os valores destinados aos autores. Hoje, destaca-se muito mais a necessidade de isenção dos tributos para esse tipo de produto entre debates sobre aumento do consumo e acessibilidade aos livros impressos.

**23.º FATO** – Se o papel e os produtos por ele gerados em prol do conhecimento estavam em debate, na área florestal as notícias eram mais positivas. Em agosto de 1962 uma matéria do *Diário de Notícias* e reproduzida pela *O Papel* destacou a significativa contribuição ao reflorestamento do País realizada por algumas empresas do setor, baseando-se em estudo do Ministério da

# VOITH S.A.

## MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS

### Nova indústria para a fabricação de máquinas de papel e celulose

No dia 16 de julho de 1964 foi constituída em São Paulo a firma Voith S. A. — Máquinas e Equipamentos, tendo como acionistas principais as firmas J. M. Voith GmbH, Alemanha (majoritária) e Bardella S. A. — Indústrias Mecânicas, São Paulo. A direção comercial está em mãos do Dr. Konrad Bongerts e a direção técnica a cargo do Dipl. Ing. Joachim Fries. O programa da Voith S. A. abrange máquinas para a fabricação de papel e celulose, turbinas hidráulicas, comportas, bem como prensas, estas, sob licença da firma Schuler A. G. — Alemanha.

Após minucioso estudo foi adquirido um terreno de 300.000m<sup>2</sup> para a construção da nova fábrica, ao lado do pico do Jaraguá, à aproximadamente 20 km do centro da cidade de São Paulo, visando a possibilidade de uma grande expansão futura. A construção dos pavilhões está em pleno desenvolvimento, e até o fim do corrente ano, o quadro de funcionários da nova firma deverá atingir aproximadamente 500 pessoas.

O aproveitamento deste terreno exige, entretanto, vultosos investimentos, tais como: pavimentação de uma estrada de acesso com 3 km, construção de um desvio ferroviário com 2 km de extensão, a instalação de uma rede elétrica com aproximadamente 3 km, além de uma volumosa terraplanagem.

As instalações da fábrica compreendem: uma fundição, que atualmente está sendo planejada para ferro fundido, e, na qual serão produzidas, principalmente, grandes peças de ferro fundido, até 50 t, e peças de ligadas ao cromo e níquel, uma caldearia, que poderá fabricar peças com pesos unitários até 70 t e adaptada para fabricação de corrimãos, tanques sopradores e filtros a vácuo, uma oficina mecânica e uma seção de montagem previstas para a fabricação de máquinas de papel até 6.000 mm de largura de tela e cilindros montados com diâmetro máximo de 4.000 mm.

**HISTÓRICO:**

Hi várias décadas de anos, a J. M. Voith GmbH, — Heidenheim/Brenz — Alemanha, supre as indústrias de papel e celulose de todos os países da América do Sul e, especialmente do Brasil, com máquinas e instalações para fabricação de papel e celulose.

As dificuldades sempre crescentes, nos últimos anos, opostas à exportação de máquinas para o Brasil, levaram a J. M. Voith GmbH, — Alemanha a associar-se, em 1957 à Bardella S/A — Indústrias Mecânicas, visando a fabricação no país dos seus equipamentos. Até agora, em decorrência dessa colaboração foram equipadas uma fábrica de celulose sul-

O PAPEL



39

24.º FATO

Entre aquelas, pelas notícias progressos registrados, e que de técnica aprimorada na sua fabricação, desde que especializaram a indústria nacional de papel, que se colocou, no mercado de São Paulo, após, em condições de competir com kvalitativos produtos mundiais.

**PRODUÇÃO**

De acordo com dados e estatísticas a serem constantemente publicados pelo “Anuário Estatístico do Brasil” e compilados pela Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Pasta Celulosa, no ano que acaba de passar, atingiu a cifra de 560.000 toneladas, a produção brasileira de papel e pasta celulosa, com 2.800 toneladas de papel para embalagens, correspondendo a 44% do total produzido no País. 128.000 toneladas de papel para impressão, ou seja 23% do total; 73.000 toneladas de papel para escrever (13%). Os papéis industriais e outros participaram com 52.000 toneladas, representando 9%, e tratamento de celulose e celulose com 56.000 toneladas, ou seja 11% do total.

**TÍTOS**

Infere-se ainda a Associação Nacional dos Fabricantes de Papel, segundo trabalho por ela elaborado, de análise do produto conforme a sua qualidade, admitindo que a principal quota do papel, para impressão, coube ao do tipo 62/200 toneladas, correspondente a 40% do total, enquanto que o papel para impressão, coube ao tipo 62/200 toneladas, correspondendo a 18% do total, inferior portanto ao Montedison de 1960, mas produzindo elevadas a 14.000 toneladas, representando 11% do papel para impressão produzido pelas indústrias brasileiras.

Estimase, por outro lado, o lugar de destaque ocupado pelo papel destinado a cartas e folhas (15% do total), e na categoria do papel industrial, a participação do papel tipo 62/200 toneladas, sendo de se destacar os tipos 62/200 toneladas, representando a 37% da produção no ano passado, do total fabricado por aquele setor.

(Fonte: Diário do Comércio — 11-1-1964).

**INDÚSTRIA DE PAPEL DO PARANÁ RESTAURA 52 MILHÕES DE ÁRVORES**  
As notícias que chegam de abundância na região Sul do Brasil e principal do movimento atualizaram de verde floresta e terra do Paraná. E esta imprensa vem corroboreando mais forte sobre o céu do chão e o ruído do tráfego das máquinas das plantações que os indicadores de 1962 e setembro apontaram na fazenda Algodão Algodão, onde a firma Klabin está instalada.

Celulose, em sucessivas etapas, levaram o maior fabrico de papel da América do Sul.

O consumo da madeira para fabrico aumentou de ano para ano, e para garantir a sua suprir, que as matas nativas não poderiam fornecer, em caráter contínuo, um programa de plantações viria sendo desenvolvido desde 1943. Em princípio se agiota sobre o município de Monte Alegre, onde foram plantados, em 1943, 8.573 de eucaliptos e 2.210 de pinus alba, além de pequenas parcelas de algumas outras espécies. Na sua maioria, o tipo utilizado, com maior desenvolvimento, 25.000 hectares, sejam 70% do total.

Foi esta e primeira vez que um método de produção foi utilizado, isto é, foi plantado em áreas de eucaliptos e de pinus alba, perdendo totalmente 20% das plantas. Nos dois primeiros anos, o que se viu, não alcançou mil toneladas, por ser esse método de colheita relativamente grossa. Os trabalhos agrícolas apenas em parte, só mais tarde se adota o método de sobrevivência.

**MÊS DE 52 MILHÕES DE ÁRVORES PERDIDOS**

Cerca de 500 hectares estão plantados no trabalho de cerca de plantações moitas e terras os troncos em pedregal de um metro e mais, para serem aproveitados pelas máquinas da fábrica, depois de desmontados em toneladas rotativas que, para melhor rendimento, estão virando dia e noite. O trabalho que se produzirá até junho ou julho do ano que vem. Então que se largue a mata sem ser os troncos e os troncos do material, que deverá ser enviado para outros usos, e de outro problema para o qual se aguarda de Monte Alegre estão produzindo a solução. Não há mais uma taxa forte desde que as árvores são giram na propriedade, em 21 de agosto, indivíduos não são mais em montes (luzes) e estão vivos, mas sempre as bordas das áreas em condições ótimas.

O que aconteceu foi terrível. Além de plantações florestais, outras florestas, matas nativas, pastagens, uma fazenda. E por mais que não desapareceu estas construções e não mostra que em Monte Alegre. O combate ao fogo foi, contudo, segundo planos de resistência estrangeira. Mas várias vezes, quando tudo parecia correr bem, a direção do vento mudava e os estufos mais inflamáveis eram destruídos.  
Cálculos que 50 milhões de árvores de plantações de vários idades, noventa e sete, poucas ficaram sobrevivendo. O fogo passou rápido. Quase toda a madeira queira ser aproveitada. As plantações florestais de Klabin e as de Maracázeo eram as únicas existentes no Paraná, visando e absolutamente os melhores do país. E neste último os troncos foram aproveitados.

O PAPEL

Agrícola. O Instituto Nacional do Pinho manteve nove parques Florestais, onde foram plantados 15.948 hectares de pinheiros brasileiros. As indústrias também fizeram sua parte. A Companhia Paulista de Estradas de Ferro contava com 17.400 hectares plantados com eucaliptos. As indústrias Klabin já somavam 27.873 hectares de pinheiros brasileiros, enquanto a Melhoramentos contava com 17.400 hectares de eucaliptos, entre outras empresas, que trabalhavam nas florestas plantadas com apoio do Governo Federal.

Paralelo a esse cenário, do outro lado do mundo, pioneiros na fabricação de celulose, conforme matéria publicada na *O Papel* de

novembro de 1962, comemoravam a construção da primeira fábrica de celulose de bissulfito magnésico, construída na Suécia. Programada para produção inicial de 85 mil toneladas anuais de celulose, a fábrica custou 21 milhões de dólares e teria um consumo anual de madeira de 550 mil metros cúbicos. O volume de produção da empresa sueca sozinha era bem superior às 300 mil toneladas anuais de celulose que, no Brasil, requeria 15 fábricas para gerar esse total.

**24.º FATO** – Em janeiro de 1964, o setor florestal continuou registrando marcos positivos no Brasil. A revista *O Papel* destacava a restauração

CAPÍTULO 3 - 1960 A 1969

26.º FATO

### Notícias Diversas

NOTÍCIAS DA CINKRAFT

For anunciado pelo serviço de Imprensa da Embaixada Americana no Rio um contrato no valor de 800 mil dólares entre a Alarça Para o Progresso e a Cinkraft Celulose e Papel Ltda.

A Cinkraft, estabelecida no Brasil desde 1956 com fábrica em Lages — Santa Catarina, é produtora de papel e celulose kraft, num sistema integrado, utilizando água do Paraná de forma racional. A atual atividade da Cinkraft envolve um patrimônio de ações de 10 milhões de dólares, instaladas em máquinas, edifícios, áreas de reforestamento e usinas de força. A importância financeira para Alarça Para o Progresso representa cerca de 1/3 do investimento total, ora em execução pela Cinkraft para melhorar o mesmo volume de produção, através continuamente os processos industriais e reduzir os custos presentes, etapa inicial para o subsequente aumento da produção.



Essa etapa de investimento, financiada pela aplicação na aquisição de equipamentos ainda não produzida no país, já que o restante está sendo integralmente executado no país pela própria Cinkraft em vários contratos com firmas locais.

O investimento, mais as sucessivas etapas de expansão da Cinkraft, elevaram a capacidade para 12 milhões de toneladas. A conclusão da presente etapa permitirá, de pronto, a uma economia de dólares em produtos importados, de ordem de 500 mil dólares anuais e possibilitará a geração de fundos para aquisição do capital do mercado brasileiro, visando a desenvolver a presente produção da Cinkraft.

Estiveram em visita às instalações da Cinkraft Celulose e Papel Ltda., em Lages, SC, o Cel. Silvio Pires

de Luz, presidente do Instituto Nacional do Papel, Sr. Cleo Della de Oliveira Cecco, delegado regional do INP, em Lages, e o Sr. Heitor Paulo Krug, engenheiro.



re-aquitação do Serviço Florestal de São Paulo. Os atuais visitantes tiveram, no ocasião, oportunidade de visitar, em companhia do engenheiro James Anjos, ge-

### MAGNUS S. A.

40 ANOS DE EXPERIÊNCIA A SERVIÇO DA INDÚSTRIA DE PAPEL

LIMPA, LIMPA, COMPLETA DE PROCEDIMENTOS E MÉTODOS PARA A SUA INDÚSTRIA NO QUE SE RELACIONA COM:

- Aceleradores no desfibramento
- Limpeza de baterias
- Limpeza de filtros
- Limpeza de fibras
- Limpeza de entes de sucção
- Lubrificantes para altas temperaturas
- Tratamentos de águas de efluentes e linha de vapor

Aceleradores de filicção no tratamento de fibras

Solicite a visita de nossos técnicos.

**MAGNUS S. A. MÁQUINAS E PRODUTOS**  
Avenida Rio Branco, 138 - 5.º Flur. - 018  
Rua Santa Margareta, 21 - São Paulo - S. P.

Filiais e agências em várias Capitais e Cidades do País



O PAPEL 33

ração de 52 milhões de árvores, ou cerca de 3.784.000 m<sup>3</sup>, destinados à indústria de papel do Paraná, em compensação às perdas de floresta, causadas pelos incêndios que queimaram as plantações no Paraná nos meses de agosto a setembro de 1963, na Fazenda Monte Alegre, da Klabin. Cerca de 70% da área, o correspondente a 25 mil hectares, fora queimada. Dizia-se que era a primeira vez que o incêndio de proporções tão grandes acontecia no Brasil.

No cenário internacional, em março de 1964, a *O Papel* abordou o estudo publicado pela FAO sobre a produção europeia de papel em relação às consequências da constituição de importantes estoques na Europa Ocidental e falou sobre a capacidade regional de fabricação de papel e papelão. De acordo com as notícias, em 1965, a Europa ocidental contaria com uma capacidade de exportação

de 2,8 milhões de toneladas de papel e papelão, enquanto a demanda chegaria a 24 milhões. Previa-se também um excesso de capacidade para o mercado de papel jornal até 1967. No entanto, esse cenário se invertiu anos depois, com a necessidade de aproximadamente 37 milhões de toneladas, enfrentando escassez regional e de matérias-primas.

**25.º FATO** – O ano de 1964 seguiu seu curso com a indústria de base florestal se desenvolvendo, e aos 16 de julho, desse mesmo ano, foi fundada no Brasil a Voith S.A. Em janeiro de 1965 publicou-se uma matéria pela *O Papel* sobre a nova indústria para fabricação de máquinas de papel e celulose, instalada em um terreno de 300 mil metros quadrados, localizado ao lado do Pico do Jaraguá, em São Paulo, e sede da empresa até hoje.

A matéria descreveu todas as instalações, as atividades técnicas, os projetos, o programa de fabricação, os tipos de máquinas e produtos, que poderiam ser desenvolvidos na empresa, bem como os projetos que estavam em curso, como fábricas de celulose processo sulfito, além de instalações para recuperação de soda com produção de 20 a 50 toneladas, recuperando 70% a 80% de soda.

**26.º FATO** – Em fevereiro de 1965 foi anunciado um contrato no valor de US\$ 800 mil entre a aliança para o progresso e a OlinKraft Celulose e Papel. O patrimônio da empresa de 10 milhões de dólares estava investido em máquinas, edifícios, áreas de reforestamentos e usinas, com foco na atualização dos processos industriais e redução de

custos presentes para subsequente aumento de produção. Essas melhorias levaram a duplicar a produção da empresa. Um dos avanços foi o sistema de recuperação química que possibilitou reduzir o custo de operação da produção. A empresa foi um dos principais *players* da época, responsável por elevar a produção de papel e celulose no País.

Ainda no ano de 1965, em julho, a publicação anunciou a realização do Primeiro Congresso Brasileiro da Indústria Gráfica. Um evento realizado de 17 a 20 de junho para cerca de 500 pessoas em Águas de Lindoia, São Paulo. Discutiu-se o aprimoramento de matérias-primas básicas, como os produtos químicos, as tintas de impressão, cartolina e papel, a padronização da qualidade, os formatos, a gramatura da embalagem, entre outros itens que poderiam melhorar a qualidade oferecida pelos produtos dessa in-

27.º FATO

**Um ano Record para os Fabricantes de papel em todo o mundo**  
**A Record Year For World's Paper Makers**  
**Ein Rekordjahr fuer Papier-Fabrikanten in der ganzen Welt**

SUMMARY	AUSZUG
<p>A worldwide review of industrial progress and trade possibilities in the pulp, paper and board production for the next year, past, and an outline of future possibilities and plans.</p>	<p>Ein Weltweitiges über Weltweite Papier- und Holzwarenherstellung in der Zukunft... (text continues in German)</p>

Quando a ano de 1965, o crescimento industrial e econômico no setor de papel e celulose foram, desde 1961, o melhor em termos mundiais... (text continues in Portuguese)

O PAPEL



dústria. Sua importância foi tal que mais duas edições da *O Papel* foram dedicadas para ressaltar os assuntos discutidos no evento.

Em agosto de 1965 publicou-se a notícia que o Paraná passava a produzir papel Kraft pela empresa Santo Agostinho, com capacidade de 20 toneladas por dia, utilizando soda e enxofre importados para abastecer sua linha de produção. Nesse mesmo cenário, ainda que o eucalipto e o pinus tivessem se estabelecido como principais matérias-primas na produção de celulose, a palha de Carnaúba passou a ser uma opção na produção de papelão, conforme a edição de setembro de 1965 da *O Papel*. Na ocasião, o Banco do Nordeste concedeu o empréstimo de 140 milhões de cruzeiros à Carnafibra, localizada em Fortaleza-CE. Era a primeira vez que se utilizaria a palha de Carnaúba para produzir esse papelão em escala industrial.

O mercado de papel e celulose se apresentava como um bom negócio em novembro de 1965, e as indústrias tinham as maiores emissões de capital. 61% registrados no primeiro semestre daquele ano, o capital global das 8.250 sociedades anônimas que cresceram suas rendas sociais passou de 3,3 trilhões de cruzeiros para 6,8 trilhões de cruzeiros elevando-se em média 106%.

**27.º FATO** – A edição de dezembro de 1965 registrou um ano recorde para os fabricantes de papel em todo o mundo. Tal crescimento devia-se ao desenvolvimento industrial e econômico em todas as partes do planeta, e os Estados Unidos lideravam. A produção mundial estava perto das 92 milhões de toneladas métricas de papel.

O setor vivia um progresso técnico com os novos sistemas de mol-

## EM 1966 O BRASIL ALCANÇOU NO INÍCIO DO ANO A AUTOSSUFICIÊNCIA NA PRODUÇÃO DE CELULOSE PASSANDO DE IMPORTADOR A EXPORTADOR DA MATÉRIA-PRIMA

dagem, os novos processos para fabricação, desde o desenho dos batedores e dos refinadores, até os aperfeiçoamentos da caixa de distribuição das telas e dos feltros, e os estágios do processo de secagem. Ao mesmo tempo, a mão de obra também começou a ficar escassa, segundo matéria reproduzida pela *O Papel* e publicada pelo *Diário de Notícias*, na qual o ministro Leme, da Agricultura, disse que o Brasil precisava de uma escola de celulose e papel dada a importância desse mercado para o País.

A edição de fevereiro de 1966 colocou em pauta novamente a questão do reflorestamento e retratou uma reunião de alguns estudiosos para discussão do tema, em especial por conta do novo código florestal, promulgado em 16 de setembro do mesmo ano e que estava em vias de regulamentação na época. Período

em que a produção florestal batia todos os recordes na América Central e do Sul: a extração de madeira atingiu 35,14 milhões de metros cúbicos em 1964, ou seja, 12% a mais do que em 1963. No Brasil, houve aumento de 14% e no Chile em 31% de produtividade, conforme estatísticas da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO).

*(Posteriormente, vale destacar que de acordo com a portaria n.º 201 de 8/4/1968 do INSTITUTO BRASILEIRO DE DESENVOLVIMENTO FLORESTAL, ficavam obrigadas ao reflorestamento todas as indústrias madeiras e fábricas de papel em geral que utilizassem matéria-prima proveniente de derrubada de árvores baseado em tabelas do IBDF.)*

**28.º FATO** – Um fato importante para a indústria, noticiado em abril de 1966, foi que o Brasil alcançou no início do ano a autossuficiência na produção de celulose passando de importador a exportador da matéria-prima.

### 28.º FATO

**UM AUMENTO DE 92% POR ANO. Líderes da produção mundial: França e Canadá com, respectivamente, 1.122.000 e 1.071.000 toneladas em 1965 e 1964, com uma variação de 48,2 por cento. Sem segundo lugar permanente: os Estados Unidos, com 754.000 e 1.000.000 toneladas, cuja variação foi de 33,7 por cento, seguida pela Finlândia, com 517.000 e 674.000 toneladas, com uma variação de 30,1 por cento. Na quarta posição situaram-se o Japão com 181.000 e 230.000 toneladas seguidas, respectivamente, com uma variação de 27,3 por cento e em quinta a URSS, com 282.000 e 247.000 toneladas e uma variação de 13,2 por cento. Os demais países que produzem papel foram: Alemanha: 96.000 toneladas com uma produção de 71.219.000 e 2.378.000 toneladas e uma variação de 248,5 por cento.**

(Fonte: Diário de São Paulo — 29-1-66).

**NOVO PREÇO PARA MAQUINA OFFSET. PARA A WELFARE.**

A Offset — a Macchine & G. di Torino apresenta agora seu preço mínimo para o aluguel de uma grande máquina offset de offset. Assim como acontece a Offprint, Bona, com o aluguel do prédio para a construção de uma grande.

Máquina offset para impressão artística e reprodução, para o sistema Blandini, Blandini.

3 Impressoras Offset para impressão artística e reprodução, para o sistema Blandini, Blandini.

1 Aparelho de offset a álcool, para 2 e 3 folhas, com pranchetas;

2 Transdutores de rito automáticos;

1 Sistema de escape para duas folhas de papel.

Esta máquina de alto rendimento está equipada com um sistema de escape automático e com um sistema de 23.000 volantes de offset por hora. Além disso, tem uma grande impression de produção e o sistema de WPAF.

**A CELLULOSE GANDINI & CORRADI. BANAS — 31-1-66**

O início do ano de 1966 mostrou um aumento importante na produção de celulose mundial: 92 milhões de toneladas métricas de celulose produzidas em todo o mundo em 1965 para 15.000 toneladas em 1964 e o aumento de 130.000 toneladas em 1965 para 15.000 toneladas e o aumento de 130% (130% em 1965) em 1966.

Os novos preços, o Brasil recebeu de São Paulo para a indústria de papel e celulose.

**A Céluloze Gândini & Paper E&C, com fábrica em Lages, Santa Catarina, acaba de montar um "trigênio" a primeira planta de celulose kraft autossuficiente, de alto rendimento, com valor superior a 20 mil dólares. Foi instalada especificamente para produzir celulose para a indústria nacional através de um contrato assinado com a fábrica de Lages. Além disso, o "trigênio" também produzirá celulose para a indústria nacional através de um contrato assinado com a fábrica de Lages. Além disso, o "trigênio" também produzirá celulose para a indústria nacional através de um contrato assinado com a fábrica de Lages.**

**COMPANHIA FRANCESA ENCOIMEDIA. MÁQUINAS EM AMSTERDAM.**

A Weltpaper-Amsterdam (filial da V&M) (Stark-Walques) oferece um contrato de aluguel de papel francês "Le Colporteur de Pin" para aluguel de uma máquina de papel "V&M". A finalidade do aluguel é a produção de celulose para a indústria nacional através de um contrato assinado com a fábrica de Lages.

A máquina compreende o fornecimento de 18 cilindros de escape automáticos de controle automático e guia, um "servidor" e também a instalação de "versões" em duas de 4 metros. O custo total atinge cerca de 2 milhões de dólares e o aluguel é pago por mês até julho de 1966.

(Fonte: Diário Comércio & Indústria — 28-2-66)

**NOVO AUMENTO DO PAPEL DE JORNAL NO CANADÁ.**

Mais três produções de papel aumentaram este ano: a primeira, a indústria de papel de jornal "Anglo-Pulp and Paper Mills" de Quebec; a segunda, a indústria de papel "Knapic Pulp and Paper" de Montreal.

Os novos preços, o Brasil recebeu de São Paulo para a indústria de papel e celulose.

Os aumentos foram iniciados no mesmo período em que a indústria de papel e celulose aumentou sua produção em 1966.

— 134 Alíneas e toneladas para a Casa Odebre, o primeiro de abril. Isto significa uma produção de 100 milhões de toneladas em 1966.

© PAPEL



CAPÍTULO 3 - 1960 A 1969

A produção nacional elevou-se em 400 mil toneladas, e as importações, de tipos especiais de celulose apenas, não atingiria 10 mil toneladas.

Se essa informação já era positiva, a edição seguinte trouxe a relação de **164 projetos de novas fábricas** de celulose e papel em grande escala ou de modernização que deveriam ser terminadas nos Estados Unidos e Canadá. Ou seja, o País se sentia ainda mais seguro para continuar na sua estratégia como produtor de celulose.



Era o início do final dos anos 1960, e a indústria de celulose já estava estabelecida no mundo, tendo o Brasil alcançado sua autossuficiência com destaque para a competitividade global que ganhava cada vez mais força, aumentando a importância de elevar a produtividade. Entrou em cena nesse momento o potencial tecnológico dos fornecedores, que desenvolviam maquinários capazes de impulsionar essa indústria.

A edição de dezembro de 1967 destacou que o maior Secador de Celulose do mundo fora anunciado no Canadá, sendo construído pela “Svenska Flakfrabikern” da Suécia para a Northwood pul LTD. A capacidade de secagem da máquina era de 620 toneladas por dia. No mesmo editorial, acompanhando a expansão da indústria global, falou-se sobre o plano florestal para implantação da indústria de celulose e papel da Rígesa no município de Canoinhas em Santa Catarina no qual a empresa já tinha adquirido 3 mil hectares e cultivado mil deles. Por sua vez, na mesma

29.º FATO



época, na Argentina, também estavam sendo concluídas as instalações de uma fábrica de celulose e papel com capacidade de 100 toneladas diárias utilizando o bagaço de cana e adição de 8% de fibra longa, advindo do Chile e Brasil. No México, o banco forneceu subsídios para construção de uma fábrica, em San Luis Potosi.

Também, em dezembro de 1967, a *O Papel* publicou a entrada em operação da maior máquina de papel jornal do mundo da firma Holmen, na Alemanha. Produzida pela Voith GmbH, a máquina possuía largura de tela de 9.000 mm e uma velocidade de projeto de 1.000 m/min.

Em setembro de 1968, as páginas da revista notificaram a pedra fundamental da planta de celulose kraft branqueada, no valor de 47 milhões de dólares, da Arauco, no Chile, anunciada para 1971, com produção de 350 toneladas diárias, para competir com mais força no mercado latino-americano.

**29.º FATO** – Em fins dos anos 1960, a revista *O Papel* celebrou a realização da 1.ª Convenção Anual da Associação Brasileira de Celulose e Papel (ABCP, atual ABTCP). A Associação vivia um grande momento.

Em junho de 1969 ela anunciou a sua mudança de sede. As páginas da publicação, que antes compunham um boletim anexo da ABCP, eram tomadas por eventos técnicos da entidade.

**30.º FATO** – Os fatos mais relevantes sobre o setor de celulose e papel, publicados pela revista *O Papel*, chegaram à edição de dezembro de 1969, quando o presidente da República assinou um decreto consolidando os incentivos fiscais e creditícios para a indústria, e um decreto que estabelecia os objetivos e diretrizes da política de desenvolvimento industrial. As metas fixadas previam ritmo de expansão do produto industrial bruto (PIB) entre 7% a 8% ao ano e havia dentro do conselho de desenvolvimento setores novos voltados ao mercado externo buscando incentivar a complementação e integração do parque industrial para maior flexibilidade das linhas de produção, fazer a substituição de equipamentos e especialização das unidades fabris, entre outros. O decreto reestruturou os grupos da comissão, entre eles, o grupo executivo das indústrias de papel, celulose e artes gráficas, conhecido por GEIPAG.

30.º FATO



# QUARTA DÉCADA – 1970 A 1979

## O CONHECIMENTO TÉCNICO MULTIPLICA-SE NO BRASIL, COM A EXPANSÃO DA CAPACIDADE PRODUTIVA DAS FÁBRICAS ACONTECENDO A TODO VAPOR

O final dos anos 1960, de acordo com dados da FAO, foi marcado por aumento significativo da produção industrial mundial. No caso do papel-jornal, o volume era de 23,2 milhões ante 22,2 milhões de toneladas no ano anterior. A celulose também indicava crescimento: de 114,1 milhões *versus* 109,6 milhões de toneladas no período. Tais estimativas demonstravam que o setor de celulose cresceu, em média, nesse período, 5,6% ao ano; o segmento de papel-jornal, 4,8%; e o de papelão ondulado, 4,5%.

Simultaneamente à expansão da indústria, as informações publicadas pela *O Papel*, relativas à década de 1970, destacavam o elevado crescimento da produção de conteúdo técnico, organizada e liderada pela ABTCP, que atuou incisivamente na integração e conexão entre seus associados, por meio da realização de seminários, convenções e pelo próprio veículo que tinha o papel fundamental de comunicar as notícias e os acontecimentos mais relevantes do setor, inclusive, quanto às questões burocráticas.

Isso porque, desde 1967, data da fundação da então ABCP (hoje ABTCP), a entidade assumiu o compromisso de gerar todo o conteúdo técnico veiculado pela *O Papel*. Os anuários circulavam na metade do ano vigente e contemplavam um guia, um resumo das atividades, balanço, avaliação dos trabalhos apresentados no Congresso Técnico Anual; as edições da *O Papel* somavam mais de 120 páginas em algumas ocasiões. Na gestão da ABTCP estavam os líderes fundadores dos principais *players* do setor de celulose e papel – empresas que se mantêm até hoje.

Em fevereiro de 1970 foi realizada a III Convenção Anual da Associação. A revista *O Papel*, que já era uma publicação oficial da ABTCP, retratou os assuntos mais relevantes do período, como a organização burocrática, os custos industriais, os sindicatos etc. Na edição de março desse mesmo ano, a publicação destacou também a nova sede da ABTCP, à Rua Tubarana, 89, na Vila Mariana, além da criação da Comissão de Ensino, enfatizando o papel da entidade e sua missão em prol da capacitação técnica do setor.

**31.º FATO** – O papel fotográfico, hoje raridade, foi notícia em fevereiro de 1970, quando a Kodak anunciou a instalação de uma nova fábrica em São José dos Campos-SP, que começou a funcionar em 1971. A empresa, então uma das mais modernas do mundo, estava dimensionada para atender à crescente

### 31.º FATO



32.º FATO



demanda do mercado latino-americano, e seu projeto previu a expansão da área construída até o ano 2000. Fato curioso é que, no longo prazo, a revolução digital surpreendeu esse mercado.

**32.º FATO** – Em abril do mesmo ano, 1970, a *O Papel* trouxe uma entrevista exclusiva sobre a I Bienal Internacional do Livro (que aconteceu de 15 a 30 de agosto daquele



Entrevista concedida à *O Papel* por Paulino Saraiva, então presidente da Câmara Brasileira do Livro (CBL)

ano), com Paulino Saraiva, então presidente da Câmara Brasileira do Livro (CBL). A relevância da conhecida Bienal do Livro é tal que o evento acontece até hoje no eixo São Paulo e Rio de Janeiro.

Ainda em 1970, enquanto a expansão do conhecimento seguia seu curso pelas mãos, principalmente, da ABTCP, em julho a Rigesa anunciou o pedido de fabricação da maior máquina de papel até aquele momento no Brasil, com 4,93 m de largura e capacidade para produzir 225 toneladas de papel kraft por dia, a partir de pinus. A máquina seria destinada à fábrica de Três Barras, em Santa Catarina, que estava em processo de expansão. Também nesse mês de julho de

1970 a Voith inaugurou a sua unidade de fundição pesada, no bairro do Jaraguá, em São Paulo, onde permanece até hoje, ocupando uma área de 35 mil m<sup>2</sup>, em um terreno de 300 mil m<sup>2</sup>.

A edição de dezembro de 1970 da *O Papel* publicou a cobertura completa dos eventos da ABTCP e trouxe como destaque que, no campo social, haviam conquistado um aumento no número de associados. Em dezembro de 1969 eram 512 e, em dezembro de 1970, somavam 564. Na parte técnica, realizou-se com sucesso os seminários de “Bambu como Matéria-Prima para a Fabricação de Celulose”, “Equipamentos Elétricos nas Indústrias de Celulose e Papel” e “Parte Úmida de Máquina de Papel”, além da III Convenção Anual, cujos resultados foram os mais positivos.

Em janeiro de 1971, a *O Papel* destacou em seu editorial os 50 anos da Indústria do Papel no município de Valinhos-SP, a partir de discursão

so de Ferruccio Celani, fundador da Cartonificio Valinhos, levando o progresso e o setor em si para a região, quando ganhou o título de cidadão honorário da cidade. Ele também era presidente emérito do Sindicato da Indústria do Papel no Estado de São Paulo.

Celani dizia que a produção, devido ao seu desempenho positivo, de cerca de 765 mil ton/ano, permitia exportar pequenas quantidades de polpa de eucalipto branqueada e Kraft não branqueada, e que a expansão prevista garantiria ao País autossuficiência em fibra curta a partir de final de 1972. Anteviu, contudo, certa escassez para os próximos dois anos, decorrente do início de operação de várias unidades fabricantes de papel. “Prevendo o forte aumento de demanda, solicitamos às autoridades do Ministério da Fazenda a redução temporária de alíquotas para a importação de celulose, pasta mecânica e aparas até que o suprimento se regularize. Obtida a isenção conseguiremos reduzir o impacto que eventualmente seria criado nos custos decorrentes do preço bem mais elevado dos produtos importados”, pontuou o executivo.

O mercado de papel seguiu sua expansão. A Olinkraft era uma das grandes produtoras. Em fevereiro de 1971, a empresa instalou uma segunda máquina de papel e demais equipamentos auxiliares na sua fábrica de Igaras, município de Lages, em Santa Catarina.

Alguns incentivos também impulsionaram o setor como noticiado em março de 1971. O Banco Intera-

americano de Desenvolvimento (BID) concedeu um crédito especial de US\$ 1.320.000, a fim de permitir ao Brasil a exportação de maquinário para a fabricação de papel para a Argentina em favor da Companhia Federal de Fundação, do Rio de Janeiro, que exportava equipamentos para a Celulosa de Jujuy de Buenos Aires (Argentina). O financiamento de bens de capital da América Latina enquadrou-se no programa adotado pelo BID, em 1963, com a finalidade de estimular o crescimento das indústrias de bens de capital na região e promover a integração da econo-

mia latino-americana por meio de intercâmbio comercial.

Melhorias e avanços promovidos na indústria de base florestal eram sempre noticiados nas páginas da revista *O Papel*, como a matéria sobre o Periformer, criado pela KMW, que apresentava uma nova maneira de fabricar papéis sanitários, como a formação da folha diretamente sobre a superfície do cilindro, eliminando a etapa de transferência da folha da parte úmida de uma máquina convencional para o cilindro secador.

No segmento de papéis finos surgiu no Nordeste a Papéis Finos do Nordeste S/A (PAFISA), no município de Igarassu, Pernambuco, com capacidade para produzir cartões, cartolina, papel kraft etc., dentro de uma produção estimada em 228 mil toneladas anuais, a partir do linter, sisal e bagaço de cana. Outros anúncios foram feitos, como uma nova fábrica da Indústria de Papel S/A (IPSA), um investimento de 180 milhões de cruzeiros e capacidade de produção de 300 ton/dia, em Santa Catarina, para a produção de papel Kraft. Em março de 1971 foi anunciada a Engenharia e Montagem Industrial (Tecnomont S/A), dando prosseguimento ao programa de expansão da Champion Celulose. Montou e executou o projeto de mais uma máquina, fabricada pela Voith S/A, para a produção de papéis para imprimir e escrever.

Uma curiosidade é que Três Lagoas-MS já era vislumbrada por investidores há muito tempo. Na edição de janeiro de 1973, a *O Papel* publicou o interesse da Mac Millan Bloedel Ltd., do Canadá, pela região, uma vez que a empresa havia reve-

“ PREVENDO O FORTE AUMENTO DE DEMANDA, SOLICITAMOS ÀS AUTORIDADES DO MINISTÉRIO DA FAZENDA A REDUÇÃO TEMPORÁRIA DE ALÍQUOTAS PARA A IMPORTAÇÃO DE CELULOSE, PASTA MECÂNICA E APARAS ATÉ QUE O SUPRIMENTO SE REGULARIZE ” Ferruccio Celani

33.º FATO



lado a possibilidade de ser instalada no local uma nova fábrica para a produção de celulose e papel. A decisão final da empresa, de acordo com a notícia, seria tomada com base nas pesquisas realizadas junto a empresários nacionais e seria divulgada em meados de 1973.

A Aracruz Celulose e a Aracruz Florestal também apareceram entre as empresas de destaque da *O Papel* com novos projetos, em que investiriam US\$ 167 milhões em projetos de uma fábrica de celulose, para a produção de 1.000 ton/dia, a partir de 1976. A floresta de eucaliptos e a fábrica de celulose ficaram localizadas no município de Aracruz, no Espírito Santo.

33.º FATO – Refletindo em um número maior que o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB), na edição de março de 1973, a publicação expôs que o crescimento da in-

34.º FATO

**FAZENDA DE PAPIREIROS**  
 Finalmente, realizou-se a colaboração técnica os fabricantes de máquinas, fornecedores de ventiladores de bobina, fabricantes de papel, o que permitiu condições propícias para um desenvolvimento de melhor ventilação sintética, resultando em melhor rentabilidade das máquinas de papel.  
 Conferenciista Martin von Tollkacz discorreu sobre desenvolvimentos recentes na análise "off-line em produção", assim resumida:  
 O controle do processo na indústria de papel passa da dia com a automação em rápido passo. Mas a mais parâmetros da folha em produção podem ser medidos e controlados automaticamente. Agrupamentos correlacionados em diferentes vias de acesso aos problemas de controle.  
 Entretanto, algumas das técnicas mais recentemente desenvolvidas, capazes de medir certas propriedades do papel, tais como de carga, brilho, furos, medida de revesitamento, etc., ainda não foram amplamente utilizadas ou mesmo estudadas pelos usuários finais.  
 O trabalho discute esta situação e informa alguns novos sistemas "on-line" para a produção de papel que até agora só podiam ser medidos em máquinas em produção.  
 As últimas melhorias e progressos nos sistemas de unidade e peso básico também são relatados.  
 Outros parâmetros da folha não são ainda medidos com dispositivos comercialmente disponíveis, em parte porque os fabricantes dos instrumentos de medição talvez ainda não se dão conta plena conta das possíveis economias de custo de tais medições, e em parte porque os fabricantes de papel não se dão conta de como preparar para contribuir com o desenvolvimento de sistemas novos, com suas facilidades, experiência, informação e, principalmente, preço.  
 A conferência de Edward Buckley foi sobre fator contínuo de secagem na indústria de papel, abordando o assunto da seguinte maneira:  
 Os princípios básicos da secagem mediante circulação forçada, de papel e cartão, utilizando aquecimento como vector de transferência de calor são delineados. O efeito de modificar a taxa de transferência de calor sobre o processo de secagem, bem como a importância de características de liberação de água da própria lâmina são explicados.

**DESENVOLVIMENTO DE MÁQUINAS DE PAPIREIROS**  
 Diversas maneiras de fornecer ar de ventilação às máquinas de papel são descritas; sistemas de absorção de vapor mais eficientes têm sido possibilitados pela introdução de telas seccionadas de malha aberta.  
 Após as conferências realizou-se um coquetel com a presença de todos os convidados.  
 (As fotos deste seminário serão publicadas no próximo número)

**BNDE APOIA SETOR DE CELULOSE**

Vai ser desenvolvido pelo BNDE um programa destinado a incrementar o setor da indústria de papel e celulose, tendo em vista a possibilidade de o Brasil participar com 2,5 milhões de toneladas de celulose no mercado mundial em 1980, aproveitando parte da demanda que não poderá ser atendida pelos produtores tradicionais. O valor dessas exportações corresponderá a cerca de US\$ 400 milhões por ano, segundo afirmou o presidente da instituição, Marcus Pereira Viara.  
 A decisão foi anunciada durante o seminário que o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico promoveu com os principais empresários do setor da indústria de papel e celulose, quando iniciou a uma série que, dentro dos próximos meses, abordará cerca de 10 setores industriais.  
 Falando em nome da indústria, Max Feffer, que levantou a questão das possibilidades que o Brasil tem de concorrer nas exportações de celulose, destacou que os países que tradicionalmente abastecem neste setor com suas reservas esgotadas ou programadas a um nível que deixa uma margem razoável para novos concorrentes, em situação bastante animadora.  
 Acrescentou que um levantamento realizado pelo autor indica que a demanda mundial de celulose até 1980 será da ordem de 160 milhões de toneladas, e o Brasil terá condições de prover esta demanda até o limite de 2,5 milhões, além de 2,5 milhões para atendimento do consumo interno.  
 Mas para que isso ocorra, concluiu, são necessários seguintes requisitos: a) adequado nível de tecnologia; b) melhoria da infraestrutura-estrutura; c) redução dos custos e d) normalização dos sistemas de qualidade.



dústria brasileira de papel em 1972 tinha sido de 17%. No ano anterior, esse índice já havia atingido 12,56%, revelando uma melhora de 7,08% sobre o nível médio dos anos anteriores. Nos últimos nove anos, a taxa média de crescimento do setor foi superior à taxa de expansão do PIB, em 11,73%, conforme a Associação Paulista dos Fabricantes de Papel e Celulose (APFPC), com base em pesquisa realizada em 135 fábricas de papel, 40 de pastas químicas (celulose) e 27 de pastas mecânicas e mecano-químicas, representando, em conjunto, cerca de 95% da produção brasileira em tonelagem.

**34.º FATO** – Como forma de apoio foi anunciado o programa do BNDE (hoje BNDES), destinado a incrementar o setor para que o Brasil participasse com 2,5 milhões de toneladas de celulose no mercado mundial em 1980. O valor dessas exportações corresponderia a cerca de US\$ 400 milhões por ano. Falando

em nome da indústria, Max Feffer levantou a questão das possibilidades que o Brasil teria em concorrer nas exportações de celulose e destacou que os países que tradicionalmente atuavam nessa área estavam com suas reservas esgotadas ou programadas a um nível que deixava uma margem razoável para novos concorrentes em situação bastante animadora. Acrescentou que um levantamento realizado pelo setor indicava que a demanda anual mundial de celulose até 1980 seria da ordem de 160 milhões de toneladas, e o Brasil teria condições de prover esta demanda até o limite de 2,5 milhões, além de 2,5 milhões para atendimento do consumo interno.

**35.º FATO** – Outro fato relevante noticiado pela O Papel abordou o trabalho apresentado por Samuel Klabin no Sétimo Congresso Florestal Mundial, em outubro de 1972, intitulado “Indústria, economia florestal e o fator humano - o caso da indústria brasileira de celulose e papel”, o autor realizou uma verdadeira análise da contribuição econômica e social desta indústria.

As observações colocadas por Klabin baseavam-se em dados de sete grandes empresas integradas no Sul do Brasil.


**36.º FATO** – Nesse mesmo ano, a Suzano despontou como o principal player e obteve os primeiros resultados dos negócios com o mercado externo. A empresa tinha como previsão mínima de receita cambial 15 milhões de dólares anuais relativos às remessas de celulose e eucalipto para o exterior.

A celulose de eucalipto, inclusive, passou a ser defendida como

a principal matéria-prima seguida pelo pinus. Uma vez que o setor ainda se via muito dependente da importação de celulose, a grande busca era pela autossuficiência.

**37.º FATO** – A Borregaard também tinha como foco a exportação. Localizada em Guaíba, no Rio Grande do Sul, a fábrica estava entre as maiores exportadoras brasileiras de produtos industrializados, com capacidade total de produção de 720 toneladas/dia de celulose para papel, ou 515 toneladas/dia de celulose solúvel para rayon. Sendo coirmã da Borregaard S/A, de Sarpsboro, Noruega, as duas fábricas realizavam um ciclo completo de produção a partir do plantio das árvores até a distribuição dos produtos derivados da celulose no mercado. Eram separadas por uma distância de 15 mil quilômetros e ligadas por via


35.º FATO

 fevereiro - 1972

introdução para o artigo de samuel klabin

O trabalho, que em seguida publicamos, foi apresentado por Samuel Klabin na ocasião do Sétimo Congresso Florestal Mundial (Buenos Aires, 4 a 16 de outubro de 1972). Os "Congressos Florestais Mundiais", são realizados de seis em seis anos com o intuito de examinar as tendências e perspectivas no campo florestal. Incluem indústrias florestais, e de orientar a política e a ação florestal nos diversos países do mundo. Participam como membros do Congresso, representantes de governos, de entidades internacionais e de organismos especializados ligados a assuntos florestais, assim como representantes de indústrias e outros indivíduos cuja atividade é vinculada à silvicultura, à economia florestal e uso de produtos florestais. Os Congressos Florestais Mundiais são congressos técnicos, cujas decisões são comprometidas com o governo participante dos mesmos. As minutas dos Congressos e os trabalhos apresentados são publicados em "Atas" dos respectivos Congressos.

O Congresso de Buenos Aires foi o primeiro dos Congressos Florestais Mundiais a ser realizado na América Latina. Foi organizado pelo governo argentino em cooperação com a FAO e com outros organismos especializados. Participaram, no Congresso de Buenos Aires, mais de mil e quinhentas pessoas, representando quase todos os países do mundo. A delegação brasileira, de mais de cem pessoas, foi chefiada por Carlos Roberto Thibau, do IBDF, o qual também assumiu a presidência do vice-presidente



Samuel Klabin

formo fôr, de várias sessões de Plenário. Samuel Klabin atuou como Vice-Presidente da Comissão VII, com base na qual se discutiu os problemas das indústrias florestais. Na ocasião do Congresso, realizou-se em forma de uma reunião ad hoc, uma exposição, por sete técnicos brasileiros, sobre os aspectos e problemas florestais do Brasil. Esta reunião, organizada por L. Cottari, do Projeto Florestal FNU/FAO/IBDF, foi assistida e muito apreciada por mais de duzentas pessoas.

fluvial, por meio de um navio com capacidade para 25 mil toneladas. Os meses posteriores informavam, da mesma forma, sobre as expansões de outras fábricas, como a Papirus, a Indústria Papelok, Celulose Irani, Ripasa, Olinkraft etc.

Os fornecedores também investiam nas suas plantas. Como foi o caso da Albany. Em novembro de 1973, a *O Papel* noticiou a nova fábrica de feltros úmidos agulhados, em Blumenau, Santa Catarina, com 7.100 m<sup>2</sup>. Próximo desse período, conforme edição de janeiro de 1974 da *O Papel*, quase 50% da produção brasileira de papel destinava-se à produção de embalagens, segundo estatísticas da Associação Paulista dos Fabricantes de Papel e Celulose (APFPC).

“A produção nacional de celulose tem crescido rapidamente nos últimos anos, mas ainda assim não estão satisfazendo totalmente as necessidades de um país como o Bra-

37.º FATO



sil, que pretende ser uma potência mundial. Em 1968, produzimos 500 mil toneladas e, em 1973, a produção total atingiu mais de um milhão de toneladas. Em 10 anos é possível que o Brasil venha a produzir 5 milhões de toneladas de celulose, cifra que ainda assim será inferior às necessidades do consumo interno. As projeções otimistas indicam que o Brasil poderá produzir cerca de 30 milhões de toneladas em 1993, mas aí as nossas necessidades serão ainda maiores, evidentemente”, dizia o artigo veiculado pela *O Papel* em meados dos anos 1970.

38.º FATO – A meta dos 30 mi-

lhões de toneladas de celulose citada na matéria da *O Papel* só seria possível ser atingida a partir de subsídios ou alguma forma de incentivo. Em 1975 existiam metas propostas pelo Conselho de Desenvolvimento Econômico (CDE) para impulsionar o crescimento em diversos setores, entre eles, o florestal. O referido ano foi assinalado pela criação do Programa Nacional de Papel e Celulose, que tinha como objetivo implantar e impulsionar a indústria por meio de metas que atuariam em três Ministérios: Agricultura, Indústria e Comércio, e Minas e Energia. O programa governamental traçado incluía a recomendação sobre a preservação do meio ambiente com o objetivo de preparar o Brasil, no médio prazo, para alcançar a produção interna de papéis em volume suficiente para o seu autoabastecimento e garantir o suprimento interno, a fim de gerar excedentes exportáveis ao nível de, pelo menos, 2 milhões de toneladas em 1980. No longo prazo, incorporou-se a meta de alcançar a casa dos 20 milhões em quantidades crescentes a partir de 1983.

Nesse mesmo período, a revista *O Papel* sempre focou seu noticiário internacional nos principais fornecedores e produtores em países como Finlândia, Suécia, Alemanha, França e Argentina. O mercado estava aqueci-

36.º FATO



**EM 1977, EXISTIAM NO PAÍS 53 FABRICANTES DE CELULOSE, SENDO QUE OS 19 PLAYERS MAIS IMPORTANTES REPRESENTAVAM QUASE 76% DA PRODUÇÃO TOTAL, E OS 44 RESTANTES, 24%, PRODUZINDO 2.304,3 MIL TONELADAS ANUAIS. O BRASIL ERA O SÉTIMO PRODUTOR MUNDIAL DE CELULOSE.**

38.º FATO

**62**

**O PAPEL, EMBALAGEM E AS ARTES GRÁFICAS NO MUNDO DE HOJE**

A realização da 7.ª FIEPAG — Feira Internacional de Embalagem, Papel e Artes Gráficas — entre os dias 3 e 9 de março, no Parque Anhembi, mostra que se realiza a cada dois anos, dá uma noção exata da importância que essas atividades têm para a vida moderna. Pela primeira vez dividida em setores, a FIEPAG mostrará o que se fabrica de mais perfeito em máquinas para embalagem; máquinas para a indústria gráfica; máquinas para papel, papéis e celulose; equipamentos, acessórios e matérias para a indústria gráfica; equipamentos, acessórios e materiais para papel, papéis e celulose e serviços.

Além da maioria das firmas brasileiras do setor, já confirmaram a sua presença os Estados Unidos, que virão com 60 firmas, a Grã Bretanha com 12 e a Itália, além dos representantes exclusivos de firmas de 19 países, o que dará um total de 500 exposições. A FIEPAG estará aberta aos convidados dos expositores e às pessoas desse ramo de atividade que se identificarem na recepção do Anhembi.

**PROGRAMA NACIONAL DE PAPEL E CELULOSE**

**PRESERVAÇÃO DO MEIO AMBIENTE**

Entre as dezenas de itens constantes dos planos elaborados pelo Conselho de Desenvolvimento Econômico, aparece a recomendação sobre a preservação do meio ambiente. O Programa propõe que todos os órgãos governamentais trabalhem no sentido de evitar o agravamento da poluição industrial nos grandes centros e a agressão contra a natureza. As recomendações do plano vão além indicando a obrigatoriedade de se utilizar técnicas anti-polluição e os cuidados na localização dos projetos.

Abaixo, transcritos na íntegra, o Programa Nacional de Papel e Celulose, aprovado no dia 4 de dezembro passado e incluído dentro das metas prioritárias do governo federal no II Plano Nacional de Desenvolvimento para o próximo quinquênio.

É o seguinte, na íntegra, o Programa Nacional de Papel e Celulose, aprovado pelo COE:

“I — O Programa Nacional de Papel e Celulose visa a preparar o País em médio prazo, para alcançar produção interna de papéis suficiente para o seu auto-abastecimento e, em relação à celulose, para garantir o suprimento interno e gerar excedentes exportáveis ao nível de, pelo menos, dois milhões de toneladas em 1980.

II — Constituem metas físicas de produção

desses insumos, a serem alcançadas até 1980, as seguintes:

	Capacidade de produção a atingir (1.000)
1 — Papel	
A. Para imprensa periódica	550
B. Para tecêtil e imprimir	950
C. Para embalagem	1.300
D. Industriais e outros	800
2 — Celulose	4.200
A. Para o mercado interno	2.300
B. Para o mercado externo	2.000
3 — Pasta miocelulose	650

III — Constitui, ainda, meta do programa a execução, concomitantemente, de investimentos em reflorestamento, de modo a permitir a manutenção da auto-suficiência na produção de celulose e pasta mecânica e a realização dos objetivos de exportação, para o que fica estabelecido o objetivo de atingir cerca de 2.500 mil hectares de área reflorestada até 1980.

IV — O objetivo de longo prazo, nas próximas décadas, é aumentar e excedente de exportação de celulose, visando a cumprir o Programa Especial de Exportação — dois milhões de toneladas — em quantidades crescentes, a partir de 1983.

V — O Ministério da Indústria e do Comércio, em articulação com o Ministério da Agricultura, o Ministério das Minas e Energia, o BNDE e demais entidades ligadas ao setor, estabelecerá o esquema de cooperação para aplicação coordenada das medidas a serem adotadas.

VI — O Ministério da Agricultura encarregará de promover ações destinadas a garantir matéria-prima para a auto-suficiência brasileira em papel e celulose e a geração de excedentes exportáveis. Estabelecerá, ainda, no prazo de 120 dias, normas e diretrizes para que sejam implantados no País “distritos florestais”, cobrindo área mínima de quatro milhões de hectares, com vistas a garantir metas de exportação de celulose, a longo prazo, em adição aos programas de reflorestamento que se prevêm necessários para assegurar a auto-suficiência do consumo interno.

VII — Os empreendimentos que se estabelecerem em decorrência do presente programa deverão observar os cuidados necessários à preservação do meio ambiente e ao controle da poluição.

**JUSTIFICAÇÃO**

O ministro João Paulo dos Reis Velloso, chefe da Secretaria de Planejamento, Mário Henrique Simonsen, da Fazenda, Maurício Fagundes Reis, do Interior, Severo Fagundes Gomes, da Indústria e do Comércio, Alysson Paulistini, da Agricultura, e Shigeaki Ueki, das Minas e Energia apresentaram justificativa do programa ao presidente da República, nos seguintes termos: Os resultados dos estudos cuja execução

presa passaria de 224 mil toneladas para 365 mil toneladas/ano até o primeiro semestre de 1979. A Jari Celulose também passaria a produzir 750 toneladas diárias de celulose branqueada, sendo aproximadamente 260 mil toneladas por ano produzidas a partir de árvores nativas da região do Rio Jari integradas a um complexo industrial de produtos florestais.

Um dado interessante sobre esse período, conforme a APFPC, diz respeito à maior absorção de mão de obra pelo mercado, sendo gerados 1.970 empregos entre janeiro e abril de 1977. Ao todo, o setor empregava 30.232 pessoas. As estimativas de crescimento no período eram da ordem de 7% na produção de papel e de 17% na de celulose.

Outra importante notícia veiculada pela *O Papel* na edição de julho de 1978 foram as exportações de papel que tinham crescido 199,06% no período de janeiro a maio de 1977. A maior contribuição havia sido da categoria de cartões e cartolinas, cujas vendas tinham aumentado 492,42% no período. Para os diretores da APFPC, o incremento constituiu um indício de que o mercado internacional retomaria o ritmo normal de transações, fechando um ano positivo. Para a APFPC, isso representou a perspectiva de, no próximo ano, alcançar o número de mil associados especialmente pelo momento positivo vivenciado pelo setor.

**39.º FATO** – A edição de dezembro de 1978 destacou a inauguração da fábrica da Aracruz Celulose com a presença do presidente do Brasil, General Ernesto Geisel. A planta de celulose branqueada de eucalipto tinha capacidade de produzir 400 mil

do para todos. A agenda de eventos do setor era extensa e publicada mensalmente pela revista. O Programa Nacional de Celulose e Papel realmente movimentou o setor, e a *O Papel* trouxe uma análise sobre a proposta, segundo a metodologia indicada, e estudava se o reflorestamento, o aumento da produtividade, o investimento na expansão das indústrias e os subsídios para tanto consideravam que, para o atendimento das metas de exportação de longo prazo, seriam necessárias à implantação gradativa de 30 distritos florestais, cada um com cerca de 140 hectares representando uma área total de plantio em torno de 4,2 milhões

de hectares na parte industrial, uma construção progressiva de cerca de 50 unidades de produção de celulose de mil toneladas por dia cada, e investimentos globais que atingiriam 17 bilhões de dólares.

Acompanhando esse movimento ascendente da indústria, em janeiro de 1977 foi anunciado o início da produção em escala comercial da celulose nipo-brasileira, a Cenibra. A empresa iniciou suas operações com 150 mil toneladas de celulose branqueada de eucalipto. A expansão da Klabin e seu complexo em Monte Alegre, no Paraná, também anunciou seus planos de crescimento. A em-

REVISTA O PAPEL - ABRIL/APRIL 2019

34

39.º FATO



**reportagem**

**inaugurada pelo presidente ernesto geisel a fábrica da aracruz celulose**

A fábrica de Aracruz Celulose, apontada como uma das maiores do mundo e cuja capacidade instalada é de 400.000 toneladas anuais, foi oficialmente inaugurada pelo presidente Geisel dia 21 de outubro último, em cerimônia que reuniu perto de 3.000 convidados.

Entre as numerosas autoridades presentes estavam os ministros João Paulo dos Reis Velloso, de Planejamento, Augusto Collares de Sá, de Indústria e Comércio; Alvaro Pimenta, de Agricultura; e governador do Espírito Santo, João Alencar; além do senador Elvino Gouveia; o general Marcos Rago, chefe da Com Militar da Presidência da República; o deputado Wilson, presidente do BNDE; senador João Calmon; o chefe de Gabinete; o prefeito de Aracruz, Haroldo Marini; o Jefe de Divisão de Instalação, Roberto Tamenon de Araújo; o presidente da ABCTP, o engenheiro Alberto Fernandes S.; vice-presidente, Carlos Antonio de Almeida; o 2.º secretário executivo e Jéfere Renato Araújo, diretor Regional do Rio de Janeiro;

chegaram a Vitória, onde já se aguardava um helicóptero da Força Aérea Brasileira que os levou ao local de inauguração. Durante o trajeto, o governador do Espírito Santo, João Alencar, e o ministro da Indústria e Comércio, Augusto Collares de Sá e Leopoldo Garcia Brandão, diretor de Aracruz Celulose.

Por certo — já que resta apenas de ser alterada a legislação — a dita fábrica logo se tornará uma realidade. Isso permitirá ao empresário o aproveitamento de recursos a custo zero via depósitos compulsórios e fazendo mal emprego dos títulos públicos.

**De Jato ao Helicóptero**

Dentro período de Brasília, no dia 21 de outubro, em 1970 o presidente Geisel e sua comitiva chegaram a Vitória, onde já se aguardava um helicóptero da Força Aérea Brasileira que os levou ao local de inauguração. Durante o trajeto, o governador do Espírito Santo, João Alencar, e o ministro da Indústria e Comércio, Augusto Collares de Sá e Leopoldo Garcia Brandão, diretor de Aracruz Celulose.

Por certo — já que resta apenas de ser alterada a legislação — a dita fábrica logo se tornará uma realidade. Isso permitirá ao empresário o aproveitamento de recursos a custo zero via depósitos compulsórios e fazendo mal emprego dos títulos públicos.

toneladas por ano, e aos mercados nacional e internacional já assegurava a produção por uma floresta de 80 milhões de pés de eucalipto com programa de plantio de 12 mil hectares anuais e um patrimônio que incluía 70 mil hectares de terras no Espírito Santo e 120 mil hectares no sul da Bahia. Um investimento de 460 milhões de dólares da empresa enfatizando as aplicações de incentivos fiscais no reflorestamento realizadas pela Aracruz.

Na mesma edição do final dos anos 1970, a revista *O Papel* tratou das novas instalações da Kamyrr. Maior fornecedora dos equipamentos para a Aracruz, empresa líder mundial no setor industrial. 50% da produção de polpa química de celulose era obtida em digestores contínuos dessa empresa.

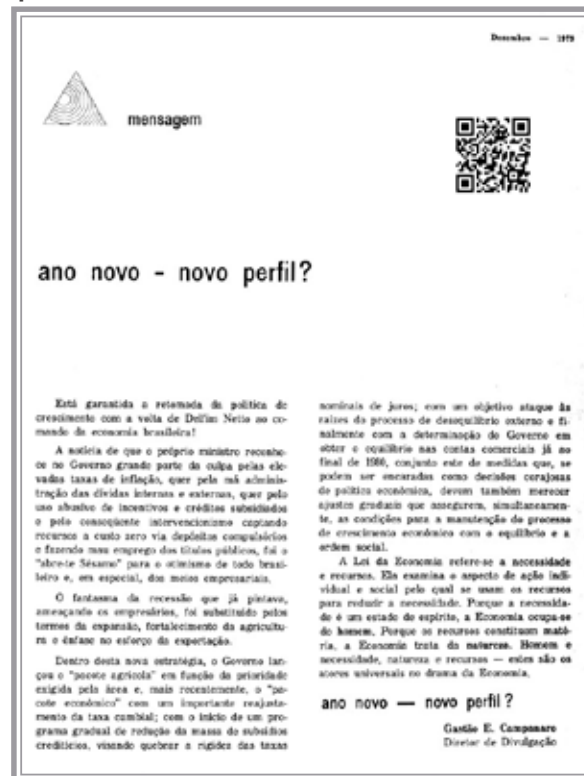
Dessa forma, o setor de base florestal seguiu a passos largos no País. A revista *O Papel* noticiou em janei-

ro de 1979 que a indústria da celulose estava em expansão com o programa de desenvolvimento e os projetos de reflorestamento existentes. Em 1985, o Brasil poderia produzir 16,6 milhões de metros cúbicos de fibra curta incluindo o Sisal. Para isso, a produção de celulose de 1976 a 1980 exigiria o plantio de 1.198.963 hectares, gerando emprego para cerca de 170 mil pessoas. Principal retrato desse desenvolvimento até então é que a produção brasileira havia crescido, de 1962 a 1967, 440%, sendo 338,1% relativo à celulose de fibra longa e 513% para fibra curta.

**40.º FATO** – Em dezembro de 1979, Gastão Campanaro, que se tornou presidente da ABTCP, escreveu um artigo na revista falando sobre a expectativa da retomada da política de crescimento com a volta de

Delfim Netto ao comando da economia brasileira, afirmando que “o fantasma da recessão que pintava ameaçando os empresários tinha sido substituído, fortalecendo assim a agricultura com ênfase no esforço da exportação”. O pacote econômico trouxe um importante reajustamento da taxa cambial com início de um programa gradual de redução da massa de subsídios creditícios, visando a quebrar a rigidez das taxas nominais de juros. Isso porque o País enfrentava elevadas taxas de inflação. Dizia ele: “quer pela má administração das dívidas internas e externas, quer pelo uso abusivo de incentivos e créditos subsidiados e pelo consequente intervencionismo, capitando recursos a custo zero via depósitos compulsórios e fazendo mal emprego dos títulos públicos”.

40.º FATO



**mensagem**

**ano novo - novo perfil?**

Está garantida a retomada da política de crescimento com a volta de Delfim Netto ao comando da economia brasileira!

A notícia de que o pedregoso ministro recabado no Governo grande parte da culpa pelas elevadas taxas de inflação, quer pela má administração das dívidas internas e externas, quer pelo uso abusivo de incentivos e créditos subsidiados e pelo consequente intervencionismo captando recursos a custo zero via depósitos compulsórios e fazendo mal emprego dos títulos públicos, foi o “alívio Sésamo” para o cidadão de todo brasileiro e, em especial, dos meios empresariais.

O fantasma da recessão que já pairava, ameaçando os empresários, foi substituído pelos termos da expansão, fortalecimento da agricultura e do esforço de exportação.

Dentro desta nova estratégia, o Governo lançou o “pacote agrícola” em função da prioridade exigida pela área e, mais recentemente, o “pacote econômico” com um importante reajustamento da taxa cambial; com o início de um programa gradual de redução da massa de subsídios creditícios, visando quebrar a rigidez das taxas nominais de juros; com um objetivo atinge à razão da política de desequilíbrio externo e finalmente com a determinação do Governo em obter e equilibrar nas contas comerciais já no final de 1980, conjunto este de medidas que, se podem ser encaradas como decisões corajosas de política econômica, devem também merecer ajustes graduais que assegurem, simultaneamente, as condições para a manutenção do processo de crescimento econômico com o equilíbrio e a ordem social.

A Lei da Economia refere-se a necessidade e recursos. Ela examina o aspecto de ação individual e social pelo qual se usam os recursos para reduzir a necessidade. Porque a necessidade é um estado de espírito, a Economia ocupa-se do homem. Porque os recursos constituem matéria, a Economia trata da natureza. Homem e necessidade, natureza e recursos — estas são as ações universais no drama da Economia.

**ano novo — novo perfil?**

Gastão E. Campanaro  
Diretor de Divulgação



# See the invisible



O mundo não precisa de mais embalagens de alimentos. Precisa de embalagens melhores e renováveis.

A química desempenha um papel fundamental no aumento da sustentabilidade, possibilitando a existência de embalagens seguras e funcionais à base de fibras de fonte renovável.

Mas os recursos que fazem as embalagens de alimentos tornarem-se mais sustentáveis, duráveis ou mais inteligentes são quase sempre invisíveis.

É hora de prestar mais atenção àquilo que não vemos.

LEIA MAIS EM: [KEMIRA.COM/  
BOARD-SEE-THE-INVISIBLE](https://www.kemira.com/board-see-the-invisible)

# QUINTA DÉCADA – 1980 A 1989

UM CENÁRIO POLÍTICO-ECONÔMICO BASTANTE COMPLICADO DESAFIA A INDÚSTRIA NO INÍCIO DESSA DÉCADA, MARCADA POR FECHAMENTOS DE FÁBRICAS, FUSÕES E AQUISIÇÕES DE EMPRESAS DO SETOR, E OS FORTES SUPERAVAM OS VENTOS CONTRÁRIOS PARA CONTINUAR CRESCENDO

**A**xpectativa da retomada de crescimento econômico, a partir das mudanças políticas, ressaltada em artigo publicado pela *O Papel* no final da década de 1970, iniciou os anos 1980 trazendo certo otimismo aos empresários e gestores de entidades como a ABTCP.

**41.º FATO** – As palavras de Alfredo Leon, então presidente da ABTCP, marcaram o editorial da edição de janeiro de 1980 da revista *O Papel*. Otimista, exaltou aqueles que tinham vencido os desafios da década de 1970 e celebrou o crescimento da Associação nos últimos anos. Leon ainda lembrou que o setor tinha muito a se desenvolver por conta da própria realidade brasileira. O consumo “per capita” de papel era baixo comparativamente ao de outros países e, no campo externo, em suas palavras “poderíamos nos tornar um dos grandes fornecedores em um mundo carente de materiais fibrosos...”

E foi exatamente o que a indústria brasileira fez para ocupar o seu espaço no cenário mundial do setor de celulose e papel, embora

## 41.º FATO



### para a 1.ª edição de 1980

Vencida a década dos anos 70. Difícil e conturbada. Altas e baixas se sucederam; otimismo e pessimismo se alteraram. Dificuldades, as mais diversas, ameaçavam a indústria, enquanto ótimas perspectivas também se apresentavam. A ciência do planejamento que se tornou uma arte, hoje talvez já seja um jogo de azar.

Ainda assim — Deus é brasileiro — a indústria teve um bom desempenho, a demanda interna mais que duplicou e conquistamos um sólido mercado de exportação. O papel de eucalipto se tornou uma realidade mundial, com possibilidades quase ilimitadas.

Os otimistas, os que apostaram no “sim”, acertaram e ganharam o prêmio.

A nossa Associação — A.B.C.P. — fundada ainda no final da década de 60, cresceu, evoluiu, teve, acreditamos, um bom desempenho e principalmente se consolidou. Uma série de congressos bem sucedidos levou a ABTCP ao reconhecimento e, porque não dizer, à admiração do mundo papelero.

Agora, chegamos à década de 80. O que nos espera? Quais as perspectivas da indústria da celulose e papel? Sem dúvida, um grande enigma.

O mundo está afeverado, talvez, como nunca. A intolerância, o fanatismo, a violência quotidiana, assim como um poder de destruição acumulado de proporções astronômicas, ameaça, não somente a paz, mas a própria sobrevivência da Humanidade.

As crises econômicas — a crise da energia,

nada mais são do que consequências da irracionalidade no trato entre as nações e entre os adeptos de doutrinas diversas.

Mas, abstraindo a possibilidade de um acidente maior, conflito generalizado ou guerra nuclear, ( — que Deus nos livre disso — ) quais as conjunturas para os anos 80? Especificamente para o nosso ramo, as perspectivas parecem muito boas. Populações inteiras, centenas de milhões de pessoas das regiões em início de desenvolvimento deverão começar a usar o seu primeiro papel, um caderno, uma embalagem, mais tarde, um jornal, uma revista, um livro.

Para o Brasil, as perspectivas parecem ainda mais alentadoras: nosso consumo “per capita” ainda é muito modesto e poderá ser duplicado em poucos anos. No campo externo poderemos nos tornar um dos grandes fornecedores de um mundo carente de produtos fibrosos, graças à natureza que aqui faz crescer as árvores como em nenhum outro lugar.

Quanto à ABTCP, estamos certos de que continuará crescendo e se aperfeiçoando, ela que já se consolidou na década dos anos 70. A partir de 80, os mais jovens deverão assumir os cargos de direção e ela deverá estar presente em todo o território nacional, através das regionais com programas e atividades próprias.

Por enquanto, somos otimistas e continuamos apostando no “sim”.

Alfredo Leon



42.º FATO

tem disponibilidade de energia solar, devendo portanto, tornarse nos maiores exportadores de papel, o que abre para nós um mercado interno muito grande".

Em relação à exportação, a perspectiva para o ano de 80 é de ordem de 10 milhões de dólares. Exportando desde 1980, a empresa volta agora sua atenção para os países da América Latina, pelas condições bastante semelhantes à do Brasil.

Com uma capacidade de produção de 2 mil toneladas de equipamentos por ano, geradoras de 800 toneladas de papel por dia, a INDÚSTRIA MECÂNICA CAVALARI não pretende, no momento, expandir suas instalações. Seu diretor, César Cavalari, afirma: "Não pretendemos crescer futuramente mais do que somos, porque somos felizes, que em nos tornados bem-sucedidos nos 13 anos, é estamos sempre de acordo e em função da realidade brasileira".

AUMENTO NA EXPORTAÇÃO DE CELULOSE

Nos três primeiros meses de ano, as exportações de celulose tiveram um aumento de 48,4%, sendo efetivamente embarcadas 312 mil toneladas — 311,5 mil t em igual período de 1979.

Essas cifras são do Departamento Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose, que informa ainda que esta elevação foi proporcionada pela exportação de celulose de fibra curta, brancas e, pela Jati, Ceutira e Aracruz. Deste tipo de celulose, só foi lançado a agosto deste ano, foram embarcadas 415 mil t, significando um aumento de 62,9%, em comparação com o mesmo período de 1979, quando foram embarcadas 254 mil t — 71,4 mil, no ano passado.

NORMALIZAÇÃO

Dentre as muitas atividades programadas para a comemoração dos seus 40 anos de fundação, a Associação Brasileira de Normas Técnicas — ABNT — realizou, nos dias 13 e 14 de outubro, no Clube de Engenharia do Rio de Janeiro, o PRIMEIRO ENCONTRO BRASILEIRO DE NORMALIZAÇÃO.

A temática de encontro foi "A importância da normalização técnica na desenvolvimento do comércio exterior e na qualidade do produto oferecido ao consumidor nacional, sendo componentes fundamentais do esforço nacional pelo desenvolvimento social em nosso País", fatur este encontro na tema geral "A Normalização Industrial, a Qualidade Industrial, a Proteção e os Benefícios para o Consumidor Brasileiro".

O encontro reuniu representantes governamentais e empresariais que lidam com o comércio exterior e todas as pessoas no assunto, dentre as quais participaram da ABNT, COPAV, a Indústria e Comércio do Rio

de Janeiro, Ministério da Indústria e de Comércio e a Presidência da República do Brasil.

**PAPEL E CELULOSE**

De janeiro a julho deste ano, a produção de celulose aumentou 23,8%, em comparação ao mesmo período do ano passado, atingindo 2,608 milhões de toneladas, que foram totalmente absorvidas pelos mercados interno e externo, este último com um aumento de 49,8%.

Já a produção do papel foi de 1,961 milhões de toneladas, 12,2% a mais que em janeiro a julho de 1979, elevando em 23,3% as vendas nacionais, ou 1,244 milhão de toneladas, e 49,7%, ou 963 mil toneladas, as internacionais.

De acordo com Horácio Cherkasky, presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose, apesar do desempenho favorável "a lucratividade das empresas, que se manteve satisfatória nos primeiros seis meses do ano, tendo a cair de forma acentuada, neste semestre".

Tal fato é decorrente dos aumentos contínuos dos custos das matérias-primas, que o Conselho Interministerial de Preços não permitiu serem repassados, desestimulando a "expansão da indústria, que vê reduzir, drasticamente, sua rentabilidade", explica ele.

KLABIN — PLANOS PARA NOVA USINA ELÉTRICA NO TIMBÓ

Depois da máquina 7, com capacidade diária de produção de 700 t/dia de papéis para embalagem, recentemente inaugurada pelo Presidente Figueiredo, em Monte Alegre-PR, a Klabin já tem planos para solucionar sua atual geração excedente de vapor na fábrica de papel e celulose, que, entretanto, não deverá ser resolvida antes de 1982/83, quando o novo projeto de expansão da empresa, possivelmente, estiver em operação comercial.

A primeira etapa — denominada máquina 8 — já definida, consistirá na produção de mais 60 mil t/ano de papel para imprensa, através de uma máquina não ainda definida em linhas estáveis ao preço de US\$ 1,4 milhão.

Já, também, substancialmente definidos os cálculos de engenharia para essa nova unidade, e, no entanto, deverá a empresa investir mais de US\$ 20 milhões. Uma centralidade CBC à base de carvão mineral e vegetal, extrairá posteriormente as fibras e mistas da Fazenda de Monte Alegre, deverá absorver, incluindo todo o pessoal de operação, o montante de Cr\$ 300 milhões.

Faça os demais detalhes da empresa, que ainda não estão completamente equacionados, provavelmente, a mesma procurará somar a produção de celulose, que hoje, apenas se limita a 1,2 mil t/ano, enquanto que na década de 60, a produção era de 4 mil t/ano, a diária, portanto, é fixar o número ótimo dessa extração diária.

Alegre, no Paraná, com capacidade diária de produção de 700 toneladas de papéis para embalagem, conforme edição de novembro de 1980, noticiou-se que a empresa possuía planos para a solução de seus dilemas energéticos, como a construção de uma nova usina hidrelétrica, além da extração carbonífera. Divulgou-se também os planos de uma máquina 8 para produção de 60 mil toneladas/ano de papel imprensa e promoção de diversas melhorias na sua estrutura, dentre elas, a substituição do seu forno de cal.

**43.º FATO** — Essas melhorias na planta da Klabin Monte Alegre-PR, compactuavam com um documento publicado em dezembro de 1980, traçando um protocolo de bjetivos entre o governo e as empresas de celulose do Brasil, visando à racionalização econômica e substituição do petróleo por fontes energéticas de origem nacional no setor.

43.º FATO

188

nas Américas que se fazem imperiosamente necessárias às atividades de Injeção Térmica e de Injeção Permeabilização em nosso País.

Sendo também o COBET o representante da ABNT junto às organizações internacionais nas suas áreas de atuação, o Instituto que vem desenvolvendo terá resultados ineditos no nível de adaptação tecnológica do Brasil ao exterior, assim como as melhorias de qualidade no mercado externo de materiais e serviços de Injeção Térmica e Impermeabilização.

**NOVA FÁBRICA DE PAPEL DE IMPRENSA**

O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico — BNDEG — aprovou o projeto FIEPA — Papel de Imprensa S.A. —, que deverá produzir, a partir de 1981, em sua primeira fase, 125 mil toneladas de papel de imprensa, permitindo uma economia anual de ordem de 70 milhões de dólares. A nova fábrica localizar-se-á no município de Jaguariúna, no Paraná, e compreenderá investimentos globais de 180 milhões de dólares, com a criação de 4 a 5 mil empregos diretos.

Participam do empreendimento o "Jornal do Brasil", a Fênix — Planejamento, Técnica e Administração de Atividades Rurais Ltda. —, o Estado de São Paulo e a "Tribuna de Santos". Outros jornais brasileiros deverão, também, participar do projeto, que representará sensível economia de divisas para o Brasil. Inicialmente, cerca de 180 milhões de dólares na importação de papel de imprensa.

Segundo o projeto aprovado pelo BNDEG, pelo menos 80% do equipamento a ser instalado na nova fábrica serão produzidos pela indústria nacional. Terço ou mais o material brasileiro, o projeto deverá ser ampliado a partir de 1987, com a duplicação de sua capacidade de produção.

**PROTÓCOLO DE OBJETIVOS**

No dia 23 de outubro, foi firmado, em Brasília, o Protocolo de Objetivos, entre o governo e as empresas de celulose e papel do Brasil visando a racionalização econômica e substituição do petróleo por fontes energéticas de origem nacional, no setor.

É a seguinte a íntegra do documento:

Protocolo da Indústria de Papel e Celulose

Protocolo de objetivos que entre si celebraram os Ministros da Indústria e de Comércio, das Minas e Energia, da Agricultura, dos Transportes, e Secretária de Planejamento da Presidência da República e a Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose, representando as empresas de papel e celulose do Brasil, com a Intervenção da Comissão Nacional de Energia, visando, a racionalização econômica e substituição do petróleo por fontes energéticas de origem nacional, indústria de papel e celulose.

**RESOLVEM FIRMAR O PRESENTE PROTÓCOLO**

**1.º — DO OBJETO**

O presente Protocolo tem por objetivo definir os termos de uma colaboração recíproca, visando a cooperação em matéria de desenvolvimento de programas que permitam a racionalização econômica e substituição do óleo combustível derivado de petróleo por fontes energéticas de origem nacional, na indústria de celulose e papel.

**2.º — DAS METAS E PRAZOS DO PROGRAMA**

2.1. — O programa de que trata este Protocolo será levado a efeito em três fases, a saber:

1.ª Fase — Término em dezembro de 1980

— Atuação de medidas de racionalização de aplicação imediata, em matéria, até dezembro de 1980, de redução de seu consumo de óleo combustível gasto, sob qualquer forma, e quanto à:

O término do programa estava previsto para 1985 e incentivava a utilização de resíduos florestais complementados por madeira oriunda de reflorestamentos como substitutos. Previa-se ainda o emprego do carvão mineral em unidades fabris localizadas no Sul e Sudeste do País. Com isso, antevia-se essa redução.

Outra empresa que despontou no setor na década de 1980 foi a Aracruz Celulose. Em julho de 1981, a revista *O Papel* informou sobre um importante marco para o setor de celulose: a inauguração de duas novas fábricas, contando com a presença do então presidente da República, General João Batista de Oliveira Figueiredo, no dia 28 de maio, no Espírito Santo. Tratava-se de duas unidades de Clorato de sódio e Cloro soda, com o objetivo de evitar a importação e garantir a autossuficiência dos principais produtos químicos utilizados pela Aracruz na fabricação de celulose branqueada com exceção do ácido sulfúrico. Nas duas fábricas foram investidos cerca de US\$ 38 milhões, financiados pelo BNDES.

**44.º FATO** — O tema da energia e substituição de fontes alternativas aos derivados do petróleo nas indústrias ganhou cada vez mais força e cobertura por parte da revista *O Papel*. A aprovação dos projetos de normas elaborados em 1980 foi o assunto de destaque da edição de outubro de 1981. Para tal, um grupo de trabalho tinha sido estruturado dentro da ABTCP com uma Comissão Técnica Permanente de Energia. Além disso, também foi realizado pela Associação um seminário sobre economia de energia nas fábricas de

44.º FATO

reportagem

economia de energia nas fábricas de celulose e papel

A economia de energia e a substituição dos derivados de petróleo por fontes alternativas renováveis têm sido duas das maiores preocupações do governo, extrair delas a total e a indústria que depende, em grande parte, da energia para a sua produção. No rol de prioridades do setor de celulose e papel, está o desenvolvimento de fontes alternativas de energia para a sua produção.

A Associação Brasileira de Celulose e Papel (ABCP), que reúne, no âmbito do Brasil, os produtores de celulose e papel, realizou, no sábado dia 19 de maio, no Auditorio da Divisão Médica do Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo, um SEMINÁRIO SOBRE ECONOMIA DE ENERGIA DAS FÁBRICAS DE CELULOSE E PAPEL.

A mesa de abertura foi apresentada por Wolfgang Wesslau, coordenador da Produção e Comércio para Celulose da Paralela do Serviço para o Grupo Especial da Indústria Nacional de Energia (Guern Krupp, presidente da ABCP), Flávio Ueno, diretor da Divisão Médica da ABCP, Marcos Enevo Sora e Orlando Ueda da CBC Indústrias Papeiras S.A.; João Cavallari, da Indústria Moscardim Cavallari; e Leopoldo Rabin, diretor da Celulose e Papel do IPI, do Iochipe e Votorantim.

O primeiro orador foi Carlos Eugênio Tibau, que presidiu os

Mesa de abertura

Carlos Eugênio Tibau

de celulose e papel. A biomassa para geração de vapor – um dos trabalhos apresentados no evento – tratou de um tema que ganharia grande força futuramente nas indústrias. A reportagem da *O Papel* confirmou que em 1980 a participação do óleo combustível no consumo total de energia tinha diminuído de 78,8%, em 1979, para 69,2% em 1980.

A primeira empresa que conseguiu o financiamento do BNDES para implantação de usina de combustível a partir dos resíduos da madeira foi a Klabin, na unidade de Monte Alegre-PR. A usina, quando concluída, produziria 140 toneladas diárias de óleo para consumo próprio e o excedente era destinado à comercialização para terceiros. Vale destacar que a tecnologia havia sido desenvolvida pela própria Klabin, de acordo com reportagem veiculada pela *O Papel* na edição de outubro de 1981.

Além do desafio energético na década de 1980, o setor também passou pela recessão da economia

europeia com frequentes altas do dólar, o que deixou reflexos no crescimento médio das exportações, impactando esse mercado externo para atuação do Brasil. Ainda assim, a Aracruz apresentou uma performance positiva e foi a empresa com melhor desempenho, segundo dados da Associação Brasileira dos Exportadores de Celulose (ABEC). Enquanto as vendas totais do setor caíram 34%, considerando o período de janeiro de 1980 a janeiro de 1981, as comercializações de celulose da Aracruz decresceram apenas 2%.

Em novembro de 1981, a Cenibra foi a segunda empresa a conseguir o financiamento para o programa de conservação de energia no setor industrial (CONSERVE). A economia, quando o projeto tivesse concluído, chegaria a 1,5 milhão de barris de petróleo. O principal combustível a ser utilizado seria a biomassa, obtida por meio de calor, queimando madeira pulverizada e elevando seu rendimento.

Segundo a Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose (ANFPC), o setor consumiu no primeiro trimestre do ano de 1981 cerca de 245 mil toneladas de derivados de petróleo, 5,5% a menos que o mesmo período em 1980. Em paralelo, a utilização de combustíveis alternativos havia crescido 145 mil toneladas, o que representou um aumento de 31,37% no uso dessa fonte de geração de energia.

A década de 1980 foi marcada também por fechamentos de empresas, fusões e aquisições. Algumas companhias, como noticiado em abril de 1982 pela revista *O Papel*, enfrentavam crises, a exemplo da Fábrica de Papel Petrópolis, que à

45.º FATO

**72**

**CORREÇÃO DAS DISTORÇÕES PARA ATINGIR A META DE EXPORTAÇÃO**

A meta do crescimento das exportações brasileiras este ano poderá ser alcançada, chegadas as comemorações do Centenário da República, desde que algumas distorções sejam corrigidas a tempo, segundo o presidente da Associação dos Exportadores Brasileiros-ABE, Noberto de Aguiar (Banco).  
 No sentido de atingir o objetivo, a meta de assegurar que as distorções fossem sanadas, em tempo hábil, pelas autoridades competentes, a fim de que as exportações, em 82, apresentassem uma taxa de crescimento compatível com a meta proposta.  
 Sobre as medidas propostas está a crítica de alguns setores da indústria, que afirmam que o incentivo a exportações pode gerar problemas de balanço de pagamentos, pois o Brasil não possui recursos para se manter em níveis elevados de exportações.  
 O VI Encontro Nacional de Exportadores (ENEX) abordou também os problemas de frete aéreo e marítimo, objetivando implorar máxima atenção para o setor.  
 O ENEX foi defendido com um caráter de nível operativo, discutindo problemas específicos e não reivindicações generalizadas, permitindo a concretização de medidas que possibilitem um crescimento de 10,5% das vendas ao exterior.

**A PRIVATIZAÇÃO DA RIOCECEL**

A Rio Grande Companhia de Celulose do Sul-Riocecel teve formalizada, no mês de março, a privatização pelo Banco do Brasil do controle da empresa. O contrato definitivo, obtendo-se assim o controle da empresa, foi assinado pelo presidente do Banco, Oswaldo Collin, e representantes do grupo controlador.

Segundo informações do Banco do Brasil, a Riocecel, que possui valores da ordem de quinze bilhões, deve ser dividida em duas partes: a primeira, de privatização, determinada pelo Banco do Brasil, e a segunda, que será controlada pelo Banco do Brasil em nome do grupo controlador.

Concluiu-se que a Insucons S/A (subsidiária do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social), controlada pela Riocecel, continuará a operar em nome da empresa, uma vez que as distorções preferenciais – sem efeito a partir de 1981 – não são mais aplicáveis.

**DESTAQUE BRASILEIRO NA EXPORTAÇÃO DE PAPEL**

O Brasil, acompanhado pelo Chile, é considerado um dos mais importantes exportadores de papel e celulose. Segundo o Relatório de Comércio Exterior da Organização Mundial do Comércio (OMC), o Brasil se destaca em particular no comércio de celulose e papel. De acordo com o relatório, o Brasil é o maior exportador de celulose e papel no mundo.

O comércio de celulose e papel no Brasil apresenta uma tendência de crescimento. Em 1980, o Brasil exportou 1,2 milhão de toneladas de celulose e papel, com um valor de US\$ 1,2 bilhão. Em 1981, o Brasil exportou 1,3 milhão de toneladas de celulose e papel, com um valor de US\$ 1,3 bilhão. Em 1982, o Brasil exportou 1,4 milhão de toneladas de celulose e papel, com um valor de US\$ 1,4 bilhão.

**Produção brasileira**

No Brasil, a produção tríplice desde 1970, a madeira, o papel e o celulose, atingiu o nível de 1,3 milhão de toneladas em 1980, com um valor de US\$ 1,3 bilhão. Em 1981, a produção tríplice atingiu o nível de 1,4 milhão de toneladas, com um valor de US\$ 1,4 bilhão. Em 1982, a produção tríplice atingiu o nível de 1,5 milhão de toneladas, com um valor de US\$ 1,5 bilhão.

**Produção latino-americana, em toneladas, em 1980**

País	pasta	papel e papéis
Brasil	3.115.000	3.489.000
Argentina	236.000	198.000
Colômbia	206.000	269.200
Chile	762.000	242.100
Costa Rica	141.700	1.895.800
Guatemala	42.000	500.800

época necessitava de uma liberação de empréstimo de 5 milhões de dólares para se recuperar. A empresa, com salários atrasados, teve sua falência decretada em 1969, depois retomou suas atividades em 1974, mas passou por um período complicado. Essa empresa foi fundada em março de 1913 e chegou a ditar normas no mercado papelero.

45.º FATO – Noticiado em maio de 1982 pela *O Papel*, a Rio Grande Companhia de Celulose Sul teve formalizada no mês de março desse mesmo ano a sua privatização pelo Banco do Brasil. O controle acionário da indústria foi transferido para o consórcio Klabin e Iochipe e Votorantim.

Foi um período conturbado, cheio de dificuldades no cenário econômico, entregando uma recessão e impactando nas atividades do setor industrial. Já há algum tem-

46.º FATO

The collage features several newspaper articles. At the top left, a clipping from 'noticiário nacional' discusses the Associação Paulista dos Fabricantes de Papel e Celulose (APFFC) meeting on 27th June at the headquarters of CTEP/CFP. It mentions the presence of Oscar Elias Engli, president of APFFC, and other industry leaders. Below this, there are two small photographs: one showing Oscar Elias Engli and another showing a group of people in a meeting. To the right, another clipping from 'noticiário nacional' is titled 'SETOR DE PAPEL E CELULOSE TORNA SUAS ATENÇÕES PARA O MERCADO EXTERNO'. It discusses the industry's focus on international markets and mentions the BNDP (Banco Nacional de Desenvolvimento Produtivo) and the CTEP/CFP. At the bottom left, a clipping from 'REVISTA O PAPEL' is titled 'Requisitos técnicos analisados e se governo do Estado discute de proposta de lei para regulamentar o setor'. It discusses technical requirements and a proposed law for regulating the industry.

po não se tinha notícias de novos grandes projetos, e na edição de fevereiro de 1983 da *O Papel*, durante reunião anual da categoria empresarial de celulose e papel, Horácio Cherkassky afirmou que as empresas assistiam à permanência de custos financeiros estratosféricos sem que fossem acionadas medidas para disciplinar o mercado. Além disso, o executivo ressaltou que as indústrias se sujeitavam a uma taxa cambial que inviabilizava o poder de competitividade no mercado internacional e recebiam acusações calcadas no protecionismo com preços aviltados. O nível de emprego também era preocupante, o qual não conseguia se sustentar por conta do quadro político econômico da década de 1980.

As próximas edições da *O Papel* abordavam a diminuição das importações, e os fabricantes brasileiros de papel eram afetados pelo *dumping*. O Brasil tornou-se, em 1983, o quinto maior exportador de celulo-

se e o oitavo maior produtor mundial do produto.

**46.º FATO** – Com isso, o setor dirigiu as suas atenções para o mercado externo, de acordo com o presidente da Associação Paulista dos Fabricantes de Papel e Celulose, em matéria publicada pela revista *O Papel* em março de 1984. “Para um setor – 180 empresas – no qual 89% do capital é de origem nacional privada, as fontes de investimentos são normalmente dos recursos próprios, mas uma parcela de empréstimos bancários pelos quais as empresas pagaram juros da ordem de 140% a 160% ao ano em 1983 e fomos honrados a cumprir suas metas setoriais do segundo PND, agora estamos ficando para trás. Nossa produção é um terço do que deveria ser pelas nossas possibilidades no mercado internacional. Para melhorar a competitividade, o País precisaria investir na construção de 13 novas plantas de celulose para disputar a liderança como fornecedores mundiais”, disse o presidente da entidade.

Notícia importante na edição de julho de 1984 da *O Papel* foi sobre o Programa de Conservação de Energia no Setor Industrial (CONSERVE), do BNDES, que, desde a sua criação em 1981, havia aprovado 78 operações de financiamento no valor de US\$ 135 milhões. Essas operações proporcionaram uma economia de 9 milhões de barris de petróleo. O equivalente de petróleo a 8% do consumo de óleo combustível. Os setores mais beneficiados foram cimento, papel e celulose e siderúrgico.

Em março de 1985, a revista *O Papel* anunciou que a Souza Cruz havia adquirido a totalidade das ações da Pirahy, por 150 milhões de

Cruzeiros. A empresa também controlava o capital de outras empresas do setor, como a Aracruz Celulose.


**47.º FATO** – Na edição de abril de 1985, o governador José Richa foi notícia devido a sua participação na inauguração da Pisa Papel de Imprensa, no município de Jaguariá-va, nordeste do Paraná, que à época contava com uma produção inicial de 115 mil toneladas por ano de papel imprensa – o suficiente para abastecer 45% da demanda do mercado interno.

Já em dezembro de 1985, a Champion – hoje *International Paper* – comemorou seus 25 anos e inaugurou a máquina de papel número 6, instalada no município de Mogi Guaçu-SP. A empresa produzia um volume total de 250 mil toneladas de papel de imprimir e escrever, passando para 300 mil toneladas a partir de 1986. A máquina exigiu o investimento de

47.º FATO

The clipping is from 'REVISTA O PAPEL' and is dated 'ABRIL 1985'. It features a large photograph of a paper mill interior with tall machinery. The text describes the inauguration of a new paper machine at the Pisa Papel de Imprensa S.A. in Jaguariá-va, Paraná. It mentions that the machine is a 118 KV model, capable of producing 115,000 tons of paper annually, which will meet 45% of the internal demand. The article also notes that the machine was installed by the company's own technicians. At the bottom, it identifies the company as 'ENAEGRADA A PISA - PAPEL DE IMPRENSA S.A.' and the publication as 'REVISTA O PAPEL'.

48.º FATO



**noticiário nacional**

**OFERTA DE CELULOSE PODERIA DIMINUIR**

Até 1995 haverá um déficit de cerca de 800 mil toneladas por ano na oferta de celulose de fibra curta brasileira e de 200 mil toneladas anuais de papel, motivado pelo desmontado que representam os altos investimentos requeridos na implantação de novas unidades. A afirmação é do técnico do Banco do Investimento do Paraná, Luiz José Escrivão, acrescentando que "a alternativa é adotar tecnologias que possibilitem a melhor utilização de matérias-primas, através da implantação de unidades de pasta de alto rendimento para substituir a colheita na fabricação dos determinados tipos de papéis". Dessa forma, de acordo com José Escrivão, o colheite de maior valor agregado seria liberada para exportação.

**INCREMENTO NA PRODUÇÃO DE PAPEL**

A produção brasileira de papel registrou, no período de janeiro a agosto de 1985, a marca de 2,64 milhões de toneladas, 8,4% superior ao registrado em 1984. O maior incremento foi observado no papel de imprensa seguido, pela ordem, dos tipos cartões e cartilinas, papéis especiais e de impressão. Segundo o Presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose, Mordecai Chermansky, o setor é um exemplo do resquecimento da atividade econômica no país: "no período, um incremento nas vendas domésticas da ordem de 20,2%, em todos os tipos de papel, índices bastante superiores às expectativas e projeções de crescimento no início do ano". Mordecai Chermansky afirma que, em consequência, o setor observou maior volume de mão-de-obra. "Fechamos julho com 76.562 empregados apenas na indústria de papel e celulose, um aumento de 7,4% em relação ao mesmo mês de 1984", concluiu ele.

**MAIS NOVE PROJETOS APROVADOS PELO CDI**

Novo projeto que exigiu investimentos da ordem de Cr\$ 87,8 bilhões, foram aprovados, em setembro, pelo Conselho de Desenvolvimento Industrial (CDI) do Ministério da Indústria e Comércio. De acordo com as estatísticas da Secretaria Executiva do CDI, desde o início de 1985 foram aprovados 41 projetos que somam investimentos de Cr\$ 541 bilhões. Em igual período de 1984 (janeiro a setembro), os 35 projetos aprovados representaram investimentos totais de Cr\$ 521 bilhões.

Das nove propostas aprovadas em setembro, seis correspondem à indústria editorial e gráfica e são como objetivo a aquisição de equipamentos e máquinas no exterior, representando investimentos de Cr\$ 21 bilhões, que se beneficiaram ainda com linhas fiscais que chegaram a Cr\$ 9 bilhões. Outros três projetos são de MD Nicolau e do Papéis Ltda. do Cuiabá Industrial S. A.

76 — revista O Papel — Janeiro — 1986

dústria Mecânica. Outros 35 projetos continham em estado para serem aprovados.

**PASTA A BASE DE PINUS TERÁ INVESTIMENTO**

Durante os próximos dois anos o Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais, receberá um investimento de US\$ 75 milhões para a produção de pasta para colheita a base de pinus, informou ao jornal Gazeta Mercantil, uma alta fonte da Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), empresa que comandará o projeto através de sua subsidiária Floresta Rio Doce S/A. "No município de Grão Mogol será instalado o projeto de produção de pasta de colheita de alto rendimento, aproveitando a área da Floresta Rio Doce, de 40 mil hectares de terras plantadas com eucalipto e pinus, em proporções praticamente iguais", informou a fonte.

O Projeto Termocel, representa processo "químico-mecânico" de produção de pasta de alto rendimento para a fabricação de papéis especiais e aproveitará a disponibilidade de pinus plantadas nos locais apropriados as reservas de pinus plantadas com a produção de pinus de Grão Mogol, a Floresta Rio Doce já apresenta, esta-consulte à Sudepe, segundo a fonte, calculando uma produção inicial de até 40 mil toneladas de 24 mil toneladas anuais de pasta de fibra longa.

O processo de transformação foi desenvolvido através de uma "associação técnica" entre a Floresta Rio Doce e a Companhia Saneamento de Papel e Celulose, tendo sido enviada uma missão técnica à Suécia, aos Estados Unidos e ao Japão. Os estudos feitos pela equipe brasileira, segundo a fonte da CVRD, os laboratórios de fabricação de equipamento para colheita abrangem tanto os processos de pasta de alto rendimento como pinus e eucalipto, quanto a fabricação de papéis especiais, em matéria de pasta de alto rendimento como pinus e eucalipto, comprovaram ser tecnicamente possível a montagem do projeto", disse a fonte. Em fase dos resultados obtidos pelos técnicos, a Floresta Rio Doce apresentou uma proposta para aquisição à Sudepe, ficando o projeto dentro de 24 meses, uma indústria com capacidade anual de 90 mil toneladas, trabalhando em duas linhas, uma com produção e outra com acabamento, visando pelo pinus a produção e secagem; o segundo processo será o completo desenvolvimento tecnológico.

"A CVRD está, no momento, a sua participação no empreendimento", disse a fonte. Além de recursos da Sudepe, o projeto envolve uma associação com a Indústria de Papel e Celulose Nipo Brasileira (CINIPROSA), empresa também coligada de Segundo a fonte, além de atender a uma demanda de investimentos, de recursos e tecnologia Termocel é inovador e pioneiro no segmento de desenvolvimento de um novo

“ NOSSA PRODUÇÃO É UM TERÇO DO QUE DEVERIA SER PELAS NOSSAS POSSIBILIDADES NO MERCADO INTERNACIONAL. PARA MELHORAR A COMPETITIVIDADE, O PAÍS PRECISARIA INVESTIR NA CONSTRUÇÃO DE 13 NOVAS PLANTAS DE CELULOSE PARA DISPUTAR A LIDERANÇA COMO FORNECEDORES MUNDIAIS ”

Osmar Zogbi (ANFPC)

No período, havia 76.562 profissionais empregados nessa indústria.

Além da manutenção preditiva e preventiva nas fábricas, também começou a se falar bastante da automatização de processos. Em setembro de 1986 a Riocell anunciou que investiria 4,5 milhões de dólares em um programa que entraria em operação em março de 1987 e tornaria a empresa 70% automatizada. Segundo Aldo Sani, então diretor-superintendente da Riocell, uma parte importante dos equipamentos para recuperação de produtos químicos e energia foi adquirida e envolvera recursos da ordem de 1,5 milhões de dólares.

A década de 1980 ficaria marcada por pequenas mudanças nas fábricas e pequenos aumentos de capacidade. Em especial nas fábricas de papel, como era o caso da Fábrica de Papel Santa Therezinha, conhecida como Santher. Após a inauguração da empresa, a unidade em Bragança Paulista-SP passou a produzir um total de 36 mil toneladas por ano de papel tissue. Basicamente, foi o que disse o artigo publicado no noticiário nacional da mesma edição de 1986 da *O Papel*, com respaldo da FAO sobre investir para assegurar

55 milhões de dólares realizados com recursos próprios.

48.º FATO – Com previsões mais otimistas divulgadas no editorial da *O Papel* de 1986, após as mudanças na política do País, a produção brasileira de papel registrou um crescimento, no período de janeiro a agosto de 1985, à marca de 2,6 milhões de toneladas, ou 8,4% superior ao registrado em 1984. O incremento nas vendas domésticas havia sido de 20,2% em todos os tipos de papel. Além disso, o setor havia absorvido maior volume de mão de obra.

A EDIÇÃO DE JULHO DE 1986 COMEMOROU A NOVA APRESENTAÇÃO DA REVISTA *O PAPEL*, QUE JÁ TINHA PASSADO POR DIVERSAS REFORMAÇÕES DURANTE SUA TRAJETÓRIA. AS MUDANÇAS FORAM DESDE A REORGANIZAÇÃO COM RELAÇÃO AOS TEXTOS E NOTÍCIAS ATÉ UM PROJETO GRÁFICO MAIS MODERNO. O LOGOTIPO FOI REDESENHADO, NOVAS VINHETAS DE APRESENTAÇÃO PARA CADA SEÇÃO EDITORIAL FORAM CRIADAS, ENTRE OUTRAS MUDANÇAS, QUE PODIAM SER OBSERVADAS, TORNANDO A LEITURA MAIS AGRADÁVEL.

49.º FATO

centro, produzido há dois anos pela Ripasa, apresenta, atualmente, duas novas alternativas: o Ice Card e o Ice Card Cristal, destinados a segmentos diferenciados de produtos congelados. O anúncio, basicamente de texto, foi desenvolvido pela Art Wor Comunicação e Marketing.

Menções honoráveis

Durante a solenidade de entrega do Prêmio Destaque do Ano, a Anave contou ainda com as honras a José Carlos Pizani, diretor

de Iguazu Celulose e Papel S/A, e Max Schaepp, presidente da Alvirga, na categoria de personalidade do ano; Agripino Abreu de Vianna, presidente da Cia. Vale do Rio Doce e Walfredo Pizani Schindler, gerente de operações do BNDIS, na categoria personalidade do ano, e Francisco Donato Soares, vendedor Ripasa S/A, Celulose e Papel, e Fausto Sperto, vendedor autônomo, na categoria vendedor do ano. Ch. Melhoramento de São Paulo e IAP Indústria Brasileira de Fertilizantes Contínuos, na Categoria empresa do ano; e São Vito Indústria e Co-

mércio de Papéis Ltda. e HPC — Indústria Klabin de Papel e Celulose, na categoria de personalidade do ano; Agripino Abreu de Vianna, presidente da Cia. Vale do Rio Doce e Walfredo Pizani Schindler, gerente de operações do BNDIS, na categoria personalidade do ano, e Francisco Donato Soares, vendedor Ripasa S/A, Celulose e Papel, e Fausto Sperto, vendedor autônomo, na categoria vendedor do ano. Ch. Melhoramento de São Paulo e IAP Indústria Brasileira de Fertilizantes Contínuos, na Categoria empresa do ano; e São Vito Indústria e Co-

escola senai theobaldo de nigris inicia programa piloto para formação de operadores de processo de produção

A Escola Senai "Theobaldo De Nigris" iniciou, no último dia 11 de abril, o módulo básico de um programa piloto, destinado exclusivamente ao treinamento de operadores de processo nas áreas de produção de celulose e recuperação e utilidades, fabricação de papel e conversão e acabamento. Segundo o professor Aquilino Garcia, diretor da Escola, este programa, que deverá ser descentralizado a partir de 1989, a todas as unidades do Senai, visando atender melhor as empresas do setor, é o primeiro, em nível de instituição, a funcionar neste esquema. "Até o momento, o que se vinha fazendo era atender necessidades específicas de determinadas empresas", ex-



O Papel — Maio/1988 — 27

o abastecimento. A notícia abordou que a demanda mundial de papel continuaria crescendo nos próximos 10 anos às taxas entre 2,6% e 2,9%.

No mês de dezembro de 1987, o Programa de Ação Governamental (PAG), lançado pelo presidente da república José Sarney, previu instalação de três novas fábricas com capacidade de 1,5 mil toneladas por ano de celulose cada uma. As novas instalações foram construídas ao longo dos 1.600 km da ferrovia norte-sul e contaram com recursos privados nacionais e estrangeiros.

49.º FATO – A formação técnica, que na década de 1970 tinha sido destaque como forma de atender à demanda das empresas do setor de celulose e papel, também foi manchete na década de 1980 como meio de complementar o desenvolvimento do setor e acompanhar o seu crescimento. Na edição de 1998, a O Papel dedicou uma matéria à escola SENAI

A DÉCADA DE 1980  
FICARIA MARCADA POR  
PEQUENAS MUDANÇAS  
NAS FÁBRICAS E  
PEQUENOS AUMENTOS  
DE CAPACIDADE, COMO  
ERA O CASO DA FÁBRICA  
DE PAPEL SANTA  
THEREZINHA, CONHECIDA  
COMO SANTHER

50.º FATO

**PLA DE NOVO PROCESSO PARA CELDA**

A nova PLA — de Iguazu Fibra Tissue — é um produto de alta qualidade desenvolvido por técnicos da unidade de produção de energia e planta gerada a partir de um gás de escape já em excesso e enviado de saída ao forno de gás, a ser usado para aquecer e manter a temperatura de trabalho entre 200 e 300°C, a ser usado para aquecer e manter a temperatura de trabalho entre 200 e 300°C, a ser usado para aquecer e manter a temperatura de trabalho entre 200 e 300°C...

**SISTEMAS DE ATUALIZAÇÃO TECNOLÓGICA**

O parque industrial brasileiro está atualmente em processo de renovação, com a aquisição de novas tecnologias e equipamentos para a indústria de celulose e papel. Este processo é resultado de investimentos realizados pelas empresas do setor, visando atender às necessidades de produção e melhoria da qualidade dos produtos.

**DFV Automatização e Robótica S.A.** — empresa criada em 1987, especializada em fornecimento de serviços técnicos de automação industrial na área de celulose e papel, para onde foram destinados os recursos...

**DFV Automatização e Robótica S.A.** — empresa criada em 1987, especializada em fornecimento de serviços técnicos de automação industrial na área de celulose e papel, para onde foram destinados os recursos...

O Papel — Novembro/1988 — 318



Theobaldo de Nigris e o módulo básico de um programa-piloto destinado exclusivamente ao treinamento de mão de obra para a formação de operadores de processo de áreas de obtenção de celulose, recuperação e utilidades, fabricação de papel e conversão em acabamento.

A edição da O Papel de agosto de 1988 abordou os novos investimentos em papel e celulose e trouxe a expectativa de 7 companhias que estavam investindo, em Santa Catarina, o valor de US\$ 524 milhões de dólares. Entre elas, o grupo Batistella, as indústrias Klabin, a Mansville produtos florestais e o grupo Trombini.

50.º FATO – Reforçando o tema da automatização como atualização tecnológica, a edição de novembro de 1988 da O Papel também falou sobre os sistemas de SDCD. O parque industrial brasileiro absorvia cada vez mais automação industrial e isso pressionava a indústria brasileira por mais competitividade. A notícia tratou de um contrato de transferência de tecnologia entre a DFV automação e robótica para o setor de celulose e papel.

A edição de dezembro de 1998 da O Papel, reafirmando essa nova onda de crescimento pela automação nas empresas, foi marcada no segmento de notícias por vários investimentos na área florestal, pelo crescimento na área florestal, pelo crescimento na utilização de aparas, por uma nova unidade fabril, da Tedesco, por um novo lançamento da Pirahy, pela duplicação da produção de papel da Suzano, entre outros destaques. Em meio aos desafios político-econômicos do mercado, companhias vencedoras e investidores demonstraram suas forças para seguir crescendo.

# SEXTA DÉCADA – 1990 A 1999

A REVISTA *O PAPEL* É COMPRADA PELA ABTCP, A INDÚSTRIA GANHA EXPERTISE EM PRODUTIVIDADE FLORESTAL E INDUSTRIAL E SEGUE EM BUSCA DAS CERTIFICAÇÕES DE QUALIDADE E GESTÃO AMBIENTAL

**N**a década de 1990 o País já tinha conquistado seu lugar de respeito no cenário mundial como produtor de celulose e papel. As exportações brasileiras de papel atingiram 1 milhão de toneladas em 1991. As vendas do produto para a América Latina compensavam a redução das compras pelos Estados Unidos. Os maiores compradores do papel brasileiro eram os países da Europa, com 41,33%, seguidos pela América Latina, com 24,5%. Os países asiáticos tinham consumido 18 mil toneladas de papel do total das vendas efetivadas pelo Brasil. Segundo o conteúdo da matéria publicada pela *O Papel* no início da década de 1990, os Estados Unidos, que sempre foram grandes clientes da produção brasileira de papel, haviam reduzido suas aquisições para menos de 10% do total exportado pelo Brasil.

Em 1992, o Grupo Simão anunciou sua expansão em 40% na planta de Jacaréí-SP para a produção de celulose branqueada de eucalipto, contando com financiamento do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), além

## 51.º FATO





de créditos do Finame para aquisição de máquinas e equipamentos. Com isso, os custos de produção foram reduzidos, e a empresa também passou a atender às exigências de controle ambiental a partir dos investimentos efetivados.

Já na edição de abril de 1992, a revista *O Papel* publicou que o gestor da mais nova fábrica brasileira de celulose e papel começara a ser alimentado. Tratava-se do *startup* da Bahia Sul Celulose, em Mucuri-BA. Um investimento de US\$ 1,4 bilhão consolidado por uma parceria entre a então Suzano Papel e Celulose, a Cia Vale do Rio Doce, o BNDES e o Internacional Finance Corporation, braço de investimentos do Banco Mundial.

Tudo isso aconteceu em um período difícil, conforme o cenário econômico vivenciado, noticiado pela *O Papel*, que informou em uma das matérias de capa que, apesar das dificuldades enfrentadas, o setor de celulose e papel conseguia obter um saldo positivo por meio do esforço da reengenharia. Além disso, em 1993, a ABTCP adquiriu a marca registrada *O Papel* para passar a editar a revista e continuou o seu processo de reformulação de conteúdo e melhorias. A revista *O Papel* era dividida entre artigos técnicos, indicadores, noticiário, opinião, cultura setorial e trazia um espaço dedicado para as informações da Associação.

**51.º FATO** – Em verdade, a *O Papel* ganhou bastante corpo e alcançou 100 páginas de editorial. A revista trouxe inúmeros indicadores com preços dos formulários, evolução da produção e destino da celulose, comportamento setorial, custo da embalagem, notícias sobre o capital

estrangeiro, salários e competitividade. As capas diferenciadas também marcaram a produção da revista e destacavam as obras de arte em papel produzidas com exclusividade pelo designer gráfico Tide Hellmeister, entre outros artistas que colaboravam com a publicação no período.

Pautas, como a terceirização nas empresas, também ganhavam espaço na revista. Afinal, o País vivia um momento de crise. O ano de 1994 foi marcado pelo plano real que impulsionou a economia do Brasil. Mas nem sempre a revista *O Papel* abordou assuntos de mercado. Tratava de assuntos, como a restauração de documentos antigos – uma tarefa que exige conhecimento técnico e paciência – entre outros editoriais sobre avanços tecnológicos.

**52.º FATO** – Em um setor vanguardista, a edição de agosto de 1994 focou a pesquisa, buscando novos horizontes. Nesse período estimava-se que até 1996 fossem investidos cerca de US\$ 4 bilhões para que ele continuasse competitivo. A década também foi marcada pela solicitação das ISOs de gestão e qualidade ambiental. Tal como destacou a *O Papel* em setembro de 1994, falando sobre a Riocell e sua preparação para a ISO 14000 pelas mãos do Dr. Celso Foelkel, então diretor de Tecnologia e Meio Ambiente, na fábrica, no intuito de adequar a empresa às recomendações necessárias para as certificações.

**53.º FATO** – Os indicadores mostravam um bom desempenho do setor com produção acumulada do papel, tanto quanto da celulose.

Em meados de 1995 a *O Papel* noticiou uma nova fábrica da Champion no Mato Grosso do Sul, em Três

Lagoas, com investimentos em torno de US\$ 1 milhão em três anos e também um projeto de uma base florestal no interior do Estado do Amapá para abastecer uma unidade de produção de cavacos de eucalipto com produção de um milhão de toneladas anuais. O projeto foi criado para atender à demanda internacional, conforme matéria da *O Papel*. Ainda segundo a matéria, nos próximos dois anos a empresa esperava investir US\$ 30 milhões na aquisição de terras e operações de plantio em estrutura. Outra edição da época destacou a Suzano Papel e Celulose investindo em petroquímica no capital da polipropileno Polly Brasil, a International Paper faturando US\$ 15 milhões e a Aracruz com intenção de diversificar seu portfólio.

**54.º FATO** – Um investimento de 13 bilhões de reais estava programado para os próximos 10 anos no setor de celulose e papel. O anúncio foi

**52.º FATO**



**ACONTECE**

**Inmetro descentraliza atividades**

O Instituto Nacional de Metrologia, Normalização e Qualidade Industrial (Inmetro) – responsável pela certificação de qualidade, está descentralizando suas atividades e a partir de setembro de 1994, passa a ser administrado em três regiões.

Segundo Ricardo Figueiredo, diretor de Área de Normalização, Qualidade e Padronização, a medida está sendo adotada em diversos países e reflete a internacionalização.

Atualmente, existem no Brasil 100 organismos acreditados e controlados pelo Inmetro, os quais são agrupados em cinco regiões: Sul, Sudeste, Centro-Oeste, Nordeste e Norte. Cada região terá um representante no Conselho de Administração do Inmetro.

Como o Inmetro não possui estrutura física em todas as regiões, a descentralização permitirá que o Inmetro tenha uma presença física em todas as regiões, o que permitirá que o Inmetro tenha uma presença física em todas as regiões.

**Riocell prepara para a ISO 14000**

A Riocell S.A., fábrica de celulose e papel localizada em Quilombo (RS), lançou recentemente um programa chamado Sistema de Gestão Ambiental (SGA) visando a preparação da empresa para a adoção da norma ISO 14000 das normas ISO, seguindo especificamente as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

O Conselho SGA-200, responsável pela elaboração das normas, iniciou, através do Inmetro, um trabalho de implantação em uma fábrica em Três Lagoas, em Mato Grosso do Sul, em parceria com a empresa Riocell.

Adaptado, ao sistema que será utilizado em todas as unidades da Riocell.

**Sistema sempre 49,9% de Ignara Papeis**

A Companhia Brasileira de Papel e Celulose está comprando 49,9% da Ignara Papeis e Celulose, subsidiária da Riocell S.A. A aquisição da Ignara Papeis e Celulose pela Riocell S.A. é a primeira etapa de um projeto de integração vertical da produção de celulose e papel. A aquisição da Ignara Papeis e Celulose pela Riocell S.A. é a primeira etapa de um projeto de integração vertical da produção de celulose e papel.

**A FILIPERSON DESTACOU-SE EM UMA EDITORIA DA O PAPEL COMO A ÚNICA INDÚSTRIA BRASILEIRA FABRICANTE DE PAPÉIS ALCALINOS, PAPÉIS PARA SEGURANÇA DOCUMENTAL PARA USO GRÁFICO, CONSERVAÇÃO DE DOCUMENTOS COM ESCRITÓRIOS E FÁBRICAS NO RIO DE JANEIRO E PRODUÇÃO MENSAL DE 300 TONELADAS.**

feito pelo presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose (ANFPC), Osmar Zogbi, ao então presidente da república Fernando Henrique Cardoso no início de setembro de 1995. A afirmação foi destaque na revista *O Papel* de outubro daquele ano. Nessa época, o Brasil era o sétimo produtor mundial de celulose e o décimo primeiro em papel, exportando US\$ 1,8 bilhão em celulose em 1994. A expectativa, disse Zogbi, era que com recursos programados, o setor geraria uma produção adicional de 4,9 milhões de toneladas de celulose, aumentando em 73,8% a produção nacional.

O setor de celulose também es-

tava atento quanto à infraestrutura.

**55.º FATO** – O Portocel, operado em conjunto com a Aracruz e a Cenibra, recebeu investimentos de US\$ 10 milhões na expansão das suas instalações portuárias na Barra do Riacho, em Espírito Santo, para descongestionar as operações de exportação na época. O porto funcionava no limite da sua capacidade e, por conta disso, mais da metade dos navios que operavam no Portocel tiveram de esperar 104 dias para desembarcar. Nessa década, o Portocel era responsável por movimentar 70% da celulose de fibra curta exportada pelo Brasil.

Se por um lado nesse período as exportações estavam em alta, a produção de papel imprensa deixava a desejar no País, com o consumo anual previsto em 600 mil toneladas, 13% a mais do que em 1994, sendo necessariamente suprido o restante por importações. Essa crise continuou nos anos seguintes, conforme conclusão de um encontro realizado na Fazenda Monte Alegre-PR, na fábrica da Klabin, que reuniu fabricantes de papel, distribuidores e representantes dos maiores jornais brasileiros

**54.º FATO**



afluídos à Associação Nacional de Jornais (ANJ), para discutir o tema.

Com isso, era comum a redução no número de páginas dos veículos editoriais e repasse dos preços de venda na publicidade.

Oferecendo uma visão do cenário atual, uma entrevista realizada pela *O Papel*, com o diretor superintendente da Bahia Sul, Murilo César Lemos dos Santos Passos, chamou a atenção para as ameaças que começavam a surgir no competitivo mercado internacional, defendendo as linhas de crédito de longo prazo. Como ameaça emergente, Passos apontou a Indonésia e disse que o fator inibidor para ampliação da capacidade eram os juros do BNDES na faixa dos 20% ao ano. Além disso, os custos de mão de obra no perío-

**53.º FATO**



**A REVISTA REGISTROU AINDA A CONSTITUIÇÃO DO COMITÊ BRASILEIRO DE CELULOSE E PAPEL DO CONSELHO DELIBERATIVO DA ABNT – O CB29.**

CAPÍTULO 6 - 1990 A 1999

55.º FATO



do desde o plano real tiveram incremento de 40%.

Em 1996, em matéria veiculada pela Papel, a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo constatou que mais de 500 indústrias do Estado pretendiam realizar investimentos em modernização. Dentre elas, as indústrias de papéis que queriam investir 8,21% e as de madeira, 2,93%. A celulose foi um dos produtos que impulsionou o aumento das exportações no ano de 1995, devido à elevação das cotações internacionais, atingindo 81,32% do total exportado, e as vendas externas somaram US\$ 46,5 bilhões, sendo 6,8% maiores do que as registradas em 1994.

Nessa época, a Jari Celulose já era outra empresa que se destacava no mercado, aumentando em 112 milhões a oferta de suas ações e permitindo dobrar a capacidade de produção de pasta celulósica em 100% livre de cloro. A empresa também estava em evidência por ter a menor distância média entre floresta e fábrica do mundo: 45 km e pretendia atingir uma capacidade total de 350 mil toneladas por ano de ECF em 1997.

56.º FATO – O ano de 1996 marcou também a expansão da segunda linha de produção da Cenibra, com investimento de 792,7 milhões de dólares para elevar sua produção de celulose as 700 mil toneladas anuais. A empresa – um dos principais players do mercado – passou a produzir 14% de toda a celulose brancada do mundo.

57.º FATO – O setor visava se recuperar em 1997 dos anos difíceis para o mercado de celulose. A reportagem de capa de janeiro desse referido ano, apontou que a queda vertiginosa do preço vivenciado nos anos anteriores estava perto do fim. “Em 1995 o preço quase atingiu US\$ 1 mil por tonelada, enquanto no segundo trimestre de 1996 alcançou menos de US\$ 400. Em menos de 12 meses, uma queda aproximada de 50%”. Entre os problemas apontados estavam as altas taxas de juros e a falta de políticas de incentivo que inibiam investimentos no setor. Também é interessante observar as projeções para o mercado de papel realizadas pelo setor. Segundo a AN-

56.º FATO



57.º FATO



FPC e o BNDES, na reportagem publicada sobre o mercado, o consumo de papel crescerá 54 mil toneladas registradas no ano anterior para 91 mil toneladas no início do próximo século, o que provocaria um aumento relevante das importações, se não houvesse investimentos. Em 1995, o consumo de papel tinha aumentado 18% em relação ao ano anterior, e as exportações apresentaram queda de 20%, enquanto as importações subiram 68%. A reportagem, de Luís Fernando Araújo e Vanessa Viola, foi realizada na época a partir de um levantamento junto aos maiores fabricantes de papel, celulose e fornecedores.

Em fevereiro de 1998, a Ripasa vendeu sua participação na Celmar, de 42,5%, para a Cia. Vale do Rio Doce. O acordo foi aprovado em dezembro do referido ano durante assembleia de acionistas, e a compradora foi a própria Vale que pagou US\$ 16 milhões. Os planos de aumentar a produção de pasta celulósica da empresa foram realizados em prazo mais curto, mas a empresa estudou um projeto

58.º FATO

**REPORTAGEM DE CAPA - 1.ª PARTE**

**SEM INVESTIMENTOS, SETOR DE PAPEL IMPRENSA PREJUDICARÁ BALANÇA COMERCIAL DO PAÍS**

Como não há perspectiva de expansão da produção nacional de papel imprensa, um levantamento do produtor nacional temporário por parte de fabricantes e países com déficit superavit a US\$ 300 milhões, segundo levantamento do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES)

por Patricia Lages

Ante os passados anos que o setor de papel imprensa do Brasil viveu crescimento em produção nacional de produção nacional de produção, hoje em torno de 260 mil toneladas anuais, para uma demanda interna de cerca de 700 mil toneladas, desde não se saber como evitar, não há como de trabalhar e papel de imprensa não tem um bom futuro, segundo o levantamento do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), em 9 de junho, em uma reunião com a imprensa, durante o encontro de negócios alternativos para o setor de papel imprensa em Brasília.

A perspectiva mais de análise do levantamento do papel imprensa está no crescimento de cerca de 100 mil toneladas anuais, segundo o levantamento do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), em 9 de junho, em uma reunião com a imprensa, durante o encontro de negócios alternativos para o setor de papel imprensa em Brasília.

Depois de Paulo Band, o primeiro presidente do produtor nacional de papel imprensa em 1995, alcançou 600 mil toneladas em 1997, enquanto a produção brasileira permaneceu no mesmo nível. Em 1998 e 1999, o crescimento de papel imprensa dos países em desenvolvimento no Asia e América Latina saltou para a média de 40% ao ano. Com isso, há aumento de exportação de produção interna, em comparação de papel imprensa com exportação por países em desenvolvimento.

Em reunião com a imprensa, Paulo Band, presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), em 9 de junho, em uma reunião com a imprensa, durante o encontro de negócios alternativos para o setor de papel imprensa em Brasília.



Paulo Band, presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), em 9 de junho, em uma reunião com a imprensa, durante o encontro de negócios alternativos para o setor de papel imprensa em Brasília.

© Papel/ Setembro 1998



de aumento da produção de celulose em 150 mil toneladas e, para isso, foi necessário um aporte de US\$ 200 milhões. O ano, inclusive, foi visto com esperança para os investidores e retomada da economia. O BNDES apoiou as iniciativas, e a indústria se programou para receber US\$ 420 milhões para os projetos. Para se ter uma ideia, entre 1995 e 1997, o banco destinou o volume de um bilhão de dólares aos empreendimentos do setor papelheiro.

**58.º FATO** – O declínio da indústria de papel imprensa foi percebido pelo setor no final da década de 1990. Na reportagem de capa de setembro de 1998, estava claro que, sem investimentos, o segmento prejudicou a balança comercial do País pelo volume de importações necessário para atender à demanda interna. À época, as importações já respondiam por 66% do abastecimento, sendo a produção nacional de apenas 265 mil toneladas. Embora a de-

EM 1995 O PREÇO QUASE ATINGIU US\$ 1 MIL POR TONELADA, ENQUANTO NO SEGUNDO TRIMESTRE DE 1996 ALCANÇOU MENOS DE US\$ 400. EM MENOS DE 12 MESES, UMA QUEDA

APROXIMADA DE 50% manda interna apontasse para uma necessidade de 730 mil toneladas.

**59.º FATO** – A ABTCP anunciou, em outubro de 1999, o seu

59.º FATO

**ABTCP - TAPPI 2000**

**ABTCP - Tappi 2000: as diretrizes para o futuro mundial do setor**

ABTCP Tappi 2000 e Relatório Final

Por Paulo Band Jr.

Engenheiro de carreira que entrou no setor de celulose após trabalhar em diversas empresas de celulose, Paulo Band Jr. é um dos principais nomes do setor de celulose brasileiro. Atualmente, é presidente da Associação Brasileira de Celulose e Papel (ABTCP) e também atua como consultor em diversos países da América Latina e África.

Engenheiro de carreira que entrou no setor de celulose após trabalhar em diversas empresas de celulose, Paulo Band Jr. é um dos principais nomes do setor de celulose brasileiro. Atualmente, é presidente da Associação Brasileira de Celulose e Papel (ABTCP) e também atua como consultor em diversos países da América Latina e África.

Engenheiro de carreira que entrou no setor de celulose após trabalhar em diversas empresas de celulose, Paulo Band Jr. é um dos principais nomes do setor de celulose brasileiro. Atualmente, é presidente da Associação Brasileira de Celulose e Papel (ABTCP) e também atua como consultor em diversos países da América Latina e África.

Engenheiro de carreira que entrou no setor de celulose após trabalhar em diversas empresas de celulose, Paulo Band Jr. é um dos principais nomes do setor de celulose brasileiro. Atualmente, é presidente da Associação Brasileira de Celulose e Papel (ABTCP) e também atua como consultor em diversos países da América Latina e África.



60.º FATO

**REPORTAGEM DE CAPA**

**SEGMENTO TISSUE amplia mercado e espera manter performance em 1999**

Por Patricia Lages

O segmento de papel tissue brasileiro tem se destacado no mercado mundial, com uma produção que cresceu 40% em 1998 e 45% em 1999. Isso se deve ao aumento da demanda interna e à expansão da produção nacional. O Brasil é hoje o maior produtor de papel tissue no mundo, com uma capacidade instalada de 1,5 milhão de toneladas anuais.

O Brasil é hoje o maior produtor de papel tissue no mundo, com uma capacidade instalada de 1,5 milhão de toneladas anuais. Isso se deve ao aumento da demanda interna e à expansão da produção nacional. O Brasil é hoje o maior produtor de papel tissue no mundo, com uma capacidade instalada de 1,5 milhão de toneladas anuais.

O Brasil é hoje o maior produtor de papel tissue no mundo, com uma capacidade instalada de 1,5 milhão de toneladas anuais. Isso se deve ao aumento da demanda interna e à expansão da produção nacional. O Brasil é hoje o maior produtor de papel tissue no mundo, com uma capacidade instalada de 1,5 milhão de toneladas anuais.

O Brasil é hoje o maior produtor de papel tissue no mundo, com uma capacidade instalada de 1,5 milhão de toneladas anuais. Isso se deve ao aumento da demanda interna e à expansão da produção nacional. O Brasil é hoje o maior produtor de papel tissue no mundo, com uma capacidade instalada de 1,5 milhão de toneladas anuais.



Paulo Band, presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), em 9 de junho, em uma reunião com a imprensa, durante o encontro de negócios alternativos para o setor de papel imprensa em Brasília.



tradicional Congresso e Exposição Internacional para o próximo ano dando seus passos rumo à globalização pela parceria com a TAPPI na realização do ABTCP-TAPPI 2000. “O mercado globalizado nos trouxe a grande responsabilidade de promover e ampliar o intercâmbio de negócios e tecnologias entre todas as empresas do segmento em nível mundial”, afirmou o então presidente da ABTCP, Marco Fábio Ramenzoni.

**60.º FATO** – Em 1999, o segmento de tissue despontou como um grande potencial de crescimento do setor de papel, chamando a atenção para os indicadores registrados em 1998 sobre 1997. “O Brasil, onde 80% da produção de tissue são de papéis higiênicos, produziu 570 mil toneladas em 1997 e conta com 47 fábricas. Três empresas participam com 57% do marketshare brasileiro, lideradas pela Santher, seguida por Klabin, Kimberly e Cia. Melhoramentos”.



# UNSTOPPABLE.

A SOLENIS UNIU FORÇAS COM O NEGÓCIO DE PRODUTOS QUÍMICOS PARA ÁGUAS E PAPEL DA BASF E ESTÁ MAIS DO QUE PREPARADA PARA RESOLVER SEUS MAIORES DESAFIOS.

## A SOLUÇÃO COMEÇA AQUI.

Agora, mais do que nunca, a Solenis oferece os serviços e as soluções em especialidades químicas de que você precisa para enfrentar seus maiores desafios. Não importa se precisa melhorar sua produção, reduzir seus custos ou proteger os ativos da sua fábrica, nós oferecemos uma combinação imbatível de tecnologia de nível internacional e inovação prática.

Saiba mais em  
[Solenis.com/MoreReadyThanEver](https://www.solenis.com/MoreReadyThanEver)



# SÉTIMA DÉCADA – 2000 A 2009

## BRASIL AMPLIA SUAS RELAÇÕES COMERCIAIS E OS GRANDES PROJETOS SAEM DO PAPEL

Os esforços em busca das certificações, empreendidos pelas empresas do setor de celulose e papel, a fim de conquistar maior credibilidade no mercado internacional, conseguiram preparar o solo para se obter competitividade nos passos em direção ao desenvolvimento. O ano 2000 começou positivo para a nossa indústria que fechara 1999 com saldo de US\$ 1,5 bilhão em sua balança comercial. Um número que representou um crescimento de 58,2% em relação ao resultado do ano anterior, segundo a então Associação Brasileira de Celulose e Papel (Bracelpa), hoje Indústria Brasileira de Árvores (IBÁ).

Foi surpreendente também o indicador da balança comercial do segmento de papelão ondulado. Conforme a Associação Brasileira do Papelão Ondulado (ABPO), o faturamento foi de cerca de 18,6% superior ao registrado em 1998. Um dos fatores que justificavam esse aumento, segundo a ABPO, era o mercado de embalagens para Hortifrutis. Este, aliás, continuou com seu potencial promissor de comércio para o papelão ondulado perante outras embalagens, como as de madeira, como se observa até recentemente.

**61.º FATO** – Na reportagem de capa da *O Papel* de março de 2000 sobre a economia, a perspectiva era de

“ A PERSPECTIVA ERA DE QUE O SETOR TIVESSE UM AUMENTO DE 20% A 25% NO VALOR TOTAL EXPORTADO EM PAPEL E CELULOSE NAQUELE ANO ”

*Boris Tabacof (Bracelpa)*

que o setor tivesse um aumento de 20% a 25% no valor total exportado em papel e celulose naquele ano comparado aos US\$ 2,2 bilhões alcançados no ano anterior, segundo o presidente da Bracelpa, Boris Tabacof. Esperava-se a retomada de um ciclo de investimentos. Conforme a matéria, apenas no primeiro trimestre daquele ano, três empresas haviam anunciado ao BNDES projetos de investimento em produção: Klabin, IBEMA e Grupo Orsa. Juntas o volume de capital estimado era de US\$ 213 milhões.

Entre os outros projetos estavam os da Riocell, da Votorantim Papel e Celulose e o projeto da Veracel, que recebeu US\$ 1,5 milhão da finlandesa

### 61.º FATO



Stora Enso para produzir 750 mil toneladas de celulose por ano.

Além do novo ciclo de investimento, o setor de celulose e papel prosseguiu com seus trabalhos internos em busca das certificações. A ISO e a normalização faziam parte dos assuntos de destaque da revista *O Papel* em outras edições dos anos 2000. Também começou a ganhar espaço matérias sobre biotecnologia, como a reportagem sobre o Projeto Genoma do Eucalipto.

Na edição de dezembro de 2000 a matéria abordou o projeto coordenado pelo professor de pós-graduação da Universidade Católica de Brasília (UCB), Dario Grattapaglia. Ele explicou que a partir da extra-

62.º FATO



ção do RNA mensageiro da planta era possível gerar um banco de genes com vários dados ligados ao seu crescimento, densidade da madeira, características da lignina, comprimento, resistência e qualidade da fibra, entre outros de interesse econômico.

Em termos de mercado, além dos temas sobre o desenvolvimento tecnológico, as matérias publicadas pela *O Papel* traziam a preocupação com a oferta de celulose. Ou seja, se em décadas passadas a questão era a busca da autossuficiência, nessa década dos anos 2000 os produtores viviam com o perigo da queda de preços da *commodity* no mercado mundial.

Além disso, os empresários da indústria de celulose e papel discutiam junto ao governo a necessidade de uma melhor política de integração externa do segmento, a fim de ganhar competitividade. De acordo com uma reportagem, veiculada pela

*O Papel*, sobre mercado, era cada vez mais difícil investir no aumento de escala produtiva para ampliar exportações.

O chamado Custo Brasil foi mencionado como um freio aos investimentos. Um dos exemplos citados foi a parceria da Norske Skog e da Klabin na produção de papel jornal no Brasil para instalar uma nova unidade industrial no País. Entretanto, a diferença do custo da implantação aqui, que era de US\$ 500 milhões, comparado ao da França, em torno de US\$ 380 milhões, referia-se basicamente à carga tributária sobre o investimento. No final, a empresa parceira da Klabin àquela época mudou seus planos para investir na Europa.

**62.º FATO** – Nessa década, um dos fatos relevantes foi a aquisição da Bahia Sul pela Suzano. Até então a companhia pertencia à Vale do Rio Doce. A negociação envolveu US\$ 320 milhões. A produção da Bahia Sul era de 590 mil toneladas por ano de celulose e 230 mil toneladas de papel.

**63.º FATO** – Além desse fato, outra notícia relevante dos anos 2000, publicada na edição de junho de 2001, apontou que o setor destacava a Iguazu buscando sintonia entre produção e ecologia. Relembrou o Brasil nos anos 1970 com suas indústrias trabalhando sem grandes problemas, mas sem qualquer tipo de restrição. A legislação quanto aos resíduos lançados no meio ambiente passou a mudar nos anos 1980 e 1990 quando o País e o mundo assistiram à criação de uma consciência ecológica potencializada na ação de grupos ambientalistas. Nessa matéria,

a Iguazu apresentou suas alterações no processo e passou a lançar seus efluentes líquidos em ótimas condições até melhores que as das águas captadas pela própria empresa. Atualmente, as leis ambientais são muito rígidas para o lançamento de efluentes, e todas as indústrias possuem suas estações de tratamento de água e efluentes utilizando as melhores tecnologias existentes para atender à legislação e produção responsável.

Vale destacar que as reportagens da *O Papel* também ganharam mais profundidade técnica em seu conteúdo, a exemplo da matéria publicada em agosto de 2001 sobre a área florestal do setor no século 21, que deixaria de ser uma simples fonte de matéria-prima da celulose para se tornar um negócio ainda mais rentável. A matéria abordou os projetos dos grandes *players* de celulose e papel, seus programas florestais e a busca dos mercados internacio-

63.º FATO



nais; discutiu também outro papel das florestas, como a importância para o sequestro de carbono e o compromisso mundial na redução das emissões atmosféricas.

Os estudos da área florestal foram destaques frequentes em pautas da revista *O Papel* nessa década. Incluía temas, como o inventário de carbono, desenvolvido pelo Instituto Florestal, o índice de qualidade dos municípios verdes, as pressões ambientais que forçaram o setor a buscar novas tecnologias de produção, como a redução do consumo de água, entre outros. Nesse sentido a ABTCP teve um papel fundamental na articulação dessas questões por meio da Comissão Técnica de Meio Ambiente, a fim de buscar soluções nas mais variadas áreas que envolviam a geração de efluentes.

**64.º FATO** – Em fevereiro de 2002 a *O Papel* publicou a primeira edição especial com os vencedores do Prêmio Destaques do Setor. A premiação, lançada pela revista em

**64.º FATO**



2001, reconhecia as empresas que mais se destacavam na opinião dos leitores. A votação em 15 categorias ocorreu entre os meses de janeiro e setembro de 2001, e a entrega dos troféus foi durante o jantar de confraternização da ABTCP em 24 de outubro de 2001. O prêmio, que está em vigor até hoje, ganhou forma e regras mais complexas, tornando-se ainda mais representativo para o setor, deixando de ser um prêmio apenas da revista, mas de reconhecimento da ABTCP e de todos os seus associados. Em 2018, o prêmio abriu a votação para o público em geral e passou também a reconhecer profissionais de destaque da indústria em três categorias.

**65.º FATO** – A edição de março de 2002 trouxe em sua reportagem de capa a inauguração da fábrica da Aracruz com investimento da ordem de US\$ 807 milhões. Era a terceira fábrica de celulose no Brasil e o seu estado da arte proveu um superávit na geração de energia elétrica.

**66.º FATO** – Outro fato marcante entre os destaques editoriais da *O Papel* dessa década foi quando a Lwarpcel Celulose anunciou seu projeto de expansão. A sua capacidade produtiva aumentou para 210 mil toneladas de celulose ao ano, e a previsão de término da segunda etapa aconteceu no segundo semestre de 2004. Considerada uma fábrica de pequeno e médio porte, segundo a matéria, a empresa vinha aumentando sua representatividade no mercado nacional desde sua fundação em 1986.

A empresa Indonésia Royal Gold Eagle (RGE) concluiu em maio de 2018 a aquisição da empresa. A fábrica tinha capacidade de produção de 250 mil toneladas de celulose de eucalipto por ano e projetos de expansão para

**65.º FATO**



750 mil toneladas por ano. O investimento foi estimado em 3,5 bilhões com início de operação em 2020 – caso a RGE siga com os planos.

**67.º FATO** – Pode-se dizer que foi um desafio desde o princípio, e continua sendo, o de produzir no Brasil. Os anos 2000 foram marcados por instabilidade econômica, guerra no Iraque, pneumonia asiática, explosão de capacidade na China, entre outros itens nos quais o setor de papel e celulose estava diretamente ou indiretamente inserido. A matéria de capa de abril de 2003 abordou esses acontecimentos e trouxe o sentimento da indústria, entre eles, uma pesquisa da revista *PPI – Pulp & Paper International* –, que questionava quais segmentos não teriam boa performance em 2003. Como resultado, um total de 50% respondeu pelo segmento de papéis de imprimir e escrever, outros 30% pelo de papéis imprensa, sendo que o de embalagem respondeu por cerca de 15% entre os que estavam pessimistas. Alguns mais pessimistas ainda acreditavam que todos os segmentos seriam afetados.



66.º FATO



Contudo, a demanda geral do setor apresentou duas perspectivas com índices de crescimento acima de 3% na produção de papel e na de celulose, em torno de 8%. A demanda por celulose continuou alta também em cerca de 4,5% ao ano.

Em setembro de 2003, de olho no País, a *O Papel* destacou o ingresso da CMPC no Brasil. A empresa assinou em julho daquele ano com o Grupo Pão de Açúcar um acordo para comercializar seus produtos tissue. Nesse mesmo período, o grupo SCA

estabeleceu uma aliança comercial no Chile, comprando 50% da segunda produtora chilena, a empresa Pisa, que tinha planos de aumentar vendas entre 20% e 40% a partir de exportações para América Latina.

A unidade de Mucuri, da Suzano, foi destaque na *O Papel* de julho de 2014 em reportagem de capa que apontou o quanto a empresa estava pronta para crescer, comemorando seus 30 anos de atividade no Brasil e expandindo sua planta que triplicaria a sua produção de celulose. Um milhão de toneladas de celulose foram adicionadas. A previsão era de conclusão do projeto em 2007.

Ainda sobre o *boom* dos projetos, em edição de maio de 2005, a matéria de capa da *O Papel* destacou a **inauguração da Veracel com 900 mil toneladas por ano** de produção de celulose que somariam 10% em volume de fabricação da *commodity* no Brasil. Instalada no município de Anápolis, na Bahia, o investimento foi de US\$ 1,25 bilhão.



67.º FATO



68.º FATO – Falar sobre as tendências do setor de celulose e papel também foi e continua sendo de grande importância entre o editorial da *O Papel*. Em agosto de 2006, a reportagem de capa sob o título “A nova ordem mundial” delineava o que seria visto nessa próxima década: o mundo de celulose e papel se reorganizando em busca das melhores oportunidades para produzir mais, melhor e

com baixos custos. Nesse aspecto, a América Latina despontou como plataforma exportadora de celulose, e a China, na produção de papel. Naquele período, ao mesmo tempo grandes corporações fechavam unidades produtivas para se rearranjar em locais produtores do setor globalmente, como Estados Unidos e Canadá, menos intensamente na Escandinávia.

Em abril de 2007 foi anunciada pela *O Papel* a ampliação da capacidade de produção da Bahia Pulp, chegando a cerca de 365 mil toneladas por ano de celulose, o que a tornou uma das grandes produtoras mundiais de segmento de celulose solúvel. O mercado mundial nesse período era de 3,2 milhões de toneladas atuais. Para o projeto, a empresa investiu US\$ 425 milhões. A Bahia Pulp veio a se tornar a BSC – *Bahia Specialty Cellulose* – em 2010, após a aquisição do grupo Bracell.

Realizando matérias vanguardistas de estudos para o setor e acompanhando as inovações, a *O Papel* cobriu, em outubro de 2007, os últimos avanços em nanotecnologia que o setor obteve naquela época. Para efeito comparativo, o governo norte-americano investiu US\$ 1,4 bilhão em nanotecnologia somente em 2006, e o Brasil ficou na marca de US\$ 70 milhões investidos entre 2001 a 2006. Hoje a realidade é bem diferente dessa passada, com o setor de celulose e papel do Brasil muito avançado em pesquisa e desenvolvimento, com destaque para inovação.

69.º FATO – Acompanhando os anúncios de grandes projetos do setor, em junho de 2008, a *O Papel* trouxe como manchete o município de Três Lagoas-MS em destaque na matéria de capa. A cidade, que se tornou hoje a capital da celulose, após 20 longos anos, recebeu na-

68.º FATO



quele ano os seus primeiros projetos. A matéria tratou dos investimentos de US\$ 1,5 bilhão pela VCP e dos US\$ 300 milhões efetivados em projetos pela *International Paper*. O projeto da VCP colocou no mercado 1,3 milhão de toneladas de celulose por ano, mais conhecido por Projeto Novo Horizonte. As obras contaram com mais de 8 mil pessoas trabalhando dia e noite na construção da planta. No mesmo local, a IP possuía mais de 1.000 funcionários na montagem de sua fábrica de papel para imprimir escrever com produção de 200 mil toneladas por ano. As empresas iniciaram suas produções no primeiro semestre de 2009. Vale lembrar que a entrada da VCP no Mato Grosso do Sul aconteceu em 2006, após a troca de ativos com a *International Paper*.

**70.º FATO** – Em setembro de 2008 foi a vez do Uruguai dar as boas-vindas ao seu primeiro grande projeto do setor, conforme publicado pela *O Papel*. Localizada em Fray Bentos, Río Negro, Uruguai, o investimento da planta de 1,1 milhão de toneladas de celulose foi de US\$ 1,25 bilhão, pela empresa Botnia.

Na mesma edição, a nova gigante do setor de celulose foi anunciada: Os grupos Votorantim e Safra anunciaram a união entre a Aracruz e a Votorantim Celulose e Papel (VCP), criando uma empresa que seria responsável por 32% da produção mundial de celulose de eucalipto, ou 6 milhões de toneladas de celulose produzidas por ano.

Além dessa importante notícia, a década encerrou-se com mais uma matéria relevante publicada em outubro de 2009 pela *O Papel*: a bioenergia para o setor. Da biomassa à produção de etanol, as possibilidades para o aproveitamento de todo o potencial florestal na indústria se mostraram como grandes oportunidades: os produtos verdes ganharam espaço,

69.º FATO



70.º FATO



e o setor de papel e celulose passou a identificar-se mais do que nunca como um setor de base florestal.

# OITAVA DÉCADA – 2010 A 2019

DE IMPORTADOR DA *COMMODITY* NO INÍCIO DA HISTÓRIA À SUPERPOTÊNCIA DA CELULOSE HOJE, O SETOR DE BASE FLORESTAL DO BRASIL SEGUE NA ROTA DA DIVERSIFICAÇÃO DE PRODUTOS E PROCESSOS INOVADORES EM TEMPOS DA INDÚSTRIA 4.0

Neste capítulo final sobre a última década dos 80 anos da *O Papel* é interessante observar o quanto e como o setor de base florestal avançou no Brasil, ganhando espaço no mundo, atravessando tantos momentos desde que a nossa história começou com destaque para o primeiro fato relevante publicado por esta revista na década de 1930.

Se no começo o foco foi produzir papel, hoje a indústria de base florestal domina a produção de celulose, aliada ao uso de importantes tecnologias que levam o setor muito além na inovação dos bioprodutos. Do simples cuidado com o solo, passando por melhorias na logística e, em especial, no manejo e melhoramento florestal, hoje o setor de celulose e papel está inserido no contexto da Indústria 4.0 de forma muito avançada.

A revista *O Papel*, que no começo foi feita por artigos sobre vendas, gráficas e papel e suas derivações, nestes últimos tempos passou a inserir em sua linha editorial dados relevantes sobre mercado com colu-

“ O SETOR  
PAPELEIRO ESTÁ  
PRESTES A  
SE RECUPERAR  
POR COMPLETO  
(2010) ”

*Manoel Neves (Pöyry Tecnologia)*

nistas especializados em produção, preços e vendas. Nessa direção vale destacar o lançamento do caderno *Páginas Verdes*, com os indicadores de mercado sobre os segmentos da indústria que nesta edição com novo projeto gráfico ganha novo visual! Além disso, foram lançados nesta década os cadernos especiais sobre as tecnologias relevantes, bem como as colunas assinadas por especialistas e executivos de empresas renomadas no setor, entre outros conteúdos.

Pode-se dizer que esta mais recente década vivida pelo setor de celulose e papel e noticiada pela revista *O Papel* foi marcada pela realização dos novos projetos das empresas de celulose, pelos aumentos de capacidade e as consolidações que trariam essa transformação. No Brasil, os anos de 2010 e 2011 serviram de aquecimento e ajustes da economia em recuperação perante a crise mundial vivenciada em 2008. Entre os impactos no mercado em 2009 se observaram a alta variação do dólar, a falta de crédito disponível para empréstimo nos bancos, a inflação baixa e alta dos juros e retração da economia.

Em meio a todo cenário desafiador foi destacado pelo então presidente da Suzano Papel e Celulose, Antonio Maciel, em reportagem da *O Papel* de maio de 2010, a forma positiva com que a empresa e o próprio setor respondiam às demandas. “Neste ano teremos investimentos importantes, pois consideramos que o mundo todo, particularmente a Ásia, terá maior demanda de produ-

71.º FATO



to. Não paramos de investir no ano passado, com 36% a mais de recursos do que em 2008, o que nos permitiu ganhar mercado, tanto na América Latina quanto fora deste contexto. O ambiente de negócios no Brasil ainda tem muitas deficiências, mas melhorou muito, com revoluções importantes, como o fim da inflação, privatizações, abertura para o comércio exterior, regulação de agências e nossa autossuficiência em petróleo”, pontuou o executivo na reportagem. A empresa tinha dois grandes empreendimentos planejados: uma fábrica no Piauí e outra no Maranhão, somando R\$ 8 bilhões de investimentos nos próximos anos. Posteriormente, o projeto do Piauí, de florestas para energia, foi adiado pela empresa.

No mês de setembro de 2010, outra matéria da revista abordou a importância em aliar qualidade e tecnologia para que o setor nacional de papel fosse mais competitivo em nível mundial. Nesse

período o País passou a ocupar o 9.º lugar do *ranking* de maiores produtores nesse segmento. A estimativa de crescimento do setor papelheiro estava entre 4,5% a 6,5% até o final daquele ano. “O setor está prestes a se recuperar por completo”, afirmou Manoel Neves, gerente de Estudos Econômicos da consultoria finlandesa Pöyry Tecnologia, na reportagem. Na época, o volume de produção de papel do final do primeiro semestre de 2010 já estava muito próximo do valor registrado pelo setor antes do início da crise econômica mundial. O bom desempenho era atribuído, em grande parte, ao crescimento nas vendas dos segmentos de papelcartão e papel para embalagem.

71.º FATO – Diante desse contexto, em maio de 2012, a Braxcel – Companhia Brasileira de Celulose – os executivos do grupo GMR revelaram à *O Papel* detalhes sobre o projeto que contemplava a construção de um parque fabril com capacidade de 1,5 milhão de toneladas/ano da *commodity* no Tocantins. O Grupo GMR possuía forte presença nos setores de geração de energia renovável e incorporação/construção imobiliária no mercado latino-americano (Brasil, Chile, Peru e Panamá). Na época o anúncio do Projeto Braxcel gerou incertezas sobre a realidade do investimento, o que se confirmou mais adiante quando o projeto não veio a acontecer. Ainda assim foram comprovados os investimentos em florestas no sul daquele Estado, nas cidades de Peixe, Gurupi e São Valério, entre outras.

72.º FATO – No mesmo ano, em dezembro de 2012, quem também surgiu em meio a dúvidas foi a Eldorado Brasil. A empresa estreou no setor de celulose com sua primeira linha de produção de 1,5 milhão de toneladas de celulose branqueada por ano. Quando fundada, a empresa possuía a seguinte estrutura de capital: 47,20% da J&F Participações; 16,39% da MJ Empreendimentos; 1,96% da FIP Olímpia; e 34,45% da FIP Florestal, fundo de investimentos em participações formado pelos maiores fundos de pensão do Brasil, como Petros (da Petrobras) e Funcef (Caixa Econômica Federal). José Carlos Grubisch, então presidente da empresa, defendeu que os preços tinham subido de maneira consistente. A desvalorização da moeda brasileira foi mais um aspecto vantajoso do momento, e a Eldorado surgiu como a maior e mais moderna fá-

72.º FATO



34 Revista O Papel - dezembro/2012

73.º FATO

REPORTAGEM DE CAPA  
Por Carolina Martin  
Especial para O Papel



**Suzano Papel e Celulose inicia operações da Unidade Imperatriz**

Empresa cumpre cronograma e anuncia start-up da planta de 1,5 milhão de toneladas de celulose no Maranhão

Em dezembro último, a Suzano Papel e Celulose colocou em operação sua mais nova unidade produtiva, com capacidade anual de 1,5 milhão de toneladas de celulose de eucalipto. A planta, localizada na cidade de Imperatriz (MA), ocupa uma área total de 1,5 milhão de m² e conta com 98 mil de área construída. O investimento industrial, estimado em US\$ 2,4 bilhões, soma-se a mais de 100 milhões destinados à formação da base florestal. O novo está equipado com maquinário de longo prazo com garantia de cinco a sete anos. O projeto foi financiado por empréstimos em dólar e real, com 84% de avanço físico geral da obra e 60% de conclusão da construção civil concluída. 84% de conclusão da construção civil concluída. 84% de conclusão da construção civil concluída.

26 Revista O Papel | janeiro/fevereiro 2014



brica do mundo, no melhor *timing* possível para se posicionar. Atualmente, a empresa vive um impasse, com a Paper Excellence, do grupo Asian Pulp and Paper (APP), sobre a finalização da aquisição realizada em setembro de 2018, no valor de R\$15 bilhões. Um posicionamento sobre o atual estágio da negociação de compra da Eldorado Brasil pela *Paper Excellence* pode ser conferido nesta edição da *O Papel* na coluna Radar.

**73.º FATO** – Em janeiro de 2014 foi a vez da Suzano Celulose e Papel ser destaque nas edições da revista com o projeto de expansão em Imperatriz no Maranhão, colocando no mercado um adicional de 1,5 milhão de toneladas/ano de celulose branqueada de fibra curta de eucalipto. O investimento industrial foi de US\$ 2,4 bilhões e outros US\$ 575 milhões, destinados à formação da base florestal.

**74.º FATO** – Um ano após a expansão da Suzano, em janeiro de 2015, a revista *O Papel* anunciou os detalhes do Projeto Guaíba 2, que foi inaugu-

rado em maio daquele ano, elevando a capacidade da fábrica de 450 mil para 1,8 milhão de toneladas por ano de celulose. O aporte do investimento foi de R\$ 5 bilhões, considerados os investimentos de fornecedores parceiros. “Quando a CMPC adquiriu a fábrica e a transformou na Celulose Riograndense, em 2010, já estava a par do potencial desse ativo. Fizemos, então, uma revisão do projeto e de todo o planejamento de investimentos em 2012 e decidimos implementá-lo”, recordou Walter Lídio Nunes, diretor presidente da companhia, demonstrando que a dinâmica das decisões de investimentos do setor de celulose e papel eram dignas de uma indústria de capital intensivo.

**75.º FATO** – A discussão da sobreoferta de celulose virou uma constante nesse intermédio. No cenário internacional, alguns fechamentos de fábricas permitiam a entrada de mais capacidade, bem como a rápida expansão chine-

74.º FATO

REPORTAGEM DE CAPA  
Por Carolina Martin  
Especial para O Papel



**Projeto Guaíba 2 avança e Celulose Riograndense confirma start-up em maio próximo**

Confira os detalhes técnicos e as estratégias comerciais por trás da expansão que resultará na produção anual de 1,8 milhão de toneladas de celulose de fibra curta

O cronograma de obras do Projeto Guaíba 2, que amplia a produção da unidade produtiva da Celulose Riograndense em Guaíba (RS), segue em ritmo acelerado. Com a ampliação da fábrica, a produção anual de celulose de fibra curta passará de 450 mil toneladas para 1,8 milhão de toneladas. O investimento total para o projeto é de R\$ 5 bilhões, sendo que a CMPC possui 51% da participação. O projeto será financiado por empréstimos em dólar e real, com 84% de avanço físico geral da obra e 60% de conclusão da construção civil concluída. 84% de conclusão da construção civil concluída. 84% de conclusão da construção civil concluída.

28 Revista O Papel | janeiro/fevereiro 2015



75.º FATO

REPORTAGEM DE CAPA  
Por Carolina Martin  
Especial para O Papel



**UNIDADE PUMA, DA KLABIN, INICIA PRODUÇÃO EM ORTIGUEIRA (PR), COM DESTAQUE PARA O MIX DE TRÊS TIPOS DE FIBRA, EQUIPAMENTOS EM ESTADO DA ARTE E EFICIÊNCIA ENERGÉTICA**

KLABIN'S PUMA UNIT STARTS UP PRODUCTION IN ORTIGUEIRA, PARANA. SHOWCASING A MIX OF THREE TYPES OF PULP, STATE OF THE ART EQUIPMENT AND ENERGY EFFICIENCY

ENTREVISTA — Ricardo Albert Schmitt, fundador da StoneCapital Investimentos e responsável pela condução detalhada do tráfego que resultou no fechamento da Klabin

INTERVIEW — Ricardo Albert Schmitt, founder of StoneCapital Investimentos and responsible for conducting detailed traffic for the Klabin's packaging segment

27 Revista O Papel | janeiro/fevereiro 2016



sa, que demandava cada vez mais a matéria-prima celulose. Quem também comemorou em 2016 um ano vitorioso foi a Klabin. A empresa iniciou a produção do Projeto Puma, em Ortigueira-PR, com equipamentos em estado da arte e eficiência energética. Ao todo, 1,5 milhão de toneladas de celulose, sendo

**76.º FATO**

**Ahlstrom-Munksjö fortalece-se como líder em diferentes segmentos de papéis especiais e planeja novos investimentos**

Fusão entre as duas empresas, que levou a um total de 41 unidades fabris espalhadas pelo mundo, dá início a um momento da companhia

**A** fusão entre as empresas Munksjö (Suíça) e Ahlstrom Corporation, em 1.º de abril último, resultou na formação de uma nova global em múltiplos segmentos e mercados. A unidade brasileira, a Ahlstrom Munksjö, possui atualmente 11 unidades e o Centro de Pesquisa & Desenvolvimento, em Pernambuco em 7 países. A Ahlstrom, por sua vez, conta com 3.300 colaboradores, 20 unidades e um Centro de Pesquisa & Desenvolvimento em 12 países. A consolidação de todas as unidades fabrica das empresas foi concluída pela fusão de suas áreas de negócios em 2015. Com a combinação, as empresas passaram a dar mais enfoque à produção de maior valor agregado e a aproveitarem as oportunidades de crescimento.

58 Revista O Papel - agosto/Abril 2017

1,1 milhão de toneladas de celulose branqueada de fibra curta (eucalipto), sob a marca LyptusCel™, e 400 mil toneladas de celulose branqueada de fibra longa (pínus), batizada de PineCel™, parte da qual convertida em celulose *fluff*, denominada Pine-Fluff™. As obras do Projeto Puma, que se destacou por planejar a úni-

**77.º FATO**

**WestRock Brasil comemora sólida atuação no País**

Ao completar 75 anos no mercado brasileiro, multinacional anuncia projeto de nova fábrica de embalagens de papelão ondulado em São Paulo

**A**o completar 75 anos de atuação no mercado brasileiro em 2017 a fabricante de papéis e embalagens de papelão ondulado WestRock anunciou o projeto de uma nova fábrica de embalagens de papelão ondulado em São Paulo. O investimento total do projeto é de US\$ 125 milhões, destinados à construção de uma nova planta de produção de papelão ondulado em São Paulo-SP. O investimento é a maior realização da empresa no Brasil há 75 anos, comemorando 75 anos de atuação no Brasil. O projeto prevê a construção de uma nova fábrica de papelão ondulado em São Paulo-SP, com capacidade para produzir 100 mil toneladas de papelão ondulado por ano. A nova fábrica será construída em um terreno de 100 mil metros quadrados, em uma área de 100 mil metros quadrados. O projeto prevê a construção de uma nova fábrica de papelão ondulado em São Paulo-SP, com capacidade para produzir 100 mil toneladas de papelão ondulado por ano. A nova fábrica será construída em um terreno de 100 mil metros quadrados, em uma área de 100 mil metros quadrados.

59 Revista O Papel - dezembro/Dezembro 2017

ca unidade industrial do mundo a produzir os três tipos de celulose, foram executadas em 24 meses, envolvendo um investimento total que somou R\$ 8,5 bilhões, incluindo infraestrutura, impostos e correções contratuais.

No mesmo ano de 2016, a revista trouxe uma matéria falando sobre programa de expansão da Eldorado Brasil, o projeto Vanguarda 2.0 – que traria um adicional de 2,3 milhões de toneladas de celulose ao mercado. A empresa previu que os investimentos nas áreas industrial e logística do projeto totalizariam R\$ 10 bilhões. Contudo, até o momento, a expansão não foi realizada.

**76.º FATO** - Provando que o setor estava aquecido, após esses anúncios em destaque, em agosto de 2017, na reportagem de capa, foi anunciado o nascimento da Ahlstrom-Munksjö. A fusão entre as duas empresas levou a um total de 41 unidades fabris espalhadas pelo mundo, dando início a um novo momento da companhia que se fortalecia como líder em diferentes segmentos de papéis especiais. Em novembro do mesmo ano o projeto Horizonte 2, da então Fibria, que passou a ser da Suzano Papel e Celulose atualmente, era destaque da reportagem de capa.

**77.º FATO** - Em dezembro 2017 a WestRock anunciou seus 75 anos de atividades no Brasil e a construção de uma nova fábrica no interior de São Paulo. A fabricante de papel e embalagens de papelão ondulado investiu US\$ 125 milhões destinados à construção de uma nova planta de embalagens de papelão ondulado em Porto Feliz-SP.

**78.º FATO** - O setor, que já tinha avançado com diversos projetos

**78.º FATO**

**Klabin antecipa o futuro com seu novo Centro de Tecnologia**

Klabin anticipates the future with its new Technology Center

**ENTREVISTA** **MANUEL ALCALA, NOVO CEO DA SHURETT KAPPA BRASIL, FALA SOBRE A ROTA DO CRESCIMENTO DA EMPRESA E O MERCADO DE EMBALAGENS**

**ARTIGO TÉCNICO** **Coluna Tributação Na Tributação e Na Análise**

**COLUNA ESTRATÉGIA & GESTÃO** **Desempenho das Exportações Brasileiras de Celulose e Papel**

58 Revista O Papel - fevereiro/Dezembro 2017

nos últimos anos, prosseguiu crescendo ainda mais em busca do desenvolvimento tecnológico. A edição de fevereiro de 2018 trouxe a Klabin com destaque de capa, apresentando seu novo Centro de Tecnologia com as pesquisas em biotecnologia tendo destaque. A empresa tem se sobressaído nas pesquisas em biotecnologia e investido cada vez mais nesse mercado. O aporte realizado em Pesquisa e Desenvolvimento & Inovação somou R\$ 70 milhões em três anos. O Centro de Pesquisa construído pela Klabin está localizado na planta de Telêmaco Borba-PR e foi idealizado para centralizar as pesquisas da área industrial, em sete especialidades, divididas em outros dois grandes grupos: um de manejo florestal, que envolve as áreas de fitossanidade, nutrição, silvicultura, e ecofisiologia, e outro de melhoramento, que inclui a área de melhoramento de pinus, melhoramento de eucalipto, biotecnologia e clonagem.

CAPÍTULO 8 - 2010 A 2019

**79.º FATO** – Entramos na *O Papel* deste ano do aniversário dos 80 anos e já trazendo notícias positivas sobre o setor de celulose e papel na edição de janeiro de 2019. Na capa desta revista que abriu este ano está a reportagem sobre a Ahlstrom-Munksjo e seus novos investimentos em papéis especiais. No mês seguinte, em fevereiro de 2019, mais uma boa notícia para o crescimento do setor e ganho de competitividade: a WestRock apresenta seu projeto de expansão de capacidade de produção da fábrica de papel de Três Barras-SC, destinado ao atendimento das fábricas próprias de papelão ondulado e ao mercado de papel *kraft* de alta performance.

Depois de começar o ano com destaques de investimentos de empresas no setor papelreiro, a edição de março de 2019 abordou o atual momento político-econômico do Brasil e suas perspectivas de crescimento para este ano, passando

**79.º FATO**



**80.º FATO**

**REPORTAGEM INSTITUCIONAL**

Por Thais Santi  
Especial para *O Papel*

Read this content in English at [www.revistaopapeldigital.org.br](http://www.revistaopapeldigital.org.br), see left sidebar: Publications / Leia este conteúdo em Inglês em [www.revistaopapeldigital.org.br](http://www.revistaopapeldigital.org.br) na aba lateral esquerda: Publicações

Esta operação dará origem à quarta companhia mais valiosa do Brasil

## SUZANO S.A.: NOVA GIGANTE DO SETOR ENTRARÁ EM OPERAÇÃO A PARTIR DE JANEIRO DE 2019

Suzano terá capacidade anual de produção de 11 milhões de toneladas de celulose de mercado e 1,4 milhão de toneladas de papel

**A** Suzano Papel e Celulose S.A. e a Fibria Celulose S.A. comunicaram, no dia 29 de novembro último, o encerramento da fase de avaliação concorrencial pelos órgãos reguladores, com a aprovação da União Europeia, da operação que dará origem à quarta companhia mais valiosa do Brasil (excluindo empresas financeiras). A decisão finaliza o processo de análise sobre a validade do acordo, avaliado pela União Europeia desde 9 de outubro de 2018.

Agora, as empresas estão prontas para finalizar a reorganização societária pela combinação das operações e bases acionárias, prevista para 14 de janeiro de 2019. Mas a nova diretoria, que assumirá a gestão a partir desta data do próximo ano, já foi anunciada em 30 de novembro passado, durante conferência com os jornalistas e os executivos: Walter Schalka, CEO da nova empresa, e Marcelo Bacci, diretor financeiro e de Relações com Investidores. **(Veja quadro em destaque)**

Além das nomeações anunciadas, outros detalhes importantes foram comunicados ao mercado, entre eles, conforme exigência da União Europeia, a antecipação de 2021 para 2019 da rescisão do contrato entre a Fibria e a Klabin no fornecimento de celulose de fibra curta. Bacci explicou que essa rescisão aconteceria de qualquer forma. Também acrescentou que “não impacta as operações da empresa e que será oferecido suporte à Klabin nesse processo no que diz respeito à transição em transporte, armazenagem e equipe”.

Outro ponto, este destacado por Schalka, foi a opção apresentada pela Suzano para o próximo ano, excepcionalmente, para que os clien-

60 Revista *O Papel* - Dezembro/December 2018

pelo balanço de resultados das empresas no ano passado. “ Cenário econômico de 2019 traz boas perspectivas à indústria nacional”, diz o título da matéria, que ainda afirma que a economia brasileira deve apresentar um crescimento de 2,7% em 2019, impulsionada pela expansão de 3% da indústria e de 6,5% do investimento. O consumo das famílias, outro importante motor do crescimento,

deve registrar um incremento de 2,9% este ano. As perspectivas estão listadas no Informe Conjuntural – Economia Brasileira, divulgado pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) em dezembro último. Além das estimativas positivas para o ano, o Informe Conjuntural da CNI aponta que há espaço para um crescimento maior e sustentado.

Nesse cenário do Brasil, nós resgatamos do final do ano passado para indicar como o 80.º e mais promissor FATO de posição do se-

tor de celulose no *ranking* mundial uma reportagem da *O Papel* de dezembro de 2018 sobre a aquisição da Fibria pela Suzano Papel e Celulose. No dia 29 de novembro do ano passado ocorria o encerramento da fase de avaliação concorrencial pelos órgãos reguladores, com a aprovação da União Europeia, que deu origem à quarta companhia mais valiosa do Brasil (excluindo empresas financeiras) – a Suzano S/A. A decisão finalizava o processo de análise sobre a validade do acordo, avaliado pela União Europeia desde 9 de outubro de 2018, e as empresas poderiam finalizar a reorganização societária pela combinação das operações e bases acionárias.

**80.º FATO** – A data oficial prevista para entrar em operação a Suzano S/A. foi 14 de janeiro de 2019. “Nascia, então, a SUZANO S/A: a nova gigante do setor”, publicou a *O Papel* no início deste ano para reforçar o editorial de notícias de 80 anos de circulação da revista no mercado. Trata-se da maior produtora global de celulose branqueada de fibra curta de eucalipto, sendo agora responsável por levar ao mercado 11 milhões de toneladas de celulose por ano. Ou seja, no final da história, não só o Brasil conquistou sua autossuficiência na produção de celulose, como também ganhou o primeiro lugar no *ranking* de produtores de celulose fibra curta de eucalipto com uma produção total de 21 milhões de toneladas por ano, conforme dados da Indústria Brasileira de Árvores (IBÁ), graças a todos os esforços de tantas e tantas empresas e seus dirigentes que sonharam e realizaram os mais desafiadores projetos que um segmento industrial foi capaz de fazer pelo seu crescimento, deixando de lado a crise, para criar

SITE DA KLABIN



as próprias oportunidades que o levaria ao reconhecimento atual. Nesta edição, em *Entrevista*, você confere o SUZANO DAY e as mais recentes informações sobre a quarta companhia mais valiosa do Brasil (excluindo empresas financeiras).

E assim finalizamos nossa história com os 80 fatos mais relevantes publicados pela *O Papel* em 80 anos, agradecendo a todos os nossos patrocinadores da Campanha *O Papel 80 Anos* até o fechamento desta edição: **Kemira, Klabin, Solenis, Suzano e Voith** e deixamos também antecipados agradecimentos àqueles que se juntarão a nós este ano nesta base de construção do futuro da *O Papel*. Sinceros agradecimentos a Universidade do Papel com seu apoio

### ... 81º - FATO

COMO TODO FIM TEM UM NOVO COMEÇO, ESTA HISTÓRIA DOS FATOS MAIS RELEVANTES DOS 80 ANOS DA REVISTA *O PAPEL* CONTINUA A PARTIR DE AGORA COM O ANÚNCIO, EM 16 DE ABRIL DE 2019, DA APROVAÇÃO DO INVESTIMENTO PELA KLABIN S/A. NO PROJETO PUMA II. O APORTE DE CAPITAL É ESTIMADO EM R\$ 9,1 BILHÕES, CONTEMPLANDO A CONSTRUÇÃO DE DUAS MÁQUINAS DE PAPEL NO PARANÁ, NO MESMO SITE, ONDE ESTÁ INSTALADO O PROJETO PUMA, NO MUNICÍPIO DE ORTIGUEIRA-PR. A CAPACIDADE DE PRODUÇÃO TOTAL DAS NOVAS MÁQUINAS SERÁ DE 920 MIL TONELADAS/ANO DE PAPÉIS PARA EMBALAGEM (KRAFTLINER).



nas obras de arte em papel sorteadas durante a Campanha *O Papel 80 Anos* e brindes, que serão entregues aos nossos apoiadores! ■





## Não é todo dia que uma revista completa 80 anos – e vira notícia.

Completar 80 anos de mercado é uma pauta e tanto. Ao celebrar este importante marco, a Revista O Papel se torna a notícia. Para escrever seu futuro, soube se reinventar como veículo de comunicação com o propósito de continuar a registrar – em outros formatos digitais, além do impresso – a evolução da indústria do Papel e Celulose.

A Voith se orgulha em fazer parte desta trajetória de muitas edições, e parabeniza uma das principais publicações do setor por esta conquista, com a certeza de sempre contribuir com novas histórias – inspiradas por transformações e pela inovação – que há mais de 150 anos colocam a companhia na vanguarda do nosso mercado.

[voith.com](http://voith.com)

**VOITH**  
Inspiring Technology  
for Generations